

também chamado a cruz de Deus ⁽¹⁾ tanto para pessoas que querem viver bem no mundo como para as Filhas da Caridade que desejam guardar a Castidade, é cortar com as visitas, não recebendo nem fazendo nenhuma, senão em caso de necessidade, como já dissémos:

Além disso, é mister, que prometam a Deus Nosso Senhor, não permitir a entrada dum homem nos vossos aposentos, nem mesmo a sacerdotes ainda que fosse eu, porque era proceder contra a vontade de Deus e o vosso consentimento ofendê-LO-ia, assim como eu também O ofenderia.

Diz o artigo 29.º das vossas regras: «E porque o Superior ou a Superiora não podem remediar as desordens que se dão na Comunidade, sem as conhecer, e porque sem esse conhecimento a Companhia corria o perigo de perecer, cada uma terá o cuidado de humildemente avisar o Superior ou Superiora das faltas grandes que notem em suas Irmãs.»

Minhas Irmãs, isto fala por si mesmo. Bem o compreendeis. Não pode ser, numa Companhia em que se reúnem diversas pessoas para servirem a Deus, que se não cometam faltas e, às vezes, notáveis. A nossa fraqueza e o demónio que sempre rodeia à nossa volta, são a causa de fazermos coisas que nunca deveríamos fazer. Assim aconteceu na Companhia de Nosso Senhor, e não há nenhuma, por mais santa e perfeita que pareça, onde não se cometam faltas, de modo que temos de contar que o mesmo nos suceda. Ora, se esse mal se mantivesse oculto não se poderia dar-lhe remédio e a Companhia chegaria a perecer. Há por exemplo, uma pessoa que tem um cancro no peito. Se o não disser, ninguém o saberá e o mal, com o tempo, chegará a tal extremo que lhe ocasionará a morte porque não se lhe deu remédio. Assim, minhas Irmãs, se numa Companhia há quem encubra o cancro que mina a sua alma, é mister que as que o conheçam o descubram, ou então perecerá a Companhia. Muitas vezes as que sofrem este mal, ou se acham perturbadas com grandes tentações, não o dizem ou se o fazem é a alguma confidente com a sua maneira de pensar.

Minhas Irmãs, raras vezes acontece haver alguém que diga às próprias faltas se não tiver muita virtude, porque é certo que há almas, e sei de algumas, que não poderiam sofrer nada interiormente sem manifestá-lo aos seus Superiores.

São almas que não fazem parte da massa corrompida da carne

(1) Alfabeto para aprender a ler, assim chamado porque o título é ordinariamente armado duma cruz.

e do sangue senão que desejam muito a sua perfeição. Não temeis que calem alguma coisa à Superiora se fôrem do vosso sexo, ou ao Superior se forem do nosso. Porque há poucas destas almas; é necessária uma regra que obrigue a revelar as faltas mais notáveis que se vêem nas companheiras. Pois, quando há algumas que querem ser estimadas não dizem nunca as suas faltas e como o Superior ou Superiora as ignora não as repreendem, e as outras fazem, então, o mesmo dizendo: «Vêde, aquela Irmã que faz tal coisa e não a repreendem, é sinal de que não é mal, porque senão proibiam-na.»

Deveis, pois, avisar a Irmã que comete tais faltas, porque a pessoa assim poderá emendar-se com a vossa advertência, e segundo porque à Companhia afecta o escândalo quando as faltas não são corrigidas. Uma Superiora não pode ver tudo o que se passa em todo o lugar. Que remédio aplicar a este mal? O remédio, minhas Irmãs, é que é necessário avisar o Superior ou a Superiora, não digo nas coisas que não têm importância mas em faltas grandes. Por exemplo: uma Irmã está tentada a deixar tudo, censurará a maneira como está governada a Companhia e sobre o assunto falará com frequência com outra. As que o souberem devem avisar os Superiores e dizer-lhes: «Há algumas particularidades em tais Irmãs; falam-se muitas vezes», ou então. «Parece-me que tal Irmã vacila um pouco na vocação.» E se acontecesse por desgraça, que alguma ficasse com dinheiro, é necessário avisá-lo, pois, se tal acontecesse, estai certas que isso seria motivo para a Companhia perecer. E, chegando-se a saber, era certo que todos diriam que as Filhas da Caridade negociavam à sombra dos pobres.

É necessário vigiar as que poderiam proceder assim, porque logo que uma assim fizesse, toda a Companhia sofreria por esse pecado, em virtude do escândalo que dele receberia. Que devemos fazer para evitar tão grande mal? Apenas haja conhecimento de faltas notáveis contra as regras, dissei à Superiora o que sucede, sobretudo se alguma fica com dinheiro, pouco que seja, porque quando se consentir esse pecado entre vós, breve a Companhia ficará em nada; e apenas se verifique tão grande falta numa paróquia, sereis, todas consideradas por pessoas pouco sérias que se apropriam dos bens dos pobres; e dirão que se de princípio o tivessem sabido lhe teriam dado o remédio. É tudo o que o mundo dirá.

Mas há também outras faltas que deveis comunicar prontamente. Por exemplo, uma Irmã falta à regra deixando entrar homens nos seus aposentos. Uma outra fará o mesmo se ninguém o revelar, porque pensará: «A Irmã X faz isto e não lhe sucedeu

mal algum, porque não farei também o mesmo? É o escândalo na Companhia. Assim, se a Superiora o souber, dar-lhe-á o remédio. Não o sabendo, nada pode dizer. Depois a Irmã continua. Logo outras dirão: Aquela Irmã faz isso há tanto tempo, e que mal lhe aconteceu? E este irá aumentar-se e quem o sabe há-de dar contas a Deus, por se tornar culpada diante de Deus desse mal, por não dar parte dele à Superiora. Como? Vêdes uma Irmã que ofende a Deus e ficais muda?! Um mudo! Um mudo! É o termo que usam os teólogos para designar a quem se faz mudo, tolerando o mal sem o impedir e assim é cúmplice do mal que os outros fazem por não avisar aqueles que poderiam dar-lhe remédio.

Cumpra, pois, minhas Irmãs, ir ao Superior ou Superiora sem dizer nada à Irmã que comete a falta, porque se a avisais, certamente que não se preocupará. Se fizerdes o que digo em espírito de caridade, tereis mérito, pelo serviço tão útil que prestais a toda a Companhia; se o não fizerdes causareis a morte daquela alma. Porque, vêde minhas Irmãs, assim se podem matar as pessoas de duas maneiras: uma dando-lhes um golpe de morte e outra subtraído-lhe as coisas necessárias à conservação da vida. Assim é na vida espiritual, prejudica-se a alma de duas maneiras: primeiramente, ocultando o mal, segundo, subtraindo o que lhe é necessário para viver, quer dizer, tirando-lhe o remédio que as regras vos ordenam lhe proporcionéis pelos conselhos que os Superiores lhe dariam se conhecessem as suas necessidades e as orações que fariam a fim de lhe obter a graça de se emendarem.

Por este motivo, é muito importante que prometais a Deus guardar esta regra. E estai certas que se a observardes o mal não durará muito tempo porque lhe será aplicado o remédio. No caso contrário, se o não fizerdes, a Companhia perecerá por falta de remédio conveniente.

Por isso, quando na presença de Deus, vos considerardes obrigadas a declarar aos Superiores as faltas das vossas Irmãs, deveis ter o cuidado de o fazer com toda a caridade e sem exagero. Como fareis, então? Nada tereis a recear se fizerdes assim: primeiramente pedi a Deus conselho sobre o que haveis de dizer e orai assim: «Meu Deus, concedei-me a graça de saber se devo ou não comunicar esta falta.» Depois se vos parecer que o mal cometido pode ser prejudicial à Companhia, avisai quanto antes os Superiores, como manda a regra. Mas quando se tratar de coisas de pouco valor, nem sempre é preciso comunicá-lo. Mas é preciso pensar diante de Deus: «Se me calar, não farei mal à minha companhia?» E, se depois de assim ter pensado julgardes que a dita

falta deve ser comunicada. Dizei: «É preciso que, quanto antes, eu avise a Superiora desta falta.»

Será conveniente examinar se não existe qualquer motivo de inveja a aumentar o mal que vos parece ver. Se sentirdes alguma antipatia contra a vossa Irmã porque o vosso feitiço não dá com o dela, então não comuniqueis a falta antes de ter passado a paixão, porque nunca se deve avisar com aversão. Por outro lado se sentirdes dificuldade em comunicar aos Superiores as coisas que vale a pena, perguntai a vós mesmas: «Porque tenho eu esta dificuldade? Porque me custa comunicar esta falta? Não será por ter demasiado affecto à minha Irmã?» Se vos parece que sim, pedi a Deus que vos inspire o que deveis fazer e no dia seguinte examinai a que estais mais inclinada. «Deverei dizê-lo? Por um lado parece-me que sim, por outro lado parece-me que não.» Porque às vezes juntam-se estes dois sentimentos. Se dois dias depois continuais na mesma disposição, perguntai a vós mesmas: «Que quereria ter feito à hora da morte?» Não há dúvida que à hora da morte antes querieis ter avisado a quem estava em perigo de perder a salvação; então, o que querieis ter feito, executai-o agora. Cumpre, pois, avisar vencendo a repugnância que possa haver; olhai, Irmãs, que isto é um negócio de muita importância para o bem estar da Companhia e para que cada uma cumpra o seu dever, o que não se conseguirá senão por meio de avisos. O Conselheiro da Corte que saía de casa quando eu para aqui me dirigia, disse-me: «Vi duas das suas filhas, uma levava um cesto e outra a marmita dos doentes. Observei que uma ia com uma modéstia tão grande que não levantou os olhos.

Como a modéstia daquela Irmã edificou este homem! Se tivesse visto o contrário, ter-se-ia escandalizado. Dai graças a Deus de que entre vós haja Irmãs que são motivo de edificação, e ficai certas que se alguma coisa há que importe, é comunicar aos Superiores logo que haja motivo para se recear o escândalo ou qualquer outro mal. Se assim o fizerdes, merecereis que o Senhor continui derramando as Suas graças sobre toda a Companhia e cumprireis o que é aconselhado no Evangelho, que manda cuidarmos uns dos outros. Sêde, pois, fieis nisto e Deus Vos abençoará. Cada Irmã será cuidadosa em advertir os Superiores, humilde e caridosamente.» Oh! Esquecia-me disso. Quando julgardes estar obrigadas a avisar os Superiores ou a Senhora Le Gras dos defeitos das companheiras, fazei-o humildemente, pensando que cometeis ainda faltas maiores. Ai de mim! Essa falta aparece exteriormente na minha companheira, mas interiormente tenho outras bem maiores, etc. E, com este espírito de humildade dizei: «Senhor custa-me muito revelar tal coisa». Não se deve au-

mentar o mal, nem desculpá-lo, mas dizer a verdade tal como desejaríeis que o dissessem tratando-se duma falta que tivésseis cometido.

Convém sobretudo fazê-lo na devida oportunidade. Minhas Irmãs, ao tratar-se dum aviso, que seja feito conscienciosamente considerando antes se as faltas de que se quer falar têm ou não importância. São faltas consecutivas ou de vez em quando? É preciso, então, ver a qualidade da falta. Se é por enfermidade ou da espécie daquelas de que acabamos de falar, como por exemplo, tirar dinheiro, ou ir contra as Regras que proíbem a entrada de homens nos aposentos. Se uma Irmã está tentada e o comunica a outras, as que disso tiverem conhecimento devem dizê-lo à Superiora a não ser que a Irmã o diga para pedir conselho. Trata-se, por exemplo, duma Irmã virtuosa a quem se dirige com affecto como que pedindo conselho: «Minha Irmã, sinto-me tentada contra a vocação, diga-me, peço-lhe, o que devo fazer.» Neste caso, para saber se o há-de revelar deve pensar no assunto e encomendá-lo a Deus.

A Regra continua: «Levarão a bem que as suas faltas sejam manifestadas ao Superior ou à Superiora e receberão de bom agrado os avisos que lhe fizerem, tanto em público como em particular.»

Quer isto dizer, minhas Irmãs, que deveis prometer a Deus, e eu convosco, aproveitar os avisos que nos sejam dados pelo Superior ou Superiora, referente às faltas que cometemos. É muito difficil não cair em faltas, até os mais perfeitos caem muitas vezes, mas o que importa é que, quando uma Irmã as tiver cometido leve a bem que a repreendam.

— Dirá alguma: «Ah! menina, são estes os frutos duma pobre pecadora como eu. Peça a Deus por mim, para que a Divina bondade me ajude a corrigir.» É assim que deveis proceder e pedir a Deus esta graça: «Concedei-me, meu Deus, a graça de receber bem todos os conselhos que me possam ser dados.» Porque, verdadeiramente, não é uma hipérbole dizer que Deus fala pela boca dos Superiores. É Nosso Senhor que o diz nestes termos: «Quem vos ouve, a mim ouve e quem vos despreza a mim despreza.» (S. Lucas, X, 16). Pois, não fazer caso dos avisos dados pelos Superiores, é desprezá-los. Se uma Irmã responder quando a avisarem: «Não sei, quem vos contou isso, certamente é alguém que antipatiza comigo. Ouvis com demasiada facilidade as histórias que vos contam.» Minhas Irmãs, é assim que procedem as imperfeitas, porque uma alma humilde não se desculpa. Logo que lhe falam das suas faltas, acusa-as simplesmente.

Mas poderá dizer: «Mas se não for verdade, que se deve fa-

zer?» Minhas Filhas, se se tratar de coisa importante, a Irmã fará bem em receber a correção com humildade sem se desculpar. Mas será conveniente que alguns dias depois, não imediatamente, diga; «Senhora Le Gras, pratiquei um acto de humildade mas devo dizer a verdade. Pela graça de Deus não me lembro de ter cometido a falta que fez a caridade de me avisar em tal dia.»

Minhas Caríssimas Irmãs, quereis ser perfeitas? É este o caminho para o conseguir, e, para serdes santas como devem ser as verdadeiras Filhas da Caridade. Para isso, basta a observância das Santas Regras. Aproveitai os meios para serdes santas (creio que aspirais a isso e assim o dizem as vossas Regras); pois guardando-as sê lo-eis, segundo a expressão do Papa Clemente VIII, a quem me referi a última vez. «Canonizarei sem outras; rovas, aquele que guardar as Santas Regras.» O meio, pois, de alcançarmos a perfeição, vós e eu, (ai de mim, miserável, quanto estou longe dela), o verdadeiro meio é a observância das Regras. São estas o navio em que, com toda a felicidade, passareis deste mundo ao outro. É o canal pelo qual Deus vos concederá todas as graças enquanto Lhe forderdes fiéis. Por esta razão o espírito maligno, fará todos os esforços para vos afastar da sua observância. Umás serão tentadas a não se importarem com as obrigações duma Filha da Caridade, outras a confiarem-se de maneira diferente, outras ainda, a não terem em conta as faltas às Santas Regras, e, desleixando-se, a pouco e pouco, chegarão a um tal extremo de liberdade, que atraioçarão todas as vossas santas práticas. E porquê? Porque desprezaram a observância das Regras. Não digo que isto suceda logo, mas a infidelidade, principalmente nesta Regra, chegará a este resultado.

Há algumas Irmãs que as observarão até mesmo com risco da própria vida. Imitai-as, minhas Filhas, vencendo animosamente as dificuldades que possam sobrevir. Poderá haver maior consolação do que fazer a vontade de Deus? Aqueles que a cumprem, bem sabem que é uma contínua felicidade, e as que a não cumprem, têm motivo para permanente tristeza, aborrecimento e desdita. porque para onde quer que se voltem, sentirão a contínua censura da consciência, como testemunho irrefutável. Assim, dir-lhe-à: «Irmã, não guardas as tuas Regras e prometestes a Deus observá-las; vê a Irmã X., apesar de débil de corpo. observa-as fielmente. Porque te não vences nisto ou naquilo! Ah! desditosa! Quando as observarás! Olhai, se não guardais as vossas regras, preparai-vos para sentir um contínuo remorso e estai certas de que não gozareis verdadeira consolação enquanto não prometerdes ser fiel. E aquelas que as observam, dizei, não é verdade, que nada há que satisfaça tanto uma alma como fazer

o que Deus lhe pede? Recordai as nossas Irmãs que já chegaram à presença de Deus e o que dissemos na Conferência a seu respeito. Tinham tanto cuidado em guardá-las que nunca faltavam, ou se, por fraqueza, cometiam alguma infidelidade, imediatamente se arrependiam. E temos que confessar que eram tão edificantes que mereceram a publicação das suas vidas. Sim, minhas Irmãs, digo-vos cheio de ternura e consolação, se tivessem vivido na época de S. Jerónimo, ele teria escrito as suas vidas, porque este santo se comprazia em recolher as vidas dos cristãos do seu tempo, notáveis por sua virtude, especialmente as das jovens.

O tempo é pouco, minhas Caríssimas Irmãs. Ânimo, pois! Aproveitai os meios que tendes para chegardes seguras ao porto que elas atingiram. Ainda que vivamos vinte anos, o que é isso? Já não temos tanto a viver. Primeiramente aos velhos, como eu, já pouco falta. Já não posso viver muito tempo. Mas os novos podem morrer breve e como assim é, utilizamos o tempo que nos resta dando-nos a Deus pela observância das nossas Regras e confiemos na Sua bondade. Se assim o fizerdes, a Companhia da Caridade será agradável a Deus. Será com prazer que derramará as suas bênçãos sobre ela e permitirá que seja motivo de edificação para todos, enquanto procurardes ser verdadeiras Filhas da Caridade. Confiai, minhas caríssimas Irmãs, que se assim fôr, a pequena Companhia irá crescendo como a aurora, e servireis de exemplo às Filhas da Caridade que vos sucederem, as quais, imitando-vos, se portarão como verdadeiras Filhas da Caridade. Assim, a Companhia irá progredindo em santidade. É o que espero da divina bondade pelo Seu Nascimento. Peço-Lho, pelo desígnio eterno que teve de fundar uma Companhia de pobres jovens e pelas graças que tem concedido a esta Companhia. Está é a súplica que faço a Nosso Senhor.

91 — CONFERÊNCIA DE 30 DE DEZEMBRO DE 1657

RELAÇÕES COM OS EXTERNOS, MURMURAÇÕES, MALEDICÊNCIA

(Regras Comuns art. 30, 31, 32)

Minhas Irmãs passo a explicar a 30^a. Regra. Mas antes de tudo persuadi-vos bem de que, assim como os que querem passar um rio, só o podem fazer se houver uma ponte ou um barco e os que querem atravessar o mar não o farão se não houver o navio,

assim também, minhas Caríssimas Irmãs, as que desejam navegar no mar proceloso deste mundo e chegar à perfeição que conduz ao Céu, necessariamente hão-de embarcar na barca da Igreja, guardando a lei de Deus.

Isto hão-de fazer os que vivem no mundo; os outros devem, além disso, guardar as Regras da Comunidade a que são chamados. É este o caminho da salvação para vós. E, não é só isto, pois se guardais as Regras, sereis grandes santas. Que seja maior a vossa preferência em as observar que de viver, porque embora se possa desejar a vida, é certo que acabará, e as Santas Regras são caminhos seguros para darmos a Deus a Glória que Lhe é devida e para chegarmos à Bem-Aventura, que não terá fim. Ah! É este o nosso grande negócio, minhas Caríssimas Irmãs, a isto sois chamadas e é a isto que deveis chegar. Ora bem, o melhor meio para o conseguir é proceder de maneira que todas as Filhas da Caridade sejam santas. Guardai as vossas Regras porque são santas e todas tendem seguramente a fazer-vos santas; a Irmã que as observe fielmente pode estar certa da sua felicidade neste mundo e no outro.

Exposto isto vou ler a 3.^a Regra.

«Como a convivência mal regulada com os externos pode ser prejudicial à sua pureza e à sua vocação de Filhas da Caridade, tanto como pode ser vantajosa e meritória quando se faz por obediência e para cumprir os deveres para com os pobres, enquanto estiverem nos seus aposentos não falarão a pessoas externas, particularmente de outro sexo, nem as deixarão falar com nenhuma Irmã sem licença da Superiora ou da Irmã Servente, se for nas outras casas.»

Esta Regra resume-se em dois pontos: As das paróquias não enviarão recado algum pelas Irmãs daqui para nenhum externo, sem licença da Superiora, ou da Irmã Servente, tratando-se das outras casas.

Esta Regra manda às Irmãs desta Casa, que não dêem recado algum a ninguém de fora, se não for por ordem da Superiora, e, para isto, é mister duas coisas:

A primeira é que os Superiores para governarem bem, hão-de saber tudo que se passa nas suas casas. É muito importante para o bom andamento da Companhia que o Superior ou Superiora tenha conhecimento dos que querem falar às Irmãs.

Mas, porque motivo? A razão é por que há pessoas que sob pretexto de verem uma Irmã que conhecem, procurarão falar com outra e enviarão recados por ela. Assim, saber-se-à quem são as pessoas que pretendem falar às Irmãs. O que aconteceria se não se fizesse desta maneira? O seguinte: Uma Irmã que ti-

vesse permanecido numa paróquia onde havia um médico, um cirurgião, por exemplo, com quem tivesse contraído familiaridade e a viessem visitar à outra paróquia, teria de atênde-los e talvez de os fazer entrar nos seus aposentos, o que serviria apenas para perder tempo.

São os inconvenientes da não observância desta Regra. A experiência diz-nos, caríssimas Irmãs, que às vezes sobrevêm estes males às Comunidades e que as visitas dos externos podem causar muitos prejuizos. Assim aconteceu na Visitação, onde se notou que as Irmãs que falavam com os externos sofriam de perturbações de espírito. E o mesmo pode acontecer entre vós, se os Superiores se não acautelarem. Razão por que os Superiores das Comunidades têm de mandar que se não fale sem licença, e, esta Regra proíbe-o dizendo que nunca uma Irmã desta Casa envie recados a externos, nem fale a quem quer que seja, sem licença, principalmente a pessoas de outro sexo, como, por exemplo, presentemente que há aqui operários. Oh! Minhas Irmãs, que nenhuma fale a nenhum operário, nem para saber novidades, nem para dar recados. Peço-vos que tenhais muito cuidado. Compreendeis bem; basta que vos diga que não deveis falar com os de fora, principalmente com pessoas de outro sexo, sem autorização da Superiora.

Deveis fazer, minhas Filhas, como nas cidades que estão nas fronteiras. O Governador manda fazer a guarda, não só para que o inimigo as não possa tomar, mas também para que nenhum estrangeiro entre na cidade sem autorização. E quando algum chega, dizem-lhe: Que deseja, Senhor? Depois é levado ao Governador que o interroga sobre o motivo da sua viagem. Se infunde suspeita, não lhe é permitida a entrada. Nas cidades em que não são exigentes, entra-se facilmente, mas é imposto o lugar para onde se deve ir. Dão um bilhete e indicam a pousada de alojamento. E ninguém ousaria receber um estrangeiro sem esse bilhete porque se sabe por experiência, que quando o inimigo tenciona tomar uma cidade, vai mandando os seus pouco a pouco, e, assim sem darem conta, os nativos com pretexto de negócios facilitam aos inimigos a tomada da cidade. Assim se verificou na primeira tomada de Amiens. Se, para conservarem as cidades em que se perderiam só os bens temporais, ou a vida, se usa de tanto rigor a ponto de não se permitir a entrada a ninguém sem licença do Governador, considerai, minhas Irmãs, se vós, Esposas do Senhor, não tendes a temer tudo que possa dar ocasião ao inimigo de vos fazer sua presa?

O quê? Uma Esposa de Nosso Senhor não temer? Sim, minhas Irmãs, sois Esposas, e Ele quis declarar-se Esposo. Mas de

quem? Vosso! Que tudo deixastes para serdes Suas. Mas é um Esposo cioso. «Eu sou um Deus cioso», diz a Sagrada Escriitura. Sim, é cioso das Suas Esposas. Por isto haveis de estar sempre atentas e reconhecer a necessidade de guardar esta Regra, porque não se trata aqui sòmente da vida temporal, mas da vida eterna e do bom Govêrno da Companhia. Julgai, Caríssimas Irmãs, quanto importa que tudo se saiba e que as Irmãs não tenham trato algum com os externos, sem conhecimento dos Superiores.

Por isso, Nosso Senhor tudo conhecendo, para evitar a realização de alguma coisa menos digna entre os da sua Companhia, enviava os Seus Apóstolos dois a dois. E para quê? Para que um visse o que outro fazia e fossem mutuamente testemunhas dos seus actos. Conhecia a fraqueza humana e quanto é perigoso o trato com o mundo, sobretudo com o outro sexo! Mas fez mais ainda: Prohibiu os Apóstolos de saudarem alguém nos caminhos; nem parentes nem amigos? Porquê? Porque sabia que a saudação é um meio de se deter a falar com aqueles a quem se dirige. Ora, como Nosso Senhor sabia tudo isso, quando enviava para o mundo os Apóstolos advertiu-os das surpresas do inimigo, a fim de as evitarem. Dizia-lhes: «Guardai-vos do fermento dos fariseus (S. Mateus XVI, 6) guardai-vos dos que vêm a vós cobertos com peles de ovelha, e que por dentro são lobos vorazes.» (S. Mat. VII, 15). Se o Filho de Deus, recomendou aos Apóstolos que não falassem aos de fora, nem mesmo aos fariseus, embora sábios, para que não se contaminassem com as suas máximas, vêde se não tenho muita razão em recomendar-vos isto, e se não devem dar graças ao Espírito Santo por terdes umas regras tão semelhantes às que Nosso Senhor deu aos seus discípulos.

Mas há mais. Dizia-vos ultimamente que não é permitido às Filhas de Santa Maria falarem com outra Irmã da mesma Ordem sem licença da Superiora. E, se alguma o fizer, comete uma falta grave que é punida severamente. E porquê? Porque o Bispo de Genebra, fundador desta Ordem, e a Senhora de Chantal sabiam por experiência que havia muitos inconvenientes se as suas Filhas comunicassem umas com as outras. Por isso, julgaram necessário proibi-lo expressamente e juntaram esta Regra às que já tinham dado. Minhas Irmãs, esta Regra é tão importante que as casas onde é observada fielmente, são um paraíso. Ao contrário, as casas onde ela não é observada, são um inferno, porque as notícias que sabemos desta pessoa ou daquele lugar, nunca deixam, cedo ou tarde, de produzir mau efeito, inspirar inquietação, causar murmurações e aversões. E, assim, temos um inferno em miniatura. Diz a vossa Regra que não deveis falar seja com

quem for, sem licença da Superiora, se for aqui, ou da Irmã Servente, se for nas paróquias. Se ela não estiver e pedir para falar à Companheira, esta deve descer, ouvir o que desejam e responder com brevidade. E, logo que regresse a Irmã Servente deve contar-lhe o que lhe foi dito. É assim que deveis fazer.

Poderá alguma dizer: «O quê? Não falar a um parente? A um estranho, ainda se tolera, mas a uma pessoa conhecida, a quem talvez se devem obrigações, é muito duro! Não lhe parece, Senhor demasiado austero?» Absolutamente nada, pois foi assim que Nosso Senhor procedeu com os Apóstolos! Caríssimas Irmãs, entre vós, as almas boas não o dirão; ao contrário, bendirão a Deus por se encontrarem num lugar onde se prevê o mal antes de suceder; longe de pensarem que é austera, dirão ao contrário: Quão boa é a Companhia! «Não seremos capazes de praticar o mal, pelo cuidado que têm em levar-nos a evitar as ocasiões.» E, ainda que à natureza pareça duro, não o é tanto como a Regra das Filhas de Santa Maria. Prometei, pois, a Deus guardar bem esta Regra porque é um meio de alcançar a perfeição. Sabeis a sua importância.

Quando procuram uma Irmã, é à Senhora Le Gras que compete dizer se — sim ou não — ela pode falar. Se for um homem, a Irmã que atendeu deve dizer: «Queira ter a bondade de esperar um pouco»; depois deve procurar a Superiora e comunicar-lhe: Mademoiselle, desejam falar com a Irmã X, é um Senhor com tal aspecto; chama-a? Se a Superiora o julgar a propósito, dirá: «Sim, diga-lhe que vá; ou então se vir inconveniente, responderá: Diga ao Senhor que não é possível. A Irmã, procederá, então como a Superiora lhe indicou e todas devem aceitar a decisão. Se for recusada a autorização de falar, deve ficar contente por impedirem assim os inconvenientes que poderia haver, e considerar: «Estou numa Companhia, onde há todos os meios para me aperfeiçoar. Bendito seja Deus!»

Regra 31^a. — Não procurarão saber os assuntos da Casa para criticar o que se faz, principalmente para censurar o procedimento do Superior ou da Superiora ou ainda da Irmã Servente. Falar contra as Regras e bons usos da Companhia. Esta espécie de murmuração pode provocar a maldição de Deus sobre a pessoa que a faz, sobre a que a ouve com agrado, e, enfim, sobre toda a Comunidade, em virtude do grande escândalo que isso causa.

Esta Regra proíbe a murmuração, Caríssimas Irmãs, e previne que deveis evitar a crítica, relativamente ao governo da Casa e ao procedimento dos Superiores ou das Irmãs Conselheiras. Censurar o que fazem, chama-se murmurar. As que o fazem não calculam quanto custa governar. Mas, quando se vê uma

Irmã ceder à tentação que a leva a ver as coisas de uma maneira diferente, é necessário que façais a caridade de a avisar: «Meu Deus! Minha Irmã, o que está a dizer? Convençamo-nos que fazem o melhor que podem!»

Assim devem falar as que ouvem a murmuração, porque é falta grave censurar o governo da Comunidade.

Mas esta Irmã procede assim e podia fazê-lo de maneira diferente! — Isto é murmurar. Se a Superiora chamar uma Irmã dum lugar para a colocar noutro, e isto venha a ser criticado bem como as Regras, e se juntem duas ou três Irmãs a dizer: «Porque fazem isto? — Porquê aquilo? Ó minhas Irmãs, que grave! Se houver quem tenha alguma coisa a censurar das Regras e ordens dos Superiores, oh, minhas Irmãs que mal tão grande?

Porque é assim um mal tão grande? Não observar as Regras é uma coisa tão grave? Sim, minhas Irmãs. E quem o diz? O Espírito Santo! Ouvi com atenção. Diz a Sagrada Escritura que há sete espécies de pecados que Deus aborrece particularmente, sendo um deles a murmuração. Diz: Aborreço tais e tais pecados, sendo deste número a murmuração. Aborreço, diz a Sagrada Escritura, a murmuração entre os irmãos, quer dizer entre as pessoas da Comunidade e entre os sacerdotes. Sendo assim, a murmuração é maior mal do que tirar a vida. Porque aquele a quem tiram a vida pode estar em estado de graça, mas a murmuração mata a alma da Irmã que a ouve, principalmente se se tratar duma Irmã antiga. Porque dirá a outra: Tal coisa deve ser assim, porque se não fôsse esta Irmã não o diria. Donde procede que se esfrie o respeito pelos Superiores e pelas Irmãs Conselheiras? É a má impressão que lhe deixastes e talvez que nunca mais passe, porque estava o demónio nisso. A pobrezinha aturdida não chega a poder discernir se há pecado ou não, pelo facto da impressão com que ficou, lhe fazer encontrar dificuldades nas coisas mais simples. E se der com outra que lhe manifeste sentimentos parecidos com os seus, a má impressão em que estava, aumentará. Porquê? Porque já possuía essa má disposição. É assim que a opinião que uma tem da Superiora se comunica de umas para as outras. Não há nada mais deplorável do que as murmurações de umas contra as outras. São estas as desordens que a murmuração causa numa Companhia.

Disto temos dois exemplos bem patentes na Sagrada Escritura. O primeiro é da Irmã de Moisés e outro de Coré, Dathan e Abiron. Quando Moisés que governava o povo de Deus, o levou ao deserto, logo Coré, Dathan e Abiron encontraram que censurar. Disseram que Moisés era um mágico e assim murmuraram contra ele e contra as leis que Deus lhe ditou. Ora, por permissão

divina, a terra abriu-se e tragou-os o inferno, em castigo de terem murmurado ante o povo. Mas foi mais ainda, porque este perdeu a confiança que tinha em Moisés. Aconteceu que a Irmã de Moisés, chamada Maria, ao ouvir o que diziam de Moisés, que ela conhecera desde criança, e vendo as obras que fazia, chegou a pensar o mesmo. Foi castigada por Deus. Não a lançou no abismo como os outros, mas puniu-a com a lepra, sendo, por isso, mandada para o campo, onde nunca mais viu nem ouviu falar de Moisés. Foi este o castigo que recebeu.

São dois grandes exemplos que vos farão detestar a murmuração. Se caístes, fazei o propósito de não reincidir.

Há ainda o prodigioso exemplo de Judas. Encontrava sempre que criticar em tudo que Nosso Senhor fazia, chegando a censurar Madalena por ter derramado bálsamo nos pés do Senhor. E, não só censurava as acções de Nosso Senhor, mas ia às casas dos externos falar contra Nosso Senhor. Dizia que Ele não era o Filho de Deus, o que confirmou aos príncipes dos sacerdotes a opinião que tinham de que Ele era um sedutor.» O quê! Diziam, um homem que conversa com Ele, que é Seu discípulo diz isto! Oh! Se não fosse assim, ele não o diria». Foi o que os levou a condenar Nosso Senhor. E, dirigiram-se a Judas, para combinarem prendê-LO, dizendo: Que queres que te demos? Assim vendeu o Seu Mestre! Conheceis o castigo que Deus permitiu?! Judas só chegou a esta conclusão depois de ter murmurado contra Nosso Senhor. Minhas Irmãs, quando entre vós alguma murmura dos Superiores ou contra as Regras dá começo ao trabalho de Judas. E, então, Minhas Irmãs se fala fora de casa é perfeito Judas. Que poderá acontecer a essa pessoa? Que Deus a abandone, porque privada da continuação das Suas graças. os seus pensamentos voltam-se para o país, para os pais, não sente mais o gosto da vocação e tarde ou cedo acabará por sair. Se não se fôr embora, tanto pior para a Companhia, porque como já não sente satisfação no que faz, para nada serve. Só tem frieza a respeito dos Superiores, negligência no Serviço dos Pobres, de maneira que é preferível à Companhia que a Irmã saia do que viva assim. Para ela é pior, porque pode, por meio dos bons exemplos que veja em suas Irmãs, voltar ao caminho que deixou, ajudada pelas orações das suas Irmãs, o que não acontecerá se tiver abandonado a vocação.

Sendo assim, prometei a Nosso Senhor guardar bem as Santas Regras, principalmente esta, e se as ouvirdes censurar, dizei: «Os Superiores fizeram assim, devemos crer que Deus os inspirou e que eles procedem o melhor que podem. Apenas desejam que nos aperfeiçoemos. Que procuram em tudo que nos mandam? Fazer-

nos santas! Razão por que tudo que disserem ou fizerem será por bem.» Quanto às Regras que deram, eram necessárias para evitar males que poderiam sobrevir. Por isso, deveis estimar as vossas Regras, porque, diz S. Paulo, a tudo o que se possa attribuir a palavra bem, vem de Deus. Ora, é um bem termos Regras. Prometei, pois a Deus, nunca encontrardes nada a censurar e amai sempre as vossas Regras, porque vêm de Deus. Respeitai também os Superiores e nunca digais: «Porque fizeram isto?» Pensai que fazem o que podem, como pessoas que darão conta a Deus do que têm a seu cargo e ficai certas que se for este o vosso procedimento, Deus derramará sobre vós as Suas bênçãos. Porém, no caso contrário, sereis castigadas por Deus. Porquê? Porque será proceder como Coré, Datan e Abiron ou pior ainda, como Judas que de tudo murmurava. E daí vem a falta de consolação na oração, de amor a Deus, de amor aos Pobres e a falta de paz interior. E, qual o motivo? Porque murmuraste da Providência de Deus sobre vós, actuando pelos Superiores.

Vamos à Regra seguinte: Regra trinta e dois: Em suas conversações evitarão sempre descobrir os defeitos do próximo, principalmente às suas Irmãs, como também dar ouvidos às que falarem com má intenção. Ao contrário, impedirão, tanto quanto puderem, que assim falem, e retirar-se-ão imediatamente, como se ouvissem o silvo da serpente »

Caríssimas Irmãs, proíbe esta regra, a maledicência, e manda falar sempre bem das vossas Irmãs, mas não para as adular. Podereis dizer na ocasião: «Isso não está bem», mas depois não murmureis. Ainda que vejais alguns defeitos e que vos pareçam pouco perfectas, deveis falar sempre bem, dizendo: «Se Deus a chamou ao Seu Serviço é porque há nela algum bem.»

Efectivamente, minhas Irmãs, não existe nenhuma de entre vós, à qual Deus não tenha concedido alguma graça particular que as outras não têm.

Pensai nesse bem que não vedes, e assim quando vos encontras reunidas em vez de fazerdes referência às faltas das Irmãs e dizerdes: «Estive em tal lugar com determinada Irmã. Tem mau carácter. Não se contenta com coisa alguma. Faz uma coisa e quer que as companheiras façam outra! Desculpais os defeitos que nelas encontrades.

Ah! Minhas Irmãs, que peste para as Comunidades e que ruína para a Caridade!

Que é caridade senão amor? Não pode haver amor, quando se murmura umas das outras. Resolvi-vos, minhas Irmãs, a não falar nunca dos defeitos das vossas Irmãs. Se alguma Irmã criticar perante vós, desculpai a que for objecto dessa crítica e

afastai as censuras do vosso pensamento. Não são necessárias muitas razões para que haja a convicção de não haver ninguém sem defeitos. Os mais virtuosos, caem muitas vezes. O justo, diz a Sagrada Escritura, peca sete vezes por dia.» (Provérbios XXIV, 16). O pensamento de que todos temos defeitos, facilita-nos o trabalho de desculparmos o próximo. Que cada um diga, ao censurarem os outros: «Podem também dizer o mesmo de mim. «Parece-me que a Irmã X... não é modesta, parece-me que é soberba!» E, tu pobre miserável, não vês os teus defeitos interiores que são muito mais consideráveis que os apontados à tua Irmã. Não vês que as tuas orações são cheias de distrações, que és muito descuidada no Serviço de Deus, que fazes as tuas acções com pouco recolhimento. E dizes que as outras têm defeitos! És uma miserável! Toma primeiramente cuidado com os teus defeitos e não percas tempo com os dos outros.»

Examinemo-nos, minhas Irmãs, examinemos também as nossas acções. Verificaremos que as imperfeições das nossas Irmãs são inferiores às nossas. Com muita oportunidade dizia Nosso Senhor aos fariseus: «E porque vês tu a aresta no olho do teu irmão e não vês a trave no teu olho? Ou como dizes a teu irmão: Deixa-me tirar-te do olho uma aresta, tendo tu no teu uma trave?» (S. Mat. VII, 3-5). Examinai-vos bem, vós mesmas, e vereis que sois piores que as outras porque sois mais imperfeitas do que elas.

Ainda mais; uma Irmã que procede como dizemos, vê claramente pela experiência que tem da sua fraqueza e da sua pouca perseverança, que se agora não comete as faltas que verifica nas outras, é porque Deus a ampara com a Sua graça. Verá que é a pior, não só da Comunidade, mas de todas as jovens do mundo, até pior que o demónio. Porque se ao demónio fossem dadas as graças que recebestes, ele seria melhor do que vós. Ele próprio o disse pela boca dos possessos. De facto, se Jesus Cristo tivesse morrido por eles como por nós, e que tivessem recebido as luzes e boas inspirações que Deus vos dá, utiliza-las-iam melhor que vós. Um possesso dizia um dia a alguém: «Que infeliz sois de viver assim! Tendes um Deus tão bom que morreu por vós, e viveis de maneira diferente da que Ele quer. Ah! Se Deus nos tivesse concedido a graça de morrer por nós, servi-Lo-íamos melhor do que vós.»

Sendo assim, não teremos nós de confessar que somos piores que o demónio? Quanto a mim não me custa pensá-lo, porque vejo claro como o dia, que sou pior que o demónio; porque se o demónio tivesse recebido as graças que Deus me deu, não me refiro a graças extraordinárias, digo somente as graças comuns,

qualquer demónio no inferno seria melhor do que eu. Habituai-vos pois a considerar todas as companheiras mais perfeitas do que vós. Considerai-as boas e vós as piores. Se vos fixardes nestes sentimentos, que acontecerá? Fareis da Companhia um paraíso e com todo o direito poderão dizer que é um grupo de almas felizes na terra e que um dia terão seus corpos gloriosos na companhia de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem. Viver assim é viver no amor de Deus e do próximo e aumentar na caridade de umas para com as outras; daqui resultará a paz e concórdia que são em verdade do Paraíso. Porque no Paraíso, os bem-aventurados amam a Deus com amor perpétuo e sentem-se inclinados a querer o que Deus quer e, por isso, não falam mal dos outros e amam-se reciprocamente. É um paraíso! Começai, pois, minhas Irmãs! Não é isto que fazem os bem-aventurados? Amam-se tanto entre si que recebem com igual agrado tanto a sua glória como a dos outros. Por isso, se queremos começar o paraíso já neste mundo, não teremos mais que guardar as nossas Regras e a caridade será como um paraíso. Mas fazer o contrário, falar dos defeitos dos outros, murmurar com esta e com aquela, dizendo: «Esta faz isto, ela disse tal e tal coisa»; ah! É um inferno. Onde se procede assim não pode haver caridade. Depende, pois, de vós, viver neste mundo como no paraíso ou como no inferno. A vida será como no paraíso se houver um perfeito amor de umas pelas outras. Assim, uma Companhia bem unida, é um paraíso, pois a desunião faz o inferno.

Mas, se me encontrar com duas ou três Irmãs que falam ou contra as Regras ou contra os Superiores, que devo fazer? -- Deveis dizer: «Não se lembram que isso é proibido pelas nossas Santas Regras»? E se continuarem depois de terem sido avisadas, ide-vos embora, fazendo-lhes ver que não podeis continuar a ouvir falar mal das companheiras. Sim, minhas Irmãs, deveis retirar-vos porque é pecado ouvir falar mal do próximo e, talvez mais para as que a ouvem do que para as que falam, por não verem o mal que há em se entretrem com tais assuntos, a que são levadas por enfermidade, e se as escutais sem dizer nada, aumentais o mal, pois o vosso silêncio estimula-as a continuarem.

Como?! Ter satisfação em ouvir desacreditar uma companheira! Estão falando com má intenção de uma pobre Irmã e não julgais estar obrigadas a evitá-lo? Oh! É um pecado e cumpre-vos afastar-vos ou então pôr-vos de joelhos, lembrando: «Retive do Padre Vicente ou antes das nossas Regras que não se deve falar mal das nossas Irmãs. Não murmuremos mais!» É isto que deveis fazer.

Há três maneiras de avisar: A primeira é dizer que não está

bem falar-se mal do próximo; a segunda é pôr-se de joelhos e pedir que não continuem, ou então se continuarem dizer: «Deus me defenda de ouvir falar mal dos outros.» Em seguida afastar-se dali. Se fôr este o vosso procedimento, que acontecerá? Como foram advertidas terminam a conversa e se não se calarem, ao ver-vos de joelhos, impressionar-se-ão. Se vos afastardes, talvez essas pessoas não voltem a murmurar e farão penitência das suas culpas. Desta maneira, alcançareis a perfeição. Prometei, pois, a Deus que guardareis bem estas Regras que vos levam à santidade e a amar-vos umas às outras, e como diz S. João, basta isto para a salvação. Recordai, Caríssimas Irmãs, os ensinamentos das Santas Regras e depois fareis o que Deus quer de vós, pela observância das mesmas.

Ó Salvador das nossas almas, Único que podeis dar-nos este espírito, iluminai a nossa inteligência com um raio da Vossa luz para que possamos conhecer o bem que contém a prática das Santas Regras. Quereis que vivamos como perfeitas Filhas da Caridade? Pois, se assim o quereis, também nós o queremos, e cada uma de nós o promete mediante a Vossa graça, sem a qual nada podemos. É isto que vos peço e também o Padre Portail. Salvador meu! Concedei-nos a graça de observarmos esta Regra como as outras! Suplico-vos pelo amor que tivestes a Nossa Senhora e ao Discípulo amado, que dizia aos outros discípulos que se amassem uns aos outros, porque isto bastava para se salvarem. O mesmo Vos pedimos nós, Senhor. E porque não temos nem bastante amor, nem bastante humildade, imploramos o Vosso auxílio para pormos em prática estas virtudes. E para o alcançarmos oferecemo-Vos as Vossas Humilhações e o Vosso Amor. Ó meu Salvador! É, o que pedimos, que todas Vos sejam agradáveis, em tudo que fizerem, como Vossas Esposas queridas.

92 — CONFERÊNCIA DE 6 DE JANEIRO DE .658

**A QUEM DEVEM DECLARAR-SE AS TENTAÇÕES,
CONVERSAÇÕES COM OS EXTERNOS, OBRIGAÇÃO DE
GUARDAR SEGREDO**

(Regras Comuns, art. 33, 34, 35)

Minhas Caríssimas Irmãs, chegámos à Regra 33.^a, tão importante ao bem da Companhia. Portanto, pedi a Deus que durante a explicação sejais penetradas do seu espírito. Diz assim: «E para

impedir alguns graves inconvenientes que acabariam por perder a Companhia, se cada qual tivesse a liberdade de desabafar o seu coração com quem quisesse, não comunicarão as suas tentações e outras penas interiores às companheiras, ainda menos aos externos. Devem confiá-las à Superiora ou a quem a represente, ou ao Superior ou ao Director, a quem Deus destinou para isso.

Minhas Irmãs, esta Regra, ensina como deveis proceder nas penas interiores e outras tribulações, principalmente nas tentações, e aconselham a que digais sòmente à Superiora, e em caso de necessidade à Irmã Servente, ao Superior ou ao Director, e não a quem o Senhor não destinou a isso, principalmente externos. A razão disto é o perigo de que, ao comunicá-lo uma à outra, haja dois resultados.

Primeiramente, é de temer que esta desconheça o que é necessário fazer em tal circunstância e por isso venha a dar um mau conselho. O outro é que pode transmitir-lhe o mal que a aflige.

Comunicais a uma Irmã a tentação que vos perturba. É de recear que o que lhe é revelado lhe não faça a mesma impressão que a vós, por inspiração do espírito maligno e, por isso venha a cair nessa tentação.

Uma, pois, das razões para que não o manifesteis às companheiras é que fàcilmente acontece que desejando receber consolação vos enganais; a Irmã a quem a confiais pode não saber como deve proceder na tentação que lhe revelais porque é jovem ou porque lhe falta a experiência, e assim, aumenta-vos a pena em vez de a diminuir.

Ainda mesmo que fosse mais velha faltava-lhe a graça de estado. É para temer que o que lhe confiais lhe cause má impressão e que o espírito maligno lhe inspire tentações contra a Superiora ou contra o Director ou ainda contra a vocação, de maneira que não recebereis a consolação e sereis a causa de haver outra tentada, talvez mais do que vós, por não ter graça para isso. Se já estiver tentada, o mal aumentará, porque vendo que já não é a única a pensar assim, abrir-se-há convosco e ficará pior com a vossa comunicação.

Há tentações que são como uma peste ou outra doença maligna. Quando alguém está atingido logo a transmite a quem se aproxima. Uma pessoa com tentações contra a pureza ou contra a vocação ou ainda contra a administração do seu cargo, é como se estivesse atacada de peste. Sim, porque o pecado é uma peste. De maneira que, se declarais a paixão violenta que sentis contra a vossa Superiora ou contra a Irmã Servente, fareis que a vossa companheira contraia a mesma enfermidade, porque se transmite como as epidemias que causam a morte, se não são atacadas

imediatamente. Só se pode remediar declarando-o àqueles que Deus destinou para vos dirigir. Por isto vereis, quão certo é que esta Regra é de maior importância que qualquer outra, o que deve estimular-vos a observá-la e a vencer quantas dificuldades se lhe possam opor.

Confiai as vossas tribulações aos Superiores. Dizei: Senhor, (ou Senhora, ou se for à Irmã Servente, minha Irmã) estou oprimida com uma tentação... tenho aborrecimentos com tais pessoas, não as posso ver! Que me aconselha? Neste caso, não comeis falta; mas não deveis nunca dizer as vossas perturbações e desgostos às Irmãs, nem aos externos.

É difícil aguentar-se isso, Senhor! Uma Irmã está atribulada, que perigo há se o comunicar à companheira? Parece que não deve haver qualquer inconveniente nisso! — Ah! Irmã, se houvesse a certeza de que essa companheira tinha recebido de Deus a graça de poder ajudar-vos e de vos dar um bom conselho, poderíeis confiar nela, mas há poucas que tenham recebido essa graça, porque é reservada por Deus aos Superiores. Ordinariamente há grande inconveniente em permiti-lo, porque pode não estar preparada para esses assuntos aquela a quem vos dirigis.

É isso poderia ser prejudicial para vós e para aquela a quem o comunicásseis. E que aconteceria? Poderia ser que a Irmã a quem fosse manifestada a tentação, tendo o mesmo espírito, viesse a participar a uma outra e esta a uma quarta Irmã e depois a uma quinta. Assim passando de uma para outra toda a Comunidade o saberia. Aquela que se abrir com outra, que esteja sofrendo a mesma tribulação, aumenta-lhe o mal. E chegaria até à própria Superiora, passando por umas e por outras, e assim teríamos toda a Comunidade atacada dessa peste. Sabeis o que em França tem originado as guerras e continuam a originar? Têm sido provenientes, Caríssimas Irmãs, de pessoas que levadas por mau espírito, levantarem obstáculos à acção do Estado. Decerto, basta que uma não concorde com o Governante para que impelida por essa paixão, veja as coisas de maneira diferente do que são. Por isso, dirá: «Este não cumpre o seu dever. Se não tomam cuidado prejudicará tudo.» Este repetirá a um terceiro, que tendo já ouvido falar no assunto, ficará ciente da sua opinião e responderá: «Tens razão.» Daqui passará para outro e incontinenti o Estado ficará revolvido e indisposto. E estes verão o Governante apenas como uma pessoa que administra mal o País. É esta a causa das revoltas. Se observassem aqui, o que se faz noutros lados, não se veriam tantas guerras.

Estive num reino onde um religioso procurou o rei e lhe pe-

diu qualquer notícia da Corte, e este respondeu-lhe: «Como, meu Pai, os religiosos a quererem intrrometer-se nos assuntos dos reis!» Porque ali não falavam habitualmente do Rei. E porque era uma pessoa Sagrada, respeitavam tanto o que lhe dizia respeito que nunca falavam dele. Razão por que eram todos unidos ao Rei e não era permitido dizerem uma palavra contra as suas ordens.

Donde pensais que vem a desordem nas Comunidades, onde não há traço de união com a Superiora nem com as súbditas? É que algum espírito ferido, declarou-o a outra, uma religiosa a outra religiosa, esta a outra e assim se fomentou o mal nos espíritos. Quais as consequências? É como uma convulsão. Tudo se transtorna. Levantam-se contra os Superiores, censuram tudo que eles fazem, de maneira que o demónio serve-se muitas vezes destes maus espíritos para perder toda a boa ordem duma Companhia. Por isso, minhas Filhas, tende sempre presente o que hoje vos digo, que este é o maior mal que pode sobrevir a uma Comunidade e é muito importante que as Filhas da Caridade se esforcem em não cair em semelhante falta; para isto vos deu esta Regra.

Quando Deus quer provar uma pessoa com esta tentação, um dos melhores exercícios que pode haver numa Companhia é o recurso à oração; e se continuar, comunicá-lo ao Superior. Porque succede muitas vezes com as tentações o que acontece com as feridas, pois se não supuram poderão acabar com a vida do doente, derramando-se interiormente em qualquer parte que não poderá resistir. Quando alguém se sentir oprimido por qualquer mau pensamento, deverá dizer: «Há chaga no meu coração, receio muito que se abra por dentro e me dê a morte. Meu Deus, recorro a Vós; não permitais que eu sucumba à tentação. Concedei-me a graça de nunca Vos ofender. Cumpre-vos fazer assim. E, porque Deus quer que nos sirvamos dos meios que nos deixou, isto é, de se poder recorrer aos Seus bons servos que são os Seus Representantes na terra, procurai a Superiora e dizei-lhe: «Senhora, embora vos pareça estranho, tenho esta tentação; rogai a Deus por mim.» Se assim o fizerdes, ficareis livres da tentação ou ao menos fortalecidas para lhe resistirdes. Se prontamente o mal vos deixar, louvai a Deus, e se ao contrário, Deus permite por qualquer razão por nós desconhecida que continui, conceder-vos-á as graças necessárias para não sucumbir. Mas habitualmente, as tentações cessam quando se revelam aos Superiores e às vezes até, quando se resolveu fazê-lo.

Mas, Senhor, se o digo à Superiora, parece-me que lhe faço pena e também a mim, em vez de me consolar. — Não deixeis, por isso de fazê-lo, é uma prova que Deus vos envia e ainda que vos pareça que não pode ser proveitoso para vós; comunicai-o,

pois obtereis o mesmo resultado, a sangria é benéfica ao corpo quando este necessita. Sêde constantes nesta prática. Não confieis as vossas tribulações senão aos Superiores, e sêde prudentes a respeito das outras.

Quando Eva foi tentada a comer o fruto proibido, se tivesse recorrido a Deus, teria evitado o pecado. Mas em vez de o manifestar a Deus, dirigiu-se a Adão seu marido, que também o desejou e os dois comeram-no. Daqui veio todo o mal que o pecado trouxe.

Como devia ter procedido Judas quando foi tentado contra Nosso Senhor? Dizê-lo ao Mestre e não teria chegado a vendê-LO. Dirigiu-se ao príncipes dos sacerdotes e estes aconselharam-no mal.

Minhas Irmãs, não vos admireis quando fordes tentadas, mesmo contra os Superiores, pois Deus permite a tentação mesmo contra Ele. E, assim, um Superior e uma Superiora não devem considerar extraordinária a tentação contra eles. Não me admiro se um sacerdote ou um Irmão vierem comunicar-me as tentações contra mim. Porquê? Porque estamos sujeitos à tentação. Não tendes receio de as manifestar uma, duas ou três vezes. Ainda que os conselhos que vos derem possam não vos agradar, não deixeis de vos abrir e Deus abençoará o vosso trabalho. Não recorrais, porém, nunca aos externos porque seria perder-vos. Foi certamente o que Judas fez na tentação. Devia ir ter com Nosso Senhor e dizer-Lhe: «Ajudai-me a livrar-me desta furiosa tentação.» Judas devia ter procedido assim, como fizeram os Apóstolos quando estiveram prestes a afogar-se. «Salvai-nos, Senhor, senão pereceremos.» (S. Mat. VII, 25). Mas em vez disto o que fez ele? Foi ter com os de fora, e confiou-lhes: «É verdade que sou dos Discípulos de Jesus de Nazaré, mas confesso que me custa muito tê-LO seguido. Julguei que fosse o Messias mas agora temo que se trate dum impostor. E não se contentou em dizê-lo ao povo, fez mais, declarou-o aos príncipes dos sacerdotes, que achava bem que O tirassem do mundo. Desta maneira foi a causa de, a maior parte do povo, considerar Nosso Senhor como um impostor, que enganava todos que O seguiam. Este rumor chegou por toda a parte. Diziam: «Foi o discípulo que o revelou; foi o discípulo que o disse. Temos que acreditar que é verdade.» E, as consequências já as conheceis.

Porque chegou Judas a esta desgraça? Porque na tentação não recorreu a Nosso Senhor ou a qualquer dos Apóstolos. Foi ele a causa de que gritassem: Tira-O, tira-O, foi o discípulo que o disse; é digno da morte. (S. João XIX, 15).

Sirva-vos isto de exemplo, Minhas Irmãs. Permitiu Deus que

Judas caísse nessa falta para que as pessoas de Comunidade aprendessem que ao dirigirem-se a outros e não aos Superiores afim de lhes confiarem as suas tribulações, só contribuirão para a perda dos outros e no final condenar-se-ão. Sim, basta esta falta para perder a Companhia. E se apesar da malícia desses que assim procedem, Deus a conserva, não é por eles que só procuram perdê-la. Não foi por Judas que a Companhia dos Apóstolos singrou! Vêde por este exemplo quão importante é a observância desta Regra!

Parece-me, Senhor, que me custará muito; quando tenho alguma coisa que me aflige, digo-o às minhas Irmãs, e fico consolada. — Acredito, porque a paixão é um fogo que só procura expandir-se. Logo que há qualquer mágoa, procura-se imediatamente desabafar com esta ou com aquela e algumas há que o fazem logo com o primeiro que encontram. Ora uma das coisas que mais contribuirá para a vossa perfeição, é o que acabo de dizer. Não declareis nunca as vossas tentações senão aos Superiores. Se forem contadas a uma Irmã, esta corre o perigo de se perder. Eis, pois, quanto importa tudo isto. Deveis, pedir a Deus esta graça para toda a Companhia. E para começardes esta prática, quando vos reunirdes, falai das coisas boas e das virtudes, porque não convém às Filhas da Caridade ocuparem-se de assuntos que não sejam bons. Nunca, Salvador meu! Por exemplo, deveis conversar sobre esta virtude de que vimos falando, louvá-la e dizer: «Minha Irmã, não vos parece que o Padre Vicente tinha razão ao proibir nos comunicar as nossas tentações às pessoas que não são indicadas para as ouvir, sobretudo se falarmos em desabono do próximo?»

Há tentações, que nenhum dos superiores as podem fazer desaparecer, embora por vezes, como se diz no final da Regra, suceda o contrário. Poderá então dizer a que se encontra tentada. «Parece-me que se » tivesse manifestado a tal outra pessoa, teria encontrado consolação. Se já a tivesse revelado a mim, ou ao Padre Portail, ou à Superiora, seria mister ver quem era essa pessoa. Se fosse um homem, averiguar se praticava a virtude. Encontrando-se-lhe as qualidades necessárias, seria bem permiti-lo depois de tratado o assunto com o Superior. Se o pedido fosse feito à Superiora e esta não visse na pessoa proposta as qualidades precisas, responderia: Veja, minha Irmã, se não há outra pessoa! Tenho razões para não autorizar o que me pede. Essa Irmã terá que agir como os Superiores aconselharem e nada fazer sem licença, porque como diz a Regra, pode suceder que lhe dêem um mau conselho em castigo da sua desobediência.

O Bem-aventurado Bispo de Genebra nas Regras que fez, diz

numa delas; quando a Superiora não puder dar satisfação a suas filhas, nem afastar-lhes a tentação, pode autorizá-las a fazer a sua comunicação a alguém de fora. Faziam isto no princípio, mas que aconteceu? O efeito contrário ao que se esperava, e a experiência mostrou que estas comunicações causavam maior perturbação do que paz. E a meu conselho, a Senhora de Chantal, deixou de autorizar estas confidências, em virtude do mau resultado a que conduziam.

Porque é recomendado que se recorra aos Superiores, nestes casos? Porque, como da cabeça se difunde a vida a todos os membros do corpo, assim as Companhias devem receber de Deus por meio dos Superiores todas as graças que lhes são necessárias. Tendo um braço doente, se vos derem o de outra pessoa em substituição, recebia esse braço a influência necessária para agir como os outros membros? Não! porque há apenas a cabeça que pode transmitir espírito e vida aos membros que lhe estão unidos. Formai, pois, o propósito de ser muito exactas no cumprimento desta Regra. Se não procederdes assim há o perigo de vos aconselharem mal, porque poderá tratar-se de alguém que não conheça o vosso espírito e dirá: «Segundo o que dizeis, não vejo maneira de poderdes viver com caracteres tão opostos. Se a vossa pena tem essa origem, saí.» E assim ficará aquela pobre Irmã em perigo de perder a vocação. Deus tenha misericórdia de nós!»

Regra trinta e quatro. Quando vão pelas ruas e casas onde tenham de entrar não se deterão com os externos sem grande necessidade. E então falarão pouco e acabarão prontamente.

Esta Regra previne o inconveniente que há para as Irmãs de se deterem nas ruas a falar, como também nas casas onde vão tratar os doentes. Por conseguinte, é prejudicial deter-vos na rua a falar com os homens ou senhoras que encontréis. Nas casas onde fordes não vos deveis deter a falar com as criadas ou com as senhoras, a não ser que seja para utilidade dos pobres. Sendo assim, fazei-o, mas rapidamente. Porém, porque endes a seguir um modo de vida, segundo o qual sois obrigadas a conversar com o mundo e que muitas pessoas poderão ter assuntos a tratar convosco, se houver alguém que vos queira falar, não é necessaria autorização para isso, porque seria pouco correcto. Respondei com delicadeza e discreção ao que vos perguntarem e terminai prontamente. Mas se vos pedirem notícias de tal Irmã que está em tal lugar ou então sobre o que fazem na Companhia, deveis responder-lhe: «Peço desculpa. Tudo o que posso dizer é que sou a pior de todas, mas uma vossa humilde serva,» e retirai-vos.

As religiosas estão em clausura e não têm por isso ocasião de se encontrar com os externos, o que não acontece convosco, por-

que a Filha da Caridade está sempre no meio do mundo. A vossa vocação é de tal modo que indistintamente deveis prestar cuidados a toda a classe de pessoas, sejam homens, mulheres ou crianças e em geral a todos os pobres que necessitarem dos vossos Serviços, o que pela graça de Deus, já fazeis. Não sei se actualmente existe uma Companhia de Irmãs que se ocupem, indiferentemente, de homens ou mulheres, como vós, a não ser no Hospital Geral. Sendo assim, qual será o meio de poderdes conservar a pureza? Disse-o ultimamente. Não autorizando a entrada nos vossos aposentos a ninguém sem grande necessidade?

O segundo meio, é não falardes com os externos para vos distrairdes.

Não vêdes como as religiosas observam estes dois meios? São a vossa clausura. Elas vivem muito bem na sua. E vós podeis viver tão bem como as religiosas. São estes os vossos claustros. Mantendo-vos dentro deles e não tercis razão para invejar o estado das religiosas. Até agora só tenho motivos para dar graças a Deus e não posso deixar de dizer que somente vi duas Irmãs que me desedificaram nas ruas. Mas é verdade que eram das que não tinham nada de modestas. Iam de cabeça levantada e tanto que, terfeis dito se as vísseis, que eram cabeças ôcas. Porém, as outras Irmãs sempre me edificaram. Não sou o único a notar isto. Muitas pessoas dizem que nunca vos vêem que não fiquem edificadas-

Minhas Irmãs, dai graças a Deus. Sêde constantes e espera. que o Senhor continuará a conceder-vos as Suas graças. Humii lhai-vos diante de Deus e dizei-lhe: «Senhor! Se alguma virtude temos, a Vós a devemos. Qual o vosso desígnio, Senhor, ao permitir que tenhamos tão boa fama? Verdadeiramente, estais obrigadas a dar graças a Deus, porque não tenho conhecimento de que haja Companhia mais solicitada que esta miserável das Filhas da Caridade; e penso que virei a perder a amizade de dois grandes personagens que vos pedem, porque não posso satisfazer o seu pedido. Ante isto, que fazer, minhas Irmãs? Cumpre-nos humilhar-nos. De que vos valeis, Senhor, para utilizardes pobres criaturas, pobres camponesas, das quais a maior parte guardavam gado, para fazerdes as obras que vemos por meio de almas tão pobres como as nossas?

Prometei a Deus, minhas Irmãs, de todo o coração, que guardareis as vossas regras que recebereis de bom grado os avisos que vos forem feitos, pondo-os em prática. Se assim o fizerdes, estai certas de que a torrente abundante de graças que Deus derrama sobre as vossas obras, continuará caindo sobre a Companhia em geral e sobre cada uma em particular. Mas se assim não for que será de nós?

Regra trinta e cinco. Sobretudo, guardarão com muito cuidado as coisas que obrigam a segredo, especialmente o que se diz ou faz nas Conferências, comunicações ou confissões, etc.

Quantas coisas eu teria a dizer sobre o assunto. Quando se trata de um segredo todo o cuidado é pouco. Quem está obrigado a guardar segredo, se o revela, peca mortalmente. E isto é tão verdadeiro, minhas Irmãs, que ainda que lançassem a excomunhão sobre alguém por não dizer uma coisa sabida sob segredo, não havia obrigação de a revelar. Uma pessoa que dissesse a um dos seus amigos: «Matei um homem, ajude-me!» Se depois, este for chamado para testemunha, não tem obrigação de dizer o que sabe. Porquê? Por ser um segredo que lhe confiaram.

Mas a que chamais segredo? O que vos confiaram em segredo, o que se faz nos capítulos das Comunidades, o que vos é dito por comunicação ou em confissão. Ora, os que repetem alguma coisa do que lhe é dito para não ser revelado, pecam contra o segredo. Por exemplo, falo aqui e digo as coisas que penso dizer, mas se a alguma das Irmãs parecesse mal o que digo e o contasse aos de fora, faria mal. Assim como também se fosse tomado a mal o que o confessor tivesse dito e se disso fizessem assunto de conversa, pecavam e até em certos casos era pecado grave. Da mesma maneira pecariam os que contassem o que se diz ou que se faz nas confissões, comunicações ou conferências, como por exemplo, quando uma Irmã se acusa em espírito de penitência, como vemos algumas que o fazem muitas vezes, e queira Deus que continui sempre esta santa prática que deve dar-nos muita consolação. Ao vermos uma Irmã acusar-se das suas faltas, porque não havíamos de regosijar-nos se o próprio Céu se alegra e nada há de maior beleza, pois Nosso Senhor disse que os anjos se regosijam por um pecador que faz penitência e Ele próprio quis passar por pecador na Circuncisão e no decorrer da sua vida, tanto que foi chamado homem de pecado!

Se Nosso Senhor quis ser assim chamado é justo que nós que não somos senão pecado, nos acusemos perante os outros. Nunca se faz isso sem grande merecimento. Se, pois, em vez de edificar-nos se fizesse referência a isso com desprezo, cometeríamos uma ofensa contra Deus.

Mas, Senhor, jamais será lícito falar disso? Sim, em certos casos, pode-se, como, por exemplo, no regresso a casa dizer às Irmãs que não estavam na Conferência, o que se reteve, para sua edificação. Ou então se disserem alguma coisa impressionante, não pecareis, revelando-a, antes tereis mérito. Mas do que possa desedificar, não se deve falar.

Mas há mais. No encontro com os externos para que lhes di-

gais o que possa edificá-los podeis servir-vos do que foi dito, sem revelar a sua origem.

Assim haveis de guardar segredo de tudo o que dissermos e só por edificação é que fareis a isso referência, mas nunca para recreio e ainda menos à maneira de murmuração. Oh! Meu Salvador! Que seria se houvesse alguma, minhas Caríssimas Irmãs, que murmurasse dessas coisas? Que efeito produziria nos vossos corações! Cada uma de vós sentiria dificuldade em falar nesses lugares, vendo que vinha a ser motivo de troça, e se fosse em murmuração outras diriam que era demasiado austero e então seria bem difficil guardar as Santas Regras. E talvez outras dissessem: «Ó meu Deus, como esta Companhia é feliz se nela se observa assim o silêncio e as Regras. Oh! Como são felizes por todo o bem que têm lá dentro. Estou convencido que essas Regras levam a Deus e nos fazem viver como santos.» É este o efeito que produzirá no coração das que amam Deus e que têm a alma bem formada. Mas as mais fracas e que não estão muito firmes, dirão: «Mas que Regras! Como poderão ser observadas?» É o demónio que vos inspira a impossibilidade de as guardar e que é melhor nem sequer tentar. Mas é esta a resposta que deveis dar: «Se fosse eu apenas a ter de observar estas Regras, confesso que me custaria muito e as consideraria muito austeras. Mas com o auxilio de Deus será fácil. Vai-te espírito maligno! Espero consegui-lo porque com Deus posso tudo! Ah! Minhas Irmãs, muita coragem. Pensaste alguma vez poder seguir até onde vos encontrais agora? Esperaste que a Companhia chegasse ao ponto que chegou? Ponde em Deus a vossa confiança e mediante a Sua graça conseguireis vencer todas as dificuldades. Se as Regras forem observadas, fundada nesta base, a Companhia perseverará e depois de vós virão muitas outras, porque a Companhia irá aumentando de geração em geração. E, assim a Companhia durará muitos anos. Porque, notai: O Céu tem grandes desígnios sobre a vossa Companhia o que leva todos os cristãos e até os mais santos Prelados a estimarem-vos tanto e a tudo que fazeis, o que faz crer que tem sobre vós qualquer desígnio que nós ignoramos. Por este motivo prometei a Deus, com toda a boa vontade, pôr em prática as Santas Regras.

Salvador das nossas almas que inspirastes estas Regras para nos impelir à santidade, concedei-nos a graça de as observarmos. Confesso, Senhor, que se olhasse apenas à minha fraqueza penso que as não guardaria, mas considerando o Vosso auxilio tenho razão para esperar que não só as guardarei, mas que já as tenho devidamente observado. Assim o espero com a Vossa graça que Vos peço por intercessão de Nossa Senhora. E, porque acedeis a

tudo que Ela Vos pede, concedei-nos por Seus méritos, que assim como Ela observou as Regras que lhe impusestes, nós vencemos todas as dificuldades que possam surgir para bem as guardarmos. Mas, porque não no-las destes para as cumprirmos à nossa maneira, Senhor, fazei-nos que as guardemos com aquele mesmo espírito que desde toda a eternidade determinastes que as observássemos. E assim a recompensa que Vós prometeis redundará em meu proveito. É isto que vos peço em união com a homenagem que hoje vos prestaram os reis e em união com a observância das Regras que a Vossa Santa Mãe guardou na terra, mas sobretudo, minhas Irmãs, em união com as que Ele próprio observou. Isto o peço a Deus com todo o coração. E ainda que indigno, vos darei em Seu nome a bênção.

Uma Irmã pediu perdão ao Padre Vicente e a toda a Companhia de alguma falta contra as Regras que acabavam de ser explicadas e rogou ao Nosso Honoratíssimo Pai que pedisse perdão a Deus para ela e a graça de não recair. Ele respondeu :

De todo o meu coração, minha Filha, e dou graças a Deus pelo espírito de penitência que vos concedeu.

93 — CONFERÊNCIA DE 4 DE MARÇO DE 1658

SOBRE A CARIDADE MÚTUA E O DEVER DA RECONCILIAÇÃO

(Regras comuns, artigos 36 e 37).

Continuaremos, minhas Irmãs, as Conferências que até agora temos feito sobre as Santas Regras. Chegámos á Regra trinta e seis que hoje explicaremos. Queira Deus que o façamos com o devido espírito ! Diz assim : « Lembrar-se-ão do nome de Filhas da Caridade que têm, procurando tornar-se dignas dele, por um santo amor a Deus e ao próximo. Sobretudo viverão muita unidas entre si, nunca murmurarão, nem se queixarão umas das outras, afastando prontamente todos os pensamentos de ódio que sentirem contra suas Irmãs. »

Esta Regra é por si tão clara que quase não precisa de explicação ; é tão evidente que nada mais se pode acrescentar !

A primeira parte deste artigo diz que deveis procurar tornar-vos dignas do nome de Filhas da Caridade. Haverá nome mais elevado, minhas Irmãs ? Ouvistes alguma vez falar de nome mais belo e mais favorável aos pobres ? Minhas Irmãs, que motivos tendes para vos dardes a Deus e vos tornardes dignas do vosso

nome, não fazendo como o Bispo de que fala o Apocalipse. Deus queixando-se dele dizia: «Tens um nome mas não fazes as obras que lhe correspondem». Tende cuidado, minhas Irmãs, para que Deus vos não dirija a mesma censura. Procurai ser dignas do nome que tendes.

Não sei se já pensastes bem em três coisas que esta Regra indica.

A primeira é que deveis amar a Deus sobre todas as coisas, pertencer-Lhe inteiramente, e nada amar que não seja Ele. Se O amardes assim, é prova de que sois verdadeiras Filhas da Caridade que amam muito seu Pai.

A segunda característica da verdadeira Filha da Caridade, é amar o próximo, tratando bem dos doentes, suportando-os em todas as contrariedades considerando-os seus senhores e por isso respeitá-los muito. Foi para isto que vos destes a Deus.

A terceira característica das verdadeiras Filhas da Caridade, é não se prejudicarem umas às outras, nem consentirem pensamentos de aversão que naturalmente possam ter por alguma. Apenas tenhais consciência destes pensamentos, deveis afastá-los; se continuardes a senti-los, deveis expulsá-los. — Mas se os sentirdes sempre? Deveis resistir-lhe continuamente, tanto à terceira como à segunda vez até que desapareçam por completo e Deus vos tenha concedido a graça de vos livrar dessa má inclinação. Em segundo lugar, nunca deveis dizer nada que aborreça a vossa companheira, se a isso não estais obrigada por dever; às superiores é que compete reprender. — Mas se a aborrecer? — É a reacção da natureza, mas nem por isso deveis deixar de o fazer. As outras devem pensar: «Deixá-la, pois, está a cumprir a sua obrigação».

Seria bonito se o cirurgião não quisesse dar o golpe ao doente porque este sentiria a dor! Da mesma maneira, seria bonito ver as superiores aqui ou nas paróquias não ousarem dizer nada a uma Irmã porque ela não o aceitaria, pois é uma Filha da Caridade que diz que a deixem em paz, que sabe muito bem o que tem de fazer, que não pode suportar que a repreendam quando o merece. Se isto sucedesse, seria terrível! Quando afirmamos que não se deve dizer nada que magoe as Irmãs, deve entender-se que é apenas quando não se tem obrigação de velar por elas.

Vêde, minhas Irmãs, não devemos escutar isto com indiferença, mas com intenção de o pôr em prática. Quando ouvís dizer que não deveis conservar no coração nenhum pensamento de aversão, perguntai a vós mesmas: «Meu Deus! Não terei nada contra as minhas Irmãs?» Não basta ouvir estas coisas como

se ouve um sermão; é preciso escutá-las como coisas que nos dizem particularmente respeito. As vossas Regras são como que uma linguagem desconhecida para os outros, por isso deveis escutá-las como da boca de Deus. Sabeis muito bem que o hábito não faz o monge e muito menos Filhas da Caridade!

— Mas há tantos anos que estou na Companhia? — Não é o número de anos que torna uma Irmã digna do tão honroso nome de Filha da Caridade, mas o estar revestida interiormente do hábito da caridade para com Deus e para com o próximo. Isto é o que na realidade constitui a Filha da Caridade. Sim, minhas Filhas, a caridade é uma espécie de vestido nupcial que adorna a alma e sem o qual não se pode ser agradável a Deus. «Expulsai daqui esse miserável que não tem a veste nupcial, lemos no Evangelho, e lançai-o fora.» S. Mateus XII, 12-13).

Estes são os três sinais pelos quais se reconhecem as verdadeiras Filhas da Caridade e que ao mesmo tempo são outros tantos meios de chegar a sê-lo; o primeiro é o amor de Deus sobre todas as coisas: o segundo é o amor do próximo; o terceiro é o amor de umas para com as outras como verdadeiras Irmãs, isto por amor de Deus, de tal maneira que todas sejam como membros dum mesmo corpo e filhas dum mesmo Pai. Não querem senão o que Ele quer, em virtude do amor que Lhe consagram.

Notai que, se houver na Companhia desses espíritos sombrios que fazem mal onde quer que estejam, que, sem se preocuparem com o amor de Deus nem do próximo, passam semanas e meses sem se falarem, sem fazerem o possível por expelir o fel que têm no coração, temo que com isso façam perecer a Companhia. E eu sei que há alguns destes espíritos entre vós, não muitos, que fazem mal em toda a parte onde se encontram. Nas crianças abandonadas e nas paróquias, há Irmãs com este espírito! Será isto ser Filha da Caridade? Não! A veste que trazem não é das Filhas da Caridade. Não têm a veste nupcial. Não são dignas do nome que têm.

Que faremos destas Irmãs? Pedir a Deus por elas, impor-nos algumas mortificações por sua intenção e de vez em quando ouvir Missa com o mesmo fim, pedindo a Deus que as una com os vínculos da Caridade.

O que muito me admira é que haja Irmãs que dizem: «mais vale calar-me do que dizer o que sei!» Minhas Irmãs, a amizade, no céu não é outra coisa senão a caridade. Onde está este amor, está o Paraíso.

Examinemo-nos, minhas Irmãs, e cada qual pergunte a si própria: «Levo eu com dignidade nome tão bendito? Possuo os

caracteres que distinguem as verdadeiras Filhas da Caridade? Não, porque tens demasiado amor à tua terra, gastas o tempo em bagatelas, em satisfazer os teus gostos e desejas estar com esta ou aquela.» Isto não é viver como seres racionais; agir, só, por instinto é portar-se como os animais; por isso uma Irmã que só faz aquilo a que é inclinada por natureza, não tem raciocínio nem juízo. Vive como um irracional, sem pensar que não basta trazer um hábito, se não tem a veste interior da caridade. Vê-la-eis tal e qual como quando entrou na Companhia. Trouxe os hábitos do mundo e não os quer deixar, por isso continua sempre na mesma.

Dir-me-eis: «Senhor, bem queria fazer o que nos indicais, mas sinto tanta repugnância pelo que a minha Irmã diz-ou faz! Não lhe devo nenhuma amizade.» Há pessoas escrupulosas que podem alegar essa razão. Não, não se deve pensar que, por sentir repugnância por uma coisa, se faça mal todo o resto. É o escrúpulo que faz falar dessa maneira. Parece-lhes que não fazem nada de bom porque sentem aversão, aborrecimento ou outro sentimento qualquer. Minhas Irmãs, se não houver consentimento não há mal nenhum. Por muito escrupulosa que seja uma pessoa que sente interiormente estas repugnâncias, se são involuntárias, deve ficar tranquila porque isso é próprio da natureza. De maneira que, minhas Irmãs, enquanto fizerdes tudo o que está ao vosso alcance para afastardes as aversões e para amardes a todas, até ao ponto de manifestardes mais estima por aquela pela qual sentis mais aversão, possuis os sinais duma Filha da Caridade.

Um dia contaram a S. João Esmoler, Arcebispo de Alexandria, que um dos seus sobrinhos estava muito sentido pois tinham-no injuriado. S. João que era um santo muito misericordioso, mandou chamar o sobrinho e disse-lhe: «Tiveram o atrevimento de te insultar! É preciso que te façam reparação.» Sabeis o que fez? Enviou um presente ao que o tinha insultado e deu ordem para o isentarem de certos impostos a que estava obrigado. O portador disse a este homem: «Senhor, aqui tendes um presente que o Senhor Arcebispo vos envia, e, para vos provar a sua afeição, isenta-vos do tributo que lhe deveis.» Este homem foi ter com S. João, lançou-se a seus pés e disse: «Senhor, ofendi-vos e concedeis-me um favor tão grande como a ofensa que vos fiz. Não o mereço!» E fez mais. Foi lançar-se também aos pés do próprio ofendido e de tal maneira o fez que reparou inteiramente a falta. S. João dizia depois ao sobrinho: «Que dizes agora? Não achas que vinguei bem a injúria que te fizeram, trazendo o teu inimigo a teus pés?»

Minhas Irmãs, quando sentirdes dificuldade em falar com al-

gumas das vossas Irmãs que vos tenha desgostado, não o manifesteis mas lançai-vos ao seu pescoço, abraçai-a manifestando-lhe o maior affecto possível dizendo: «Minha querida Irmã!». Se vir des que a ela lhe custa suportar-vos, dizei: «Talvez eu tenha procedido como se não fosse vossa Irmã. Peço-vos perdão por todos os desgostos que vos tenho dado e quero para o futuro prestar-vos todo o serviço que possa.» Sim, deveis fazê-lo porque ganhareis o coração daquela que vos tem aversão. Fazei-o, embora vos custe. O espirito maligno sugere-vos essa difficuldade para não praticardes essa boa acção. É uma das coisas que mais recomendo para o vosso Instituto, porque o espirito próprio das Filhas da Caridade, exige que vos ameis umas às outras como filhas do mesmo Pai. Por isso, logo que sentirdes alguma perturbação no vosso espirito, ou quando alguma quizer alterar a boa união que deve reinar entre vós, dirigi-vos à vossa Irmã e dizei-lhe com toda a sinceridade: «Minha Irmã, se soubésseis como vos amo como Deus assim me ordena, também me estimariéis da mesma maneira!» Se a Irmã não fizer caso na primeira vez, dai-lho a entender na segunda vez e Deus permitirá que mude de disposição

— Mas, Senhor, eu direi bem isso com a boca, mas não o sentirei no coração; pelo contrário muito me custará a dizê-lo. — Não importa. Não deveis por isso deixar de o fazer. É uma inclinação maligna e o demónio aproveita-se dela para vos impedir de o fazer. Repeli-o e se continuardes a fazê-lo, a tentação desaparecerá. Que acontecerá se dominardes essa repugnância? O demónio que tinha excitado em vós essa má tendência da natureza, ao ver que não seguís as suas sugestões, fugirá e tudo redundará para glória de Deus e vergonha do demónio, que não se atreverá a meter-se mais com uma alma tão cheia de espirito de caridade e que com todas as suas forças procura unir as almas com o laço duma santa amizade. É o melhor meio de pôr em fuga o demónio, inimigo de Deus, do homem e dos demónios, porque os demónios não se amam uns aos outros, e quando atacam as almas boas, como por exemplo, as humildes, que, pela sua fidelidade tiram proveito da tentação, não o podem suportar e então, segundo dizem alguns doutores, vão lançar-se no mais profundo dos infernos.

Procurai, pois, ser dignas do nome que usais, para que não se diga de vós o que se disse de certo homem: «Tens um nome de vida, diz o Apocalipse, mas estás morto; tens o nome de Caridade e és um homem sem caridade.» Da mesma maneira sois Filhas da Caridade, usais este nome e tendes ódio às vossas Irmãs! Tende-lo em vão, porque a caridade não suporta o ódio. Mas procurai comprehender que a falta de caridade vem muitas

vezes da inveja e esta do orgulho. Pode também ser causa de alguma má inclinação desconhecida que é vestígio de pecado, que só com muito custo suporta um character oposto. Como por exemplo, aqueles que basta verem certas pessoas, para sentirem movimentos de aversão; isto é consequência duma má natureza que herdamos de Adão.

Outras vezes a aversão é resultado da inveja, porque lhes parece que os outros são preferidos. Se mandam a outra fazer alguma coisa, dizem imediatamente: «Ocupam fulana em tal coisa e de mim ninguém se lembra! Falam cordialmente àquela e a mim não!» Então o demónio mete-se e diz: «Tens razão, aquela Irmã é melhor tratada do que tu. Devem ter dito mal de ti.» E vão mais longe. Começam a pensar que foi esta ou aquela. É que o demónio já tomou posse dessa alma, porque é ele a causa da inveja. Ei-la dominada por um orgulho diabólico extremamente contrário à caridade. Que deveis fazer quando isto acontece? A inveja é contrária à caridade. É preciso fomentar em si o amor de Deus e dizer: «Pobre miserável, ofendeste-te porque ninguém te estima e não te importas de amar a Deus! Aborreces-te que não te dêem um officio, e como procedestes quando o tinhas? Deus permite que aquela seja colocada, também te colocarão quando julgarem oportuno! Mas afinal, para que o pedes? Nisso pedes a satisfação do teu orgulho.» Porque, vede, minhas Irmãs, quando uma pessoa deseja ser colocada, é uma tentação de orgulho, porque é o demónio que lhes faz julgar que é capaz de um officio como as outras. E dum pecado cai noutro pecado, pois a inveja nasce do orgulho que nos leva a querer sobressair. Pelo contrário, o espírito de Deus faz-nos julgar inúteis e capazes de estragar tudo.

Minhas Irmãs, quando sentirdes pena por estas coisas dizei: «Donde me vêm estes sentimentos. É da inveja que tenho daquelas pessoas. Estou, portanto, possuída de orgulho. Miserável creatura! O demónio quer tentar-te!» Sim, minhas Caríssimas Irmãs, a inveja nasce do orgulho como já vos disse. Ora aquelas que consentem nestas aversões estão cheias dela. A inveja vendá-lhes os olhos porque não podem ver as outras satisfeitas sem ficarem elas aborrecidas; ataca-lhes os ouvidos, a boca, o coração, pois, em lado nenhum podem ouvir falar bem das outras. Que miserável estado de alma. Entregai-vos a Deus, minhas Irmãs, para não cairdes nele e vos tornardes dignas do nome que tendes.

Isto é o que indica a trigésima sexta Regra. Vejamos agora a trigésima sétima.

«Se por fragilidade acontecer que uma Irmã dê motivo de

mortificação a outra, pedir-lhe-á imediatamente perdão de joelhos ou pelo menos à noite antes de se deitar ; a outra de bom grado aceitará a humilhação de sua Irmã pondo-se também de joelhos, sendo esta prática um bom meio para curar prontamente a aversão que lhe poderia ter causado.»

Minhas Irmãs, este é o meio mais eficaz que se pode empregar neste caso. É uma Regra que por si dá fruto. Quando se pratica a virtude nem sempre se vê logo o seu efeito. Faça esta acção ou esta penitência por amor de Deus. Sei que a seu tempo dará fruto, mas não imediatamente. Não acontece o mesmo com esta prática. Ofendestes a vossa Irmã e destes-lhe ocasião de se aborrecer ; pedi-lhe perdão e, imediatamente, a chaga ficará curada. Por isso, deveis prometer a Deus que não faltareis a esta prática porque é um excelente meio para conservar a caridade entre vós e de não vos desgostardes umas às outras. Quando contristardes alguma das vossas Irmãs, deveis pedir-lhe perdão.

«Senhor, em que baseais essa doutrina? — Minhas Irmãs, está contida na Sagrada Escritura que diz : «Se fores apresentar a tua oferta ao altar e te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua oferta e vai reconciliar-te com ela e depois vai e faz a tua oferta.» (S. Mateus V, 23-24). Julgais que sois agradáveis a Deus se não amais o próximo por caridade? Não, minhas Filhas, nada valem para Deus as vossas confissões e comunhões nem nenhum cuidado que tendes pelos pobres se tudo isso é feito por uma alma que não está unida a Ele e ao próximo pela caridade. Prefiro a reconciliação de duas pessoas que não se estimam do que todos os vossos sacrifícios. Se offenderdes a vossa Irmã, pedi-lhe perdão. Se ela não se encontrar em casa, dissei a outra companheira : «Minha Irmã, fiz uma coisa que aborreceu uma das minhas Irmãs. Ela não está aqui, mas eu tinha muita vontade de lhe pedir perdão, por isso, peço-vo-lo agora e pedi por mim a Nosso Senhor. Isto é penoso para a carne e para o espírito diabólico ! Para quê dizer as nossas faltas àqueles que as não conhecem? Mas isto é suave e fácil para uma alma que tem o espírito de Deus.

— Senhor, faz-se isso nos outros lados? É na vossa casa, também o fazem?

Hoje mesmo o fiz, minhas Irmãs, na repetição da oração. Lembrei-me que ontem tinha falado a dois ou três com presunção. Pedi lhes perdão e reconheci diante de toda a Companhia que sou a causa de todos os males que acontecem na Missão. Que me aconteceu depois. Fiquei cheio de consolação e de doçura. E porquê? Porque sei que isto é agradável a Deus.

Disse-vos que os nossos sacrifícios não são agradáveis a Deus

sem caridade, e sem a reconciliação quando houver algum mal entendido. Isto é tão certo, que a Igreja manda que os sacerdotes acusem as suas faltas ao começar a Santa Missa e o façam diante de todo o povo dizendo: «Eu pecador, me confesso a Deus todo poderoso, etc.» Assim, quando se vê o sacerdote aos pés dos degraus do altar, recordemos que é para dizer ao povo que é um miserável pecador e se reconhece culpado por ter pecado por pensamentos, palavras e obras.

Por aqui podeis ver, minhas queridas Irmãs, e esta é a fé da Igreja, que sem caridade nada é agradável a Deus, e concluamos daqui, que nada há que lhe seja tão agradável como a confissão das faltas e a reconciliação com o próximo quando o ofendemos, pois, nem o sacrifício do seu Filho oferecido sobre o Altar Lhe é agradável sem estas condições.

Digo mais, minhas Irmãs; não sei se uma Irmã fará bem ir-se confessar sem pedir perdão àquele a quem contristou. Não estou de acordo com alguns doutores que dizem que se não deve ouvir Missa em pecado mortal, mas concordo que devemos reccar que tudo o que fazemos não seja agradável a Deus se não tiver a veste da Caridade. Por isso, recomendo-vos muito que pratiqueis este santo costume de pedir perdão quando ofendestes alguma das vossas Irmãs; pondo-vos de joelhos no mesmo momento ou o mais tardar à noite antes de deitar, para lhe pedir perdão do aborrecimento que lhe causastes. Esta prática é muito conforme à palavra de Deus que disse: «Não se ponha o sol sobre a vossa cólera.» (Epístola de S. Paulo aos Efésios IV, 26).

Não me acreditareis se disser que os Turcos são nisto muito melhores do que os cristãos? Um padre da Missão, enviado para a conversão dos infiéis, contou que encontrou um dia um Turco e um cristão, ambos baptizados, que tinham tido entre si um mal entendido e não se podiam ver um ao outro. Este sacerdote disse a um deles: «Meu amigo, soube que houve qualquer coisa entre vós! É preciso que lhe perdoeis!» O pobre escravo disse: — «Mas ele fez-me isto e isto; não lhe posso perdoar. Não o posso suportar quando o vejo.» — «É a vossa natureza que vos faz sentir isso,» disse-lhe o sacerdote que foi em seguida falar ao outro. E durante uma hora inteira ia dum para o outro até que conseguiu reconciliá-los. Estava presente um Turco de condição que ao presenciar isto, disse ao sacerdote: «Diz-me: que fazias com aquellos dois homens a quem tanto falavas?» — Era para ver se se reconciliavam. «Bem me parecia, disse o Turco. Mas qual é a vossa religião? Qual a origem de tamanha dificuldade para se perdoarem? Nós, na realidade, fazemo-lo doutra maneira muito melhor, pois, não deixamos que o sol se deite sobre a nossa cólera.»

Isto é o que fazem os Turcos. Portanto, uma Filha da Caridade que conserva frieza no coração contra o próximo sem se reconciliar, é pior do que um Turco. Recomendo-vos pois, esta prática. É aquela que recebeu a ofensa que se humilhe e aceite bem o perdão da sua Irmã. Há corações tão duros que não recebem as humilhações. Dirão, por exemplo: «Pedis perdão mas continuais na mesma!» Assim recebeis mal a vossa Irmã e mostrais que lhe tendes aversão, ela que apesar da posição do demónio, e vencendo todas as resistências, fez tudo o que pôde para conservar a preciosa veste da caridade que deve reinar entre vós, como Irmãs que devem amar-se mutuamente, pois que Deus as uniu. Que mais pode fazer esta Irmã do que pedir perdão? Ela talvez vos tenha ofendido sem pensar, e vós recebei-la desabridamente. Um dos maiores pecados que podeis cometer é receber dessa maneira o perdão das vossas Irmãs. Que quereis que faça? Se mostra pena de vos ter ofendido é porque quer corrigir-se! Que mais pode ela fazer para vos satisfazer? Deus contenta-se com isto, e vós desgraçada criatura não vos contentais! Deus prometeu que perdoaria ao pecador logo que este se arrependesse e não perdoareis à Irmã que vos ofendeu? É sinal de que estais possuída do espírito diabólico.

Que deve pois, fazer aquela a quem é pedido o perdão? Deve dizer: «Minha Irmã, acredito que o fez sem pensar e também lhe peço perdão do desgosto que lhe possa ter dado.» É preciso deixar a que cometeu a falta pôr-se de joelhos (é justo que seja ela a começar) e dizer: «Minha Irmã, peço-vos humildemente perdão de isto e de isto.» A outra deve também pôr-se de joelhos e dizer: «Minha Irmã, prometo não pensar mais no assunto.» Não é dizer: «Perdoo-vos», mas sim, que o esqueceréis; deveis pedir também perdão por terdes talvez, sido a causa da falta que ela cometeu. Porque, vede, ela pode ter tanto motivo para ter paciência convosco como vós com ela.

Minhas Irmãs, tomai este propósito agora mesmo. É o meio de conservar a caridade e também de desarmar o demónio, que com as tentações que nos sugere, perde mais do que ganha. O que pretende é perder-nos. Quando vê que as suas tentações servem para nos humilhar, fica tão aborrecido por não ter conseguido o fim que tinha em vista, que se vai enraivecido. Mas é preciso fazer isto o mais rapidamente possível, para que o mal não se desenvolva, pois acontece como com o azeite quando se espalha pelo lençol. Fizeste pena à vossa Irmã. O meio para passar o desgosto é pedir-lhe perdão quanto antes.

Se Deus nos conceder a graça de praticarmos a lição que acabamos de aprender na escola de Nosso Senhor, dir-se-à da Com-

panhia, que é uma Companhia que vive mais à maneira dos Santos que estão no céu do que das pessoas que estão na terra. Que motivo de consolação para duas Irmãs que se entendem bem e que estão unidas pelos laços da caridade! Minhas Irmãs fazei o que vos manda as Santas Regras e levareis dignamente o nome de Filhas da Caridade; de outra maneira, tendes grande motivo para temer que Deus vos retire do livro da caridade. «*Deleantur nomina vestra de libro vitæ;*» tendes apenas o nome da caridade mas não tendes a bela veste nupcial. Minhas Filhas, todas fostes escritas no livro da caridade quando vos destes a Deus para servir os pobres; e, duma maneira particular, no dia em que fizestes os santos Votos recebestes este nome dado pelo próprio Deus. Deveis, pois, viver em conformidade com o nome que tendes, pois que foi Deus quem deu o nome à Companhia. Não foi a Senhora le Gras, nem o Senhor Padre Portail, nem muito menos eu que vos chamei Filhas da Caridade. O povo vendo os trabalhos que as nossas primeiras Irmãs prestavam aos pobres deu-vos este nome que ficou como sendo próprio ao vosso serviço.

Mas, Senhor, foi então o mundo que nos deu este nome? Deus aprova o que o mundo faz?

— Minhas Irmãs, sim, quanto ao bem, mas não ao mal. Quando todos falam bem duma coisa, nisso a voz do povo é a voz de Deus. Por isso, foi Deus que vos deu o vosso nome. Conservai-o bem. Fazei todo o possível por terdes sempre a veste da caridade cujos sinais são o amor de Deus, do próximo e de suas Irmãs, e receai que Deus apague o vosso nome do livro da vida. E, porque todos somos pecadores, agradeçamos a Deus por nos ter dado um meio tão fácil para nos reconciliarmos uns com os outros; peçamos-lhe a graça de bem usar desta facilidade, afim de conservarmos esta veste interior. O amor de Deus está lá em cima; no meio está a caridade com o próximo e o amor dos pobres; e na parte de baixo está a caridade entre nós. Que linda veste! Se a pudéssemos ver como S. João a viu, ficaríamos encantadas com a sua formosura e com o desejo de a possuir.

Este grande santo estando já velhinho, pedia que o levassem à igreja para pregar e a sua pregação era esta: «*Amai-vos uns aos outros*»; ia-se logo embora. «*Mas, meu Pai, diziam-lhe os discípulos, toda a gente vos esperava para vos ouvir pregar; e é só isto que lhes dizeis?*» — «*Só lhes digo isto, só lhes digo isto, respondia, porque se o observarem, observarão a lei de Deus.*»

Que felicidade saber isto! Se fizerdes o que ordenam as vossas santas Regras, observareis a lei de Deus, a lei que os santos têm na vida bemaventurada. Qual é lei dos santos no céu? Não é

outra senão a de amar perfeitamente a Deus, de se abismarem na consideração da Sua essência divina, da Sua beleza, da Sua bondade, da Sua sabedoria e outras perfeições divinas. Isto é o que fazem os santos para com Nosso Senhor o qual se lembra do amor que teve para os salvar; de maneira que se amam com amor indissolúvel. Os santos recebem novo acréscimo de alegria, ao ver que Ele é bem servido por almas boas que ainda estão no mundo e ao contemplar a glória que prepara para elas, para cada uma de vós em particular, minhas queridas Irmãs, para toda a Companhia da caridade, Companhia que se assemelhará ao paraíso se observar bem esta lei de amor. Sim, é uma Companhia do Paraíso quando nela se proceder como se lá se estivesse. Praza a Deus conceder-nos esta graça.

Depois, pondo-se de joelhos, o Senhor Padre Vicente começou esta oração:

Salvador das nossas almas, que, por vosso amor quisestes morrer para salvar os homens, que deixastes por assim dizer, a vossa glória para no-la conceder, e por este meio nos fazer como deuses, tornando-nos tanto quanto possível, semelhantes a Vós, imprimi nos nossos corações a caridade, para que possamos juntar-nos a esta bela Companhia da Caridade que está no céu. É a a oração que vos faço, Salvador das nossas almas. E em vosso nome pronunciarei a bênção sobre as nossas pobres Irmãs, suplicando a vossa bondade que sobre elas derrame com profusão a graça de bem observarem o que lhes foi agora ensinado, graça que vos é tão fácil conceder-lhes! Fazei, pois, ó Senhor, que estejam todas cheias de amor por vós, para com o próximo e entre si. É a súplica que dirijo com todo o coração à vossa Divina Majestade.

94 – CONFERÊNCIA DE MAIO DE 1658

A DUAS IRMÃS ENVIADAS A USSEL

Resumo do que o Nosso Honoratíssimo Pai disse às nossas Irmãs, Anne Hardemont et Avoie⁽¹⁾ na véspera da sua partida a fim de irem a Ussel com a Senhora Duqueza de Ventadour, com intenção de verificarem se as Filhas da Caridade alí podiam estabelecer-se segundo o seu Instituto, isto é, com utilidade para a glória de Deus e o serviço dos Pobres doentes.

(1) Avoie Vignecon.

A Irmã Anne tendo ouvido qualquer coisa que a magoava por causa dos achaques que contraiu na queda que deu quando do cêrco do Montmédy aonde a rainha as tinha mandado para cuidarem dos soldados doentes e feridos, expôs à Irmã a sua preocupação e nós julgámos necessário apresentá-la ao Nosso Honoratíssimo Pai. Sua Caridade manifestou os projectos desta boa Senhora os quais eram, no princípio, fundar um Seminário para as nossas Irmãs, porque havia muito que fazer naquela Província, devido à ignorância da classe popular. Foram logo expostas as difficuldades que existiam, em parte pelo pouco pessoal de que disponhamos para obra tão grande e também porque não havia próximo, nenhum estabelecimento de Sacerdotes da Missão, determinou levar as Irmãs para o Hospital, não só para fazerem o que pudessem em favor dos doentes que allí admitiam, como também para procurarem os meios de tratar dos doentes pobres da cidade. E como a nossa Irmã continuava a recear que aquele trabalho fosse superior às suas forças, sua Caridade assegurou-lhe o contrário, prometendo-lhe que se allí ficassem e que tivessem necessidade duma terceira Irmã, mandá-la-iam immediatamente. Que, além disso, a dita Senhora prometeu não deixar allí as Irmãs sem se informar primeiro de tudo o que desejavam delas. Também as aconselhou a que não se compromettessem a nada sem prevenir primeiro, o que elas prometeram cumprir fielmente.

— Estai tranquilas, minhas Filhas, e abandonai-vos à Divina Providência em obra tão santa. Sim, minhas Filhas, é tão sublime a vossa vocação, que se houvesse outra melhor, o Filho de Deus a teria escolhido para Seu emprêgo, afim de nos dar o exemplo e fornecer-nos os meios de nos aplicar os méritos da Sua morte pelas boas obras. Dir-vos-ei, Caríssimas Irmãs, que o povo desse país é muito bom, dócil e propenso ao bem, mas muito ignorante, e nisto vos ocupareis, quanto possível, para que conheçam e amem a Deus. Que haverá de melhor? Dar a conhecer a grandeza de Deus, a Sua Bondade, o amor que Elle tem pelas criaturas, ensinando-lhes os mistérios da Fé para que deste conhecimento cheguem a amá-Lo. Nada há de mais sublime! Que felizes sereis, minhas Filhas, se com os vossos conselhos, ao tratar dos pobres doentes, contribuis para a salvação de alguma dessas almas! Minhas Irmãs, não deveis dirigir-vos directamente aos doentes, nem aos pais, nem às mães, mas inteírogar as crianças na sua presença, ensinando-lhes claramente os principais mistérios da Fé. Porque o vosso fim principal é dar o conhecimento de Deus, pelo serviço espiritual que prestais aos Pobres, servindo-os corporalmente, assim como o nosso é instruir e tratar os pobres doentes.

O que deveis, pois, fazer, Caríssimas Irmãs, é não empreender coisa alguma que não seja segundo os vossos trabalhos ordinários. Se outra coisa vos fosse proposta, adiai a execução até que tenhais recebido dos Superiores ordens sobre o que deveis fazer.

95 — CONFERÊNCIA DE 30 DE MAIO DE 1658

SOBRE A CONDESCENDÊNCIA E SUPORTE MÚTUO

(*Regras Comuns, art.º 38*)

Minhas queridas Irmãs, eis me chegado à trigésima oitava das vossas regras. Este artigo contém estas palavras: «Elas suportarão as suas companheiras nas suas pequenas imperfeições, assim como quereriam que as suportassem em ocasiões semelhantes, e acomodar-se-ão tanto quanto possível a seus caracteres e sentimentos em tudo que não for pecado, ou contra as regras; esta condescendência aliada ao suporte é um excelente meio para manter a paz e a união na Comunidade».

Minhas Irmãs, este artigo contém duas coisas: a primeira é de vos suportardes mutuamente nas vossas imperfeições, e a segunda, de condescenderdes tanto quanto possível, sem ofender a Deus. Eis as duas virtudes que vos ensina esta regra: o suporte das enfermidades e pequenas imperfeições que se possam encontrar entre vós, e a condescendência em todas as coisas, em que não haja pecado.

Quanto ao suporte, minhas queridas Irmãs, dir-vos-ei duas razões entre uma infinidade delas que poderia alegar, pelas quais vos deveis suportar.

A primeira é que Nosso Senhor recomenda isto a todos os cristãos em geral, mas muito mais às pessoas que Ele chamou para viver em comum, como vós e eu. Ele diz assim pelo Seu apóstolo: *Alter alterius onera portate, et sic adimplebitis legem Christi* (Epístola de S. Paulo aos Galatas VI, 2). Isto quer dizer: «Suportai o fardo uns dos outros». O que acontecerá se o fizerdes? Por este meio cumprireis a lei de Deus: *Et sic adimplebitis legem Christi*. S. Paulo tinha dito noutra ocasião que quem vive na caridade, cumpre-a. Portanto, quem ama, cumpre a caridade, à qual pertence o suporte mútuo e o tomar para si as enfermidades dos outros. Ora uma pessoa que assim praticar a caridade terá cumprido a lei de Deus. Minhas Irmãs, nosso Senhor ensina-vos o suporte como primeiro motivo.

O segundo motivo que tendes para vos levar a esta prática, embora o primeiro vos bastasse, pois dizer que cumprimos tudo o que Deus pede de nós, é uma razão muito forte para vos resolverdes a isso, é ter uma santa amizade entre vós e viver em perfeita união fazendo assim um paraíso neste mundo; de maneira que se Deus vos faz a graça de vos suportardes mutuamente, será um paraíso começado. Ó Salvador, como isto é belo! Permanecer sempre unidas pelo laço da caridade e do suporte é estar num paraíso! Minhas Irmãs, viver assim é fazer um paraíso sobre a terra.

Eis uma Irmã que tem alguns defeitos. Ela faz-me pena; mas suporto-a por amor de Deus e nada lhe direi. Eis uma outra que me faz pena, não agirei com ela por paixão, como me pede a natureza, mas acariciá-la-ei e falar-lhe-ei suavemente. Isto é, fazer um paraíso! Porque será um paraíso antecipado? Porque no paraíso se cumpre a lei de Deus e vós a cumpris na terra, suportando-vos umas às outras. Ó Salvador, é um paraíso barato. Ó minhas filhas, que Deus não tenha um dia de vos dizer: «Ofereci-vos um paraíso no outro mundo, não mereceis este porque desprezastes o outro que era um meio para chegar a este». Ó Minhas Irmãs, como devemos aproveitar bem dos meios que Deus nos deu para evitar esta repreensão!

O terceiro motivo que nos obriga a suportar os outros, é que temos necessidade que nos suportem também a nós; porque não há ninguém, por muito avançado que esteja na virtude, que não tenha necessidade de suporte. A que dentre vós se julgue a primeira, deve crer que tem necessidade que a suportem porque não há nada perfeito na terra. Só Jesus e a Santíssima Virgem não tiveram necessidade de suporte porque eram perfeitos. A excepção destes, todos temos necessidade de ser suportados. Uma tem um defeito, outra tem outro ainda pior do que aquele que nos custa a suportar no próximo. É a realidade. Quem poderá dizer que não tem necessidade de ser suportado? Depois de ouvir isto podemos dar a Deus sem o suporte mútuo?

Posto isto, se temos necessidade que nos suportem, como não querer suportar os outros! Quantas vezes nos encontramos incapazes de nos suportar? Não conseguimos fazer nada, nem ouvir, nem receber as atenções de ninguém, nem mesmo acolher quem quer que seja! Eu próprio encontro-me algumas vezes em tal estado de corpo e de espírito que me custa a suportar. Por isso, é preciso que nos suportemos e que peçamos a Deus esta graça. Ora se nos custa a suportar-nos nesta disposição e em tantas outras imperfeições de que estamos cheios, como não queremos suportar os outros em condições idênticas? Deus quer que nos

suportemos a nós mesmos. Mas, eis duas Irmãs que estando juntas, pensam que não têm necessidade de suporte! Isto não é possível, minhas Irmãs, porque, uma será Irmã Servente e outra companheira. A Irmã servente quer que a pobre companheira se acomode ao seu espírito, outras vezes também a companheira estará de tão mau humor que a Irmã servente não saberá como falar-lhe. Que fazer então? É preciso suportar e dizer a si mesmo:

«Está bem! a minha Irmã faz-me aborrecer; é preciso que eu a suporte porque Deus me ordena; é possível que eu a aborreça e lhe faça mais pena que ela me fez. Se dissermos que não cometemos pecados, nem imperfeições, enganamo-nos, segundo diz S. João (Primeira epístola, I, 8). O fruto de tudo isto é que vos deis a Deus, suportando-vos. Isto é justo. Vós e eu, devemos convencemo-nos de que nos suportam muitas vezes, por isso é preciso suporte entre todos. Se a companheira faz pena à sua Irmã, esta deve pensar: «Oh! Talvez eu tenha mais faltas do que aquelas que noto na minha Irmã e que a aborrecem mais do que me ferem a mim.»

Não vedes que é preciso suporte para que todas as coisas se mantenham? Uma casa ou um edifício tem necessidade de suporte. doutro modo não se poderia construir. Assim vedes que as pedras maiores suportam as mais pequenas; da mesma forma a madeira; as traves sustentam as varas; de forma que, como vedes, na terra tudo se faz com suporte. O corpo humano não poderia funcionar sem o suporte dos membros. E se os pés e as pernas não me sustentassem como ficaria o meu corpo?

Minhas Irmãs, praza a Deus que hoje nos faça a graça de nos bem revolvermos a isto, crede que é uma das belas e grandes práticas que podereis ter. Minha Irmã fez uma coisa que não está bem; quero que ela me suporte; é preciso que eu a suporte também. Ora esta virtude do suporte, é a da condescendência. Minhas Irmãs, isto quer dizer: estar de acordo com o próximo. — Senhor, em que Vos baseais? — Nas palavras do Evangelho; porque todas as vossas Regras estão assentes no que Nosso Senhor disse. Ora que diz o Evangelho? «Se o vosso próximo quer dar um passo convosco, dai dez» (S. Mateus V, 41). Os doutores, explicando esta passagem referem-na à condescendência. Então uma Irmã que faz tudo o que outra quer, pratica a virtude da condescendência? Sim, contanto que não seja nada contra Deus nem contra as Regras, porque a condescendência no pecado é vício e não virtude. Condescender com uma Irmã para ofender a Deus e infringir as regras, oh! maldita e diabólica condescendência! Não é esta condescendência que a vossa regra ensina, mas uma certa brandura de espírito pela qual se condescende com os outros em

tudo o que não é pecado. Minhas filhas, demo-nos a Deus desde este momento e peçamos-Lhe a graça de bem praticar esta virtude, cuja finalidade é contemporizar com o próximo. Quando uma Irmã a pratica, se a sua Irmã lhe diz: «Minha Irmã façamos tal coisa». — Façamo-la, minha Irmã: «Permitis que vá ver tal doente?» Vá, minha Irmã. «Minha Irmã, permite que leia tal coisa?» — Penso, minha Irmã, que fareis bem! É assim, minhas Irmãs, que se pratica a virtude da condescendência, concordando em tudo que não seja pecado.

Mas, Senhor, devemos nós realmente proceder assim? — Minhas Irmãs, não há nada mais consolador do que pensar que fazendo assim se faz a vontade de Deus. S. Vicentè Ferrer disse uma coisa muito notável e que me agradou muito. Entre as virtudes morais de que falou, a que ele recomenda mais é a condescendência, porque diz que as pessoas que se exercitam na condescendência em todas as coisas excepto no pecado, têm muita facilidade para seguir a vontade de Deus que lhes é manifestada pelos outros, e assim chegarão bem depressa ao estado de santidade. Jesus! Minhas Irmãs, como somos censuráveis e indignas do hábito e do nome de Filhas da Caridade, se não chegarmos à perfeição por um meio tão fácil!

Mas, dirá uma Irmã Servente, sendo assim não será preciso Irmã Servente? Pròpriamente falando, não seria preciso quando chegásseis a esse estado; para boa ordem é necessário que umas tenham o encargo das outras. Se uma companheira pede alguma coisa que não é bem, ou se apressa a fazer qualquer coisa de que podè resultar mal, então cube à Irmã Servente resolver se ela a deve fazer ou não, pois tem o espírito de Deus; tendo sido escolhida pelos Superiores para este officio, tem por isso o dom da conduta. Assim a Irmã Servente e os Superiores não devem condescender em todas as coisas, quando há um maior bem a fazer e que se lhes propõe deixá-lo por um menor. Mas fora disto, a Irmã Servente deve condescender em tudo o que não vá contra as regras nem contra a boa conduta. Se é uma coisa que se não deve fazer, como já foi dito, não se deve condescender; mas fora disso Deus pede-nos que condescendamos em todas as coisas e isso não é contra a ordem. Devemos frisar que os Superiores não podem condescender em tudo.

Uma das grandes virtudes que se deve praticar, é a condescendência. Não vos lembrais do que foi relatado das Irmãs falecidas cuja virtude que mais nos chocou foi a condescendência? Lembro-me duma, que não nomearei, que tinha esta virtude em tão alto grau que queria tudo o que as Irmãs quisessem. Vós o relatastes; não pude ouvir sem que as lágrimas me viessem aos

olhos! Oh! Minhas Irmãs, que Deus vos faça a graça de praticardes a condescendência e a derrame nos vossos corações para caminhardes em virtude. Mas é preciso dar-vos a Deus e ter uma alta estima por esta virtude, que tão prontamente leva ao caminho da santidade.

Minhas Irmãs, resolvamo-nos a isto, e desde este momento tomemos a resolução de suportar o próximo e de condescender com ele em tudo o que não for pecado. Ah! Senhor, dou-me a Vós para praticar a virtude do suporte. É o que recomendo aos nossos Padres e vos recomendo também acima de todas as coisas; porque não há ninguém que não tenha necessidade de suporte. Devemos crer que de facto nos suportam e pedir que não olhem para as nossas enfermidades. Peço muitas vezes aos meus Padres que tenham a caridade de me suportar, porque não há ninguém que tenha mais necessidade de suporte do que eu.

O Padre Vicente disse estas palavras com tanta humildade e manifesta confusão, que causou profunda admiração aos que o ouviram.

Admiro-me como podem suportar as minhas pressas, arrebatamentos e tantos outros defeitos; sim, admiro-me como me podem suportar. É por isso que lhes peço e digo. «Meus Padres, suportai-me e não olheis para a minha miséria.» É o que deveis dizer umas às outras: «Minha Irmã, peço-vos que me suporteis», e resolver-vos a suportar os defeitos da vossa Irmã.

Minhas queridas Irmãs, se assim procederdes, ficai certas de que com os vossos pobres vestidos e pobres toucas, as pessoas que vos virem e conviverem convosco, verão bem que aprendestes esta lição na escola de Nosso Senhor. Se entrardes nestas práticas adiantareis muito na perfeição. Dai-vos, pois, a Deus para praticar as duas belas virtudes de suporte e condescendência. Ah! como isto é belo: Amar Deus e fazer a vontade da sua Irmã em lugar da sua!

O bemaventurado bispo de Genebra pedia a Deus a graça de praticar bem esta virtude e recomendava-a muito a suas filhas. Ele dizia-lhes falando da condescendência: «Vede minhas Irmãs, é preferível fazer a vontade dos outros do que a nossa e antes condescender cem vezes com os outros do que uma só connôscos mesmos.» Qual era, pois, o exercício deste grande santo? Deveis pensar que era a condescendência. Chegareis a isso, minhas Irmãs, se praticardes o que a regra vos ensina. Proceder assim é fazer a vontade de Deus fazendo a da sua Irmã, o que muito Lhe agrada.

Ó Salvador, saberemos nós as vantagens que a Vossa divina magestade concede aos que procuram praticar as virtudes, sem

nos enternecermos de dor, por tão mal termos praticado o suporte? A Irmã servente quando a sua companheira lhe faz qualquer pena; a Irmã companheira quando a Irmã servente não lhe concede o que ela quer! Salvador! Que motivo de aflição querer suplantar a nossa vontade à dos outros e fazê-la prevalecer! Mas que motivo para louvar a Deus e se regosijar, saber que com a prática da condescendência gozaremos dum paraíso na terra! Que diremos quando virmos isso? Diremos que são almas bema-venturadas que começam o seu paraíso neste mundo.

Peço a Nosso Senhor que nos faça a graça de praticarmos estas virtudes. E quando vos confessardes se não suportastes o próximo e não condescendentes no que poderíeis condescender, acusai-vos. O que não seria pecado em qualquer outra pessoa pode sê-lo em Irmãs que querem levar uma vida conforme à de Nosso Senhor e que devem viver da Sua vida. Dai-vos a Deus para vos assemelhades, tanto quanto possível, a vosso Esposo pela prática das Suas virtudes, afim de que as filhas se pareçam com o Pai. Chamais-vos Filhas da Caridade, isto é filhas de Deus. Peço a Nosso Senhor que vos faça a graça de entrardes nesta prática, e da Sua parte pronunciarei as palavras de bênção.

Uma Irmã pediu perdão das faltas que tinha cometido contra as virtudes que o Nosso Honoratíssimo Pai acabava de recomendar e sua Caridade disse-lhe:

Bemdito seja Deus, minha filha, que vos deu o ensejo de vos acusardes! Bemdito seja Deus pela penitência que acabais de fazer e é de esperar que a Sua bondade vos tenha perdoado e vos dará a graça de não tornardes a cair! Desta maneira uma falta pode servir ao vosso progresso porque serviu para vos humilhar.

96 — CONFERÊNCIA DE 2 DE JUNHO DE 1658

CORDIALIDADE, RESPEITO E AMIZADES PARTICULARES

(*Regras Comuns, art. 39 e 40*)

Minhas Irmãs, vamos agora ao artigo trinta e nove das vossas Regras: «Como elas (referem-se às Irmãs) não devem manifestar demasiado affecto, nem complacência quando falarem seja a quem fôr, especialmente às pessoas de outro sexo, etc.

Duas coisas manda esta Regra: Uma, a cordialidade, a outra, o respeito devido ao próximo e entre as Irmãs, umas às outras. Ora, passo a explicar o que é cordialidade. A cordialidade propriamente dita, é o efeito da caridade que há no coração, e

assim, duas almas em cujo coração o santo amor inspirou a mútua caridade, manifestam-no quando se encontram. Se tendes amor aos Pobres, manifestá-lo-eis quando os encontrardes. Uma Irmã que estima a companheira, prova esse sentimento por palavras. A isto se chama a cordialidade que vem a ser um impulso do coração pelo qual damos a entender que estamos com muito gosto a seu lado, dizendo-lhe: «Minha Irmã, tenho muito gosto de a ter encontrado». As vossas Regras recomendam esta cordialidade e importa muito que a manifesteis umas às outras, por meio de certa alegria que nascida no coração se reflecte no rosto. É, pois, a cordialidade uma alegria que se sente no coração quando vemos alguém a quem estimamos, e que o rosto traduz, porque não pode deixar de exprimir a consolação que o coração sente. Mostra-se também a cordialidade por meio de palavras ternas, como por exemplo: «Minha Irmã quanto me agrada vê-la! Agradeço a Deus tê-la encontrado». Quando uma Irmã fôr ao vosso encontro, recebei-a com um ar agradável em que transpareça amizade por ela. Proceder assim, é manifestar o affecto do coração com uma espécie de satisfação interior expressa no semblante pela afabilidade e doçura daquela que fala com a companheira e com outras pessoas. Chama-se a isto cordialidade, que é um effeito da caridade. Se a caridade fosse uma maçã, a cordialidade seria a côr! Há pessoas com uma certa côr rosada que lhes dá beleza e as torna agradáveis. Ora, se a maçã fôr a caridade, a côr será a cordialidade. Esta é, pois uma virtude por meio do qual se manifesta o amor que se tem ao próximo, tão necessário às Filhas da Cuidade a fim de beneficiarem aqueles que tratam com elas. Pode dizer-se ainda que se a caridade fosse uma árvore, as folhas e o fruto seriam a cordialidade, e se fosse fogo, a chama seria a cordialidade.

Assim, prometei a Deus praticar esta virtude e mostrar cordialidade com todos, especialmente com as companheiras e com os pobres. Há pessoas que têm o santo costume de mostrar sempre o rosto alegre e sorridente a todos que encontram e manifestam com alguma frase cordial a satisfação que sentem. Ora, minhas Filhas, desejo que entrem nesta prática. Assim o ensina a Regra e Deus vo-lo pede.

É esta a virtude da cordialidade, mas porque as virtudes (isto requer atenção porque é uma das Regras mais difficeis de explicar), têm dois extremos, um à direita e outro à esquerda e elas estão no meio de dois vícios opostos. Acontece com a cordialidade como com as outras virtudes. É um defeito da cordialidade carecer em absoluto dela; parecer rude e desagradável, é um vício; considerai bem, é um vício. Por esta razão, sempre que ma-

nifestais cordialidade ao próximo, praticais uma virtude que merece o Céu em recompensa. Fazer o contrário, é mostrar um rosto triste e taciturno que faz gelar o coração dos que vos dirigem a palavra. É um vício oposto à cordialidade mostrar-se rude e desagradável com os demais.

O defeito que se encontra no outro extremo desta virtude, é o excesso de cordialidade. Por exemplo mostrar exageradamente a uma Irmã o carinho que se lhe dedica, dizendo: «Que alegria me dá vê-la!» E abraçá-la. Entre Irmãs é já uma falta, mas será muito mais grave se acontecer com externos principalmente com as pessoas de outro sexo. A vosso respeito, quando se diz outro sexo, quer dizer homens, com as quais deveis guardar muito recato.

Este vício tem o nome de excesso de cordialidade. Passar ao excesso é, como acabo de dizer, abraçar-se. Nunca se deve fazer. Abraçar-se com certo sentimentalismo, é dizer uma à outra: «Quanto a estimo! Por nada deste mundo teria querido deixar de a encontrar.» Isto, é um excesso de cordialidade. Considerai, pois, o princípio que estabelecemos, de não haver virtude que não possa degenerar em vício. Mostrar excessivo affecto a uma pessoa é cordialidade, mas uma cordialidade viciosa.

O segundo vício da cordialidade é parecer triste e não mostrar affecto a ninguém. É mister que procureis exercer esta cordialidade, como, por exemplo, ao servir os doentes, deixando transparecer uma certa alegria no rosto, com que manifesteis prazer em tratá-los, em ouvi-los, mas sempre com moderação, para não chegar a excessos.

Para melhor compreensão do que acabo de dizer, reparai que na virtude da liberalidade há também dois vícios: a avareza e a prodigalidade. A avareza consiste em ser muito agarrado e nada querer dar. A prodigalidade, é um excesso de liberalidade. E entre estes dois vícios está a virtude da liberalidade, como entre o defeito e o excesso da cordialidade está a virtude do mesmo nome.

Minhas Irmãs, recomendo a prática desta virtude e o hábito da cordialidade umas com as outras, com as senhoras, com os doentes e com todas as pessoas que tenham de tratar convosco, desde que seja observado o que acabamos de dizer, isto é evitar o excesso. Não sendo assim, procurai ser cordiais nas palavras, mostrando um semblante agradável que manifeste a alegria do coração; mas com os homens um pouco menos do que com as mulheres.

É, pois, minhas Irmãs, a cordialidade, a primeira virtude recomendada nesta Regra, mas há ainda outra nela incluída e que as Filhas da Caridade devem ter em conta; o respeito.

Que quer dizer, respeito? É uma virtude pela qual se mostra deferência, veneração e estima por outra pessoa. Ora, esta virtude tem dois vícios. O primeiro é o afastamento da pessoa por quem se tem respeito, como se não ousássemos aproximar-nos dela. É passar dum extremo a outro. O segundo vício é faltar ao respeito. E o que é faltar ao respeito? É tratar-se mutuamente de igual para igual como se todas fossem companheiras. Ora, Nosso Senhor quer o respeito mútuo, porque vos escolheu para Esposas. Deveis, pois, tratar-vos como esposas de Jesus Cristo que é Rei dos Céus. Não será esta uma razão para que vos estimeis umas às outras? Como?! Sei que a minha Irmã é esposa de Nosso Senhor e como filha de Deus, não lhe guardarei respeito? Quem não respeitará a esposa do Rei? Minhas Irmãs, deveis estimar-vos como esposas de Nosso Senhor e como filhas de Deus, porque dizer Filhas da Caridade é dizer Filhas de Deus. E, por isso, em qualquer parte onde vos encontrardes, manifestai mútuo respeito. Considerai nas vossas Irmãs, virtudes ocultas como aquelas que tendes notado: A paciência de umas, o amor de outras pelos pobres e outras ainda, o grande zelo na observância das Regras.

Minhas Irmãs, há tantas razões que vos levam à estima das companheiras que não há desculpa que vos dispense dela. Mesmo se não fosse senão porque Jesus Cristo morreu por nós, era já motivo para nos levar a estimar o próximo. Jesus amou-nos tanto que quis morrer por nós, e de tal maneira que pareceu querer-nos mais a nós que ao Seu Sangue precioso, pois derramou-o para nos resgatar; e é como se dissesse que O estima menos de que os predestinados e as Filhas da Caridade pelos quais, O deu até à última gota. Exposto isto, não deveremos prometer a Deus ter o próximo em muito apreço?

Além disso, não merecerá consideração uma pessoa que tem consigo um anjo, porque os nossos anjos da guarda acompanham-nos por toda a parte?

Minhas Filhas, é necessário que vos estimeis como esposas do Senhor e também aos de fora, porque é preciso que estas virtudes da cordialidade e do respeito resplandeçam nas Filhas da Caridade, sem que uma se separe da outra, porque se fosse apenas manifestada a cordialidade não havia o respeito, ou se houvesse unicamente o respeito, faltaria a cordialidade e o respeito ao mesmo tempo. Deus quer que nos respeitemos. Antecipemo-nos uns aos outros em manifestações de respeito e de deferência. (Epist. S. Paulo aos Romanos XII, 10). Esta Regra recomenda pois, que sejais cordiais sem impedir o respeito devido ao próximo. Não sei se compreendeis bem o que digo. A cordialidade é, pois, minhas Irmãs, uma virtude que nos faz manifestar ao

próximo a estima que nos merece, o respeito é um testemunho de apreço em que é tida a pessoa que se respeita. A cordialidade vem do coração. O respeito procede do entendimento porque vem do conhecimento que se tem do mérito da pessoa e que a faz considerar digna de honra. O procedimento entre as Irmãs e com os pobres deve ser de maneira a testemunhar-lhes a cordialidade, mas sem chegar ao excesso. Não sei bem se me faço compreender, porque é uma das Regras mais difíceis de explicar.

Minha filha, disse o Nosso Honoratíssimo Pai, que acabo eu de dizer?

— Meu Pai, dissestes que é preciso estimarmo-nos umas às outras, mas sem demonstrações excessivas.

— Se uma Irmã abraçasse outra da forma que dissemos e fizesse todas essas ninharias, poderia chamar-se cordial a sua accção?

— Não meu Pai.

— Não, minhas Irmãs, seria vício.

E dirigindo-se a outra.

— Minha Irmã, que vos recomenda esta Regra?

— Meu Pai, aconselha uma cordialidade respeitosa.

— É necessário, minhas Irmãs, pedir a Deus a graça de combinar bem estas virtudes. Guardamos a cordialidade no coração, porque é o símbolo do amor, mas não vemos o que nele se passa se não for manifestado exteriormente. Ora, quando manifestamos a alguém a estima que sentimos mas da maneira que dissemos, é uma virtude?

— Meu Pai, dissestes que era um vício.

Perguntou depois a outra Irmã:

Que quer dizer cordialidade?

— Meu Pai, é a estima mútua.

— E quando manifestamos por palavras e no rosto, a estima que sentimos, como se chama?

— Cordialidade.

— Mas quando demonstramos demasiada cordialidade, será isto virtude?

— Não, meu Pai, é um vício.

— Então a cordialidade deve ser acompanhada de respeito?

— Sim, meu Pai.

— Como vêdes, a virtude da cordialidade não se pratica isoladamente mas tem de ser acompanhada de outra virtude que é o respeito. Deveis ser cordiais para com as companheiras e eu recomendo-o, contanto que não consista em lhe agarrar os braços, beijá-la e falar-lhe como vos disse, porque não se trata assim uma pessoa que se respeita.

— Minha Irmã, diga-me o que acaba de ouvir.

— Meu Pai, disse que não devemos mostrar demasiado o affecto que sentimos. Que é bom manifestá-lo, mas não excessivamente, porque então faltamos ao respeito.

— Deus seja bendito! Consola-me ver que comprehendestes bem tudo, mas é necessário que daqui para o futuro vos exercitais nisto e que quando uma Irmã falar a outra, se aproxime com semblante agradável mas respeitoso, e a outra também. Para melhor o fazerdes, peço-vos que façais durante um mês o exame particular sobre isto afim de que verifiqueis se vos excedestes na cordialidade, se não a manifestastes moderadamente e se foi respeitosa. Se reconhecerdes que procedestes bem, bendizeis o Senhor.

No que se refere aos de fora, examinai-vos se foi com respeito que os tratastes. Se não foi, pedi perdão a Deus, continuaí até que adquirais o hábito de trataredes os pobres, as Irmãs e toda a espécie de pessoas com cordialidade e respeito.

E, basta, quanto à Regra 39.^a: Vamos à Regra 40.^a que fala das amizades particulares.

Regra quarenta: «Embora devam amar-se mutuamente, evitarão as amizades particulares que são tanto mais nocivas quanto menos o parecem porque se cobrem com o manto da caridade, e não são, finalmente, senão affecto da carne e do sangue.

Por esta razão fugirão delas tanto ou mais do que das inimizades, porque bastariam estes dois extremos viciosos para perder, com o tempo, a Companhia».

Acabamos de falar, caríssimas Irmãs, da cordialidade e do seu excesso.

Vejam agora uma coisa quase da mesma natureza, mas viciosa. Para o comprehendemos, estabeleçamos um princípio: Os cristãos têm duas espécies de amor. Um, humano, comum a todos os homens; o outro, cristão. Portanto todos os homens, têm, este amor e são naturalmente propensos a amar. Uns por inclinação e outros pela razão. O amor cristão, na Filha da Caridade, faz que ela estime a todos por amor de Deus, e começar pelas companheiras, tornando-o extensivo aos pobres e ao próximo.

Amar assim é um amor cristão e um amor de religião. O outro amor, é uma tendência para alguém, que não existe para os outros. É um amor natural. Assim, amam-se mais os pais, a pátria e certas coisas mais do que outras. As pessoas de Comunidade têm estas duas classes de amor. Com um, amam o próximo por amor de Deus; o outro é uma tendência affectiva, como acabo de dizer, é um sentimento animal, porque amar por natureza, é amar como os irracionais, como diz o bispo de Genebra. O amor natural dirige-se apenas a alguns, o outro a todos em geral. Minhas Irmãs, recomenda Deus que vos estimeis mutuamente, proibindo-vos o

afecto para satisfação das tendências. Quando reina este amor nas Comunidades há, com frequência, péssimos efeitos. Uma Irmã ao sentir-se atraída para a companheira, dir-lhe-á tudo que sente no coração, tudo que vê e tudo que não vê. Consagra lhe todos os sentimentos do seu coração e nada reserva para as pobres Irmãs que para ela não contam em relação a essa, e assim não tem nem o amor a Deus nem o amor ao próximo. Porquê? Porque só há nela o amor animal. Não ama o Criador que devia ser amado sobre todas as coisas, nem o próximo que devia amar por amor de Deus, porque prefere o amor desta criatura. Ora, este amor natural, é muito perigoso; pode ser a causa de muitos males e até perda da própria Comunidade. As Irmãs com esta propensão são susceptíveis de muito mal. É sentimento que leva a pequeninas intrigas. Quando se reúnem falam da Superiora, da Irmã Servente, do governo da Companhia, murmurando: «fazem isto, fazem aquilo; porque é que procedem assim? Esta governa assim, melhor o faria outra.» E provocam deste modo não só o desprezo das companheiras pelos Superiores como a crítica a respeito de todas as ordens que eles dão. As que têm essa tendência procedem desta maneira, e são a peste das Comunidades. E, digo, por experiência. A peste não causaria tanto mal entre vós. Deus vos livre! Não haveria tanta desordem numa casa como a provocada por essas pessoas com as suas pieguices. Porque não amam senão por tendência, tanto falam de uma como de outra, dando origem à desunião entre umas e outras e até mesmo, entre as Irmãs Conselheiras. É por esta razão que a Regra vos recomenda que estíeis igualmente as vossas Irmãs de maneira que não manifesteis mais estima por uma a pela qual sentis inclinação natural, do que por outra que não vo-la desperta. Para vencer essa inclinação, é-vos aconselhada a prudência e também que não manifesteis as vossas preferências. Tende muito cuidado com isto, minhas Irmãs, e logo que noteis esses sentimentos, sublimai-os imediatamente.

Deus meu! Como estão bem ordenadas as vossas Regras! Este artigo proíbe expressamente as amizades particulares. Considerai que género de estima vem do sentimento animal, e que a pessoa que ama deste modo ama verdadeiramente à maneira dos animais: é como o amor do cavalo e do burro. Ó Salvador! Deus nos livre de ser assim o amor das Filhas da Caridade! As que se sentem com esta propensão, procurem livrar-se. Custa, e não o consegue senão com grande esforço, porque é mister fazer uma grande violência para a extirpar. Prometei a Deus trabalhar neste sentido. E afim de que vos sirva o que eu vos disse, e para que nesta conferência tenha falado com proveito, seria conveniente que cada uma de vós examinasse se tem alguma

amizade particular. Não tenho eu mais simpatia por esta do que por aquela? Com a Irmã X estive em tal lugar. Não a estimo mais do que às outras? Examinai-vos, minhas Irmãs, sobre o que é objecto do vosso amor. E digo, agora mesmo, enquanto falamos, analisai: A quem estimo mais? É a graça que me leva a esta preferência ou a natureza? A graça não ama senão por Deus, e não tem outro fim senão ajudar os que se amam, a atingir a santidade. A natureza ao contrário procura a própria satisfação.

Se o dito exame vos mostrar essa tendência da carne, pedi a Deus a graça de vos livrar dela e depois procurai os meios de o conseguir

Procedei assim. Dizei a vós mesmas ao conhecer essa tendência por alguma das companheiras: «Gosto muito de conversar com a Irmã X, falo com ela do que não devo fazer assunto. Proponho-me, com a graça de Deus, acabar com esse sentimento. É como? Procurarei vê-la o menos possível e ao falar-lhe será apenas de coisas boas. Se ela quiser contar o que lhe ocorre, dir-lhe-ei: Minha Irmã, anteriormente fazíamos assim, mas avisaram-nos que era um vício, razão porque lhe peço que não voltemos a fazê-lo. Se continuar, procurai vê-la o menos possível. E nos encontros que tiverdes falai de coisas edificantes, como da oração da manhã ou de qualquer outra boa prática. E assim, Deus concederá a graça de desprender o vosso coração dessa Irmã, para, com santo amor, estimardes igualmente todas as companheiras.

Minhas Filhas, resolvamo-nos a isto. Não será grande traição fazer de outro modo? Uma Irmã tem um coração para amar a todas; se só o dedica a uma, estima-a à maneira dos animais e é como se dissesse: Ei-lo, entregue-vô-lo. Nenhuma terá parte nele senão vós! Ah! Jesus, que injustiça!

Depois disto, perguntou o Nosso Honoratíssimo Pai a uma Irmã:

— Minha Filha, são boas as amizades particulares?

Não, meu Pai, é um amor animal.

— Quantas classes há de amizades?

— Duas. Uma que leva a amar igualmente todas as Irmãs por amor de Deus. Outra, a amar para satisfazer uma inclinação natural.

— Deve consentir-se neste sentimento?

— Não, meu Pai, porque isso é estimar apenas uma pessoa.

— Isso é muito perigoso?

— Sim, meu Pai, e pode ser muito prejudicial à casa.

— Como evitá-lo?

— Meu Pai, é preciso abstermo-nos de falar àquela que preferimos, ou se lhe falarmos, deve ser de assuntos bons.

— Sentis desejo de proceder assim?

— Sim, meu Pai, com a graça de Deus.

— Minhas Irmãs, é necessário possuídes este desejo e todas as que se sentirem inclinadas a ter amizades por atracção, devem procurar abster-se delas e estimarem o próximo por amor de Deus. Não é permitido detestar a companheira, mas para ordenar esta amizade, convém mudar a natureza deste sentimento e fazê-lo por amor de Deus que manda amar o próximo.

E dirigindo-se a outra Irmã:

— É uma grande falta a amizade particular?

— Sim, meu Pai.

— E sentindo-se mais estima por uma pessoa do que por outra, deverá dizer-se-lhe?

— Não, meu Pai, porque é um vício.

— Como hão de estimar-se as Filhas da Caridade?

— Devem estimar-se mutuamente por amor de Deus.

— Vejo que compreendeis bem isto e dou por isso graças a Deus. Mas de nada vale entendê-lo se não se puser em prática. A mesma Regra dá os seguintes meios. Eis os termos: «Razão porque fugirão dessas amizades tanto ou mais que das inimizades.» Cumpre, pois, fugir dessas amizades particulares porque podem fazer tanto ou mais mal que as aversões.

Sim, uma pessoa que alimenta inimizade por outra, pode libertar-se desse sentimento pelos seguintes meios: pelas orações, pedindo a Deus a graça de se vencer; por qualquer inspiração que possa ter ou por qualquer pregação que ouça. Uma pessoa que sente atracção por outra e nunca procura os meios de libertar-se desse sentimento, mas ao contrário, vai-o aumentando com os seus encontros, é o bastante para introduzir a desunião entre todas as Irmãs, porque, quando reunidas, só falam umas das outras e de tudo que não deveriam falar. «Que me diz desta e daquela? Ela disse-me isto e aquilo. Oh! De verdade? Já lhe direi se ela voltar!»

Enfim, minhas Irmãs, sabemos por experiência que as amizades particulares trazem consigo grandes males e que podem contribuir para acabar com uma Comunidade. Para não se dar tão grande calamidade, trabalhemos por adquirir o amor de Deus e ter em bom apreço o próximo. Para estímulo, pensemos: «Não há nenhum acto de amor de Deus ou do próximo, com o qual se não alcancem méritos, contanto que este seja só por amor de Deus.»

Sendo assim, Caríssimas Irmãs, prometamos a Deus servir os

pobres como vos temos ensinado. Prometei, pois, amar a todos por amor de Deus e nunca por inclinação. Examinai-vos, durante um mês sobre este ponto, seja para ver se existe alguma amizade particular, como para trabalhar em emendar-vos, de maneira que cesse esta tendência. Quereis também, minhas Irmãs, verificar nos exames, se foi praticada a cordialidade para com as companheiras, os pobres e com outras pessoas, e se essa cordialidade foi respeitosa? Procurai ser imparcial e mostrar o mesmo affecto a todas as companheiras? Não o quereis assim?

Se Deus quizer conceder às Filhas da Caridade a graça de fundamentarem-se bem nestes exercícios, quanto adiantareis no caminho da virtude, em pouco tempo! Se aprover a Deus conceder-vos esta graça, não amareis senão a Ele. vivendo assim em Caridade, agradareis verdadeiramente à Divina Majestade. Mas se a vossa amizade for apenas natural, não tereis a caridade que embeleza a alma e a torna objecto do agrado de Deus, porque, desde que uma pessoa não estime os outros senão por amor natural, já não tem caridade e não é agradável a Deus.

Ó Salvador, quanto aproveitariam as nossas Irmãs se lhes concedesdes a graça da fidelidade à observância das Regras e, por vosso amor, estimarem todos em geral. E como manifestariam ser verdadeiras Filhas da Caridade, que significa ser Filhas de Deus! Minhas Irmãs, se assim fôr, tende a certeza que recebereis muitas graças de Deus; mas se fordes fracas e pouco corajosas rebaixar-vos-eis à condição de animais, não tereis a veste nupcial, isto é, a graça de Deus, que é a veste da alma. Julgais que, com o hábito, sois já Filhas da Caridade? Não! Só o sereis se houver o amor de Deus, o amor do próximo e o amor por todos, porque a caridade olha aos seus interesses. Revistamo-nos deste manto, não estimemos senão em Deus e por Deus, renunciemos às amizades particulares, fujamos delas como de um vício que pode acabar com a Companhia. É a graça que a Deus e à Sua Bondade infinita, peço, tanto para as presentes como para as ausentes. Recorramos à Santíssima Virgem, Ela no-la obterá. Queira a bondade de Deus conceder-nos esta graça com a bênção que vos darei em Seu nome.

97 — CONFERÊNCIA DE 9 DE JUNHO DE 1658

SOBRE A CONFIANÇA NA PROVIDÊNCIA

(*Regras Comuns, art. 41.º*)

Chegámos, minhas Caríssimas Irmãs, à Regra 41.ª das qua-

renta e três que tendes. Só faltam três para explicar. Esta trata da confiança na Providência. Diz assim: «Terão grande confiança na divina Providência e abandonar-se-ão a ela como uma criança nos braços de sua ama e persuadir-se-ão que, se forem fiéis à sua vocação e à observância das suas Regras, Deus as tomará sob a sua protecção e lhes fornecerá tudo o necessário, tanto para o corpo como para a alma, mesmo quando julgarem que tudo está perdido.»

Minhas Irmãs, trata-se pois, aqui, da confiança na divina Providência. Para vos explicar melhor este ponto das Regras, digo-vos que há duas espécies de confiança: confiança e esperança. A esperança produz a confiança; é uma virtude teologal pela qual esperamos que Deus nos concederá as graças necessárias para alcançarmos a vida eterna. Esta virtude da esperança deve ser cheia de fé, acreditando, sem hesitar, que Deus nos concederá a graça de chegarmos ao céu, se nos servirmos dos meios que temos ao nosso alcance. Estamos, por isso, obrigados a crer que Deus quer conceder-nos todas as graças de que temos necessidade para nos salvarmos. Ofenderia a Deus quem não acreditasse que Ele não proporciona os caminhos próprios a cada qual para sua salvação. Não ter uma esperança firme e pensar que Deus não cuida da nossa salvação é uma desconfiança que muito Lhe desagrada. A esperança consiste, pois, em esperar que a bondade de Deus realizará as suas promessas.

Corresponde-nos agora falar da confiança na Providência. Confiança e esperança, é quase a mesma coisa. Ter confiança na Providência quer dizer, esperar que Deus cuida daqueles que O servem como um esposo cuida da esposa e um pai cuida dos filhos. Assim é que Deus toma conta de nós e ainda melhor. Devemos, pois, lançar-nos nos braços da sua Providência, como diz a Regra, «como uma criança nos braços de sua ama». Que esta sustente a criança com o braço direito ou com o esquerdo, tanto lhe dá, contanto que lhe dê o peito, fica satisfeita. Devemos pois, ter a mesma confiança na divina Providência porque, também Ela cuida de tudo o que nos diz respeito, da mesma maneira como o esposo cuida da esposa e a mãe cuida do filho; abandonemo-nos como uma criança se entrega ao cuidado da mãe e como uma esposa confia nos cuidados que o marido tem pelos seus bens e por toda a casa.

Esta doutrina funda-se em tantas passagens da Sagrada Escritura que necessitaríamos de muito tempo para citá-las todas e seria inútil. O motivo que nos leva a pôr a nossa confiança em Deus, é saber que Ele é bom, que nos ama ternamente, deseja a nossa perfeição e salvação, cuida da nossa alma e do nosso corpo e dá-nos todos os bens necessários a um e a outro.

Esta Regra diz, e eu vo-lo recomendo muito, que vos lanceis nos braços da divina Providência. Se apraza a Deus levar-vos por caminhos penosos como são o da Cruz, doenças, tristezas, abandonos interiores, deixemo-lo fazer de nós o que quizer. De tudo tirará proveito para a Sua glória e para a nossa vantagem, porque nos ama mais ternamente do que um pai ama o seu filho. Todos estes motivos são muito fortes para vos deixardes governar pela Providência.

Além disso, que ganharemos nós, não tendo confiança em Deus? Daremos a nossa confiança ao nosso saber, à nossa experiência. Infelizmente, somos incapazes de nos conduzirmos a nós próprios! Temos, por isso, necessidade que Deus, nosso Pai, nos governe e enquanto confiarmos Nele, não nos abandonará. Mas que pouco acertado seria afastar-nos dos Seus braços para nos conduzirmos por nós próprias, visto que sem o seu auxílio, não podemos ter nem um bom pensamento. Não podemos fazer, nem dizer alguma coisa, nem sequer pronunciar as palavras: «Abba Pater», diz S. Paulo, sem a graça de Deus. Que somos nós, então? Pobres pecadores. O que pensamos ser um bem, é um mal, e muitas vezes o que nos parece mal, não o é; parece-nos que a doença é um mal, no entanto, não é. Deus prevendo alguma coisa de pior para nós durante o tempo da doença, podendo apresentar-se ocasião de pecado, envia-nos uma enfermidade física para impedir a doença da alma.

Uma pessoa que deseja ser estimada, busca as honras como se fossem um bem e não o são. Uma Irmã que deseja que os Superiores, as Irmãs ou as Senhoras a apreciem e digam dela: «É uma Irmã muito capaz de desempenhar bem um ofício», deixa-se dominar pela natureza. Isto não nos fica bem; estes desejos provêm do orgulho. Assim, aquilo que procurávamos como um bem, porque agradava à nossa natureza, não é senão vaidade. Acontece, por vezes, a uma Irmã ter tentações contra a fé, a esperança, a pureza, que lhe dão muito que fazer. Quere ver-se livre delas e por isso consulta este e aquele. Porquê? Porque pensa que as tentações que sofre são um mal, e não o são, se nelas não consentir. A pobre Irmã não sabe que as almas mais santas são tratadas assim.

Que ha-de então fazer em tão grande tribulação? Há-de perder a confiança em Deus como se Ele não cuidasse de nós? Minhas Irmãs, temos que esperar que, de duas coisas, Deus fará uma: ou livra-nos das tentações, ou então concede-nos a graça de tirarmos proveito delas. Não vedes como o ouro se purifica pelo fogo. A tentação, também, torna mais pura e formosa a alma, assim como o ouro brilha mais depois de ter passado pelo crisol. Sendo assim,

minhas Irmãs, não vos preocupeis quando tiverdes qualquer tentação, seja ela qual for. Quando Deus permitir a tentação, dizei: «Senhor, prometestes que nada aconteceria que não fosse para nosso bem; sofro agora esta tentação, ajudai-me a suportá-la sem vos ofender. Aceito-a por vosso amor e espero que redundará para Vossa glória, pela vitória que me concederdes. Abandono-me nas mãos da Providência».

É preciso, pois, ter confiança na Providência e para dizer tudo, não sei que valor terá a Filha da Caridade sem esta confiança. Apenas sente uma tentação, crê que tudo está perdido. Se está doente, inquieta-se, julga que a causa da sua doença é a alimentação, o ambiente, ou outra coisa que lhe faz pena. Porquê? Porque não tem confiança na Providência. Minhas Filhas, uma das coisas mais importantes que deveis pedir a Deus é a confiança. Se vos entregardes nos braços da divina Providência, como a Regra o aconselha, Deus cuidará de vós, e vos conduzirá como pela mão pelos caminhos mais difíceis; se estiverdes doente, Ele vos consolará; se estiverdes prisioneira, permanecerá ao vosso lado; se sois fracas, será a vossa força. Só tendes que vos deixar conduzir por Nosso Senhor.

Perguntaram um dia a um santo personagem qual era a sua maneira de proceder. Ele respondeu: «Peço a opinião dos outros. «Mas o senhor que é um doutor porque não se serve do seu saber para a sua direcção?» — Se me dirigisse a mim mesmo, perder-me-ia.

Vede, minhas Irmãs, não temos razão para nos subtrairmos à conduta do próprio Deus, visto que um doutor, doutor como era, não se fiava na sua ciência. Aprendei, minhas Filhas, a não confiardes nas vossas próprias forças e saber, mas ponde toda a vossa confiança em Deus. Se há alguém no mundo que tenha necessidade de ter confiança na Providência, sois vós, minhas Irmãs, por causa dos officios de que estais encarregadas. As que estão encerradas no convento estão longe do reboliço do mundo e como que livres das suas tentações. Mas vós, quase não há momento, nem lugar, em que não estejais expostas à tentação. Por isso, tendes muita necessidade de ter confiança em Deus.

Além disso, reclamam-vos de tantas partes para servir aos pobres; se a vossa Companhia estiver fundada segundo a carne, como sereis capazes de empreender tão grandes viagens? A que não tivesse confiança em Deus, diria: «Sou tão fraca. Se me mandam para longe, morrerei pelo caminho.» Mas a que pôs toda a confiança em Nosso Senhor, não teme e diz: «Se Deus me enviou para aqui, dar-me-á as graças necessárias para aguentar. É o meu Deus! Por isso, tenho confiança de que não me abandonará.

Deveis, pois, pedir muito a Deus que vos conceda a graça de terdes uma grande confiança na sua bondade, especialmente agora que Nosso Senhor permite que a Companhia tenha boa fama e que tantas boas almas a solicitam. Pedem-vos para vinte, quarenta, cinquenta e sessenta léguas de distância. Para lá chegardes deveis ter muita confiança em Deus. Sabeis que a Rainha pede-vos para Calais para tratardes dos pobres feridos. É grande motivo para vos humilhades, ao ver que Deus quer servir-se de vós para coisas tão importantes! Meu Salvador! Os homens vão para a guerra para se matarem uns aos outros e vós ides também para a guerra, mas para remediar o mal que eles fazem. Que benção de Deus! Os homens matam os corpos e muitas vezes as almas quando, aqueles a quem tiram a vida, estão em pecado mortal; e vós ides para dar a vida ou pelo menos ajudá-la a conservar pelos cuidados que tiverdes com eles, e, pelos vossos exemplos e conselhos, ensinai-lhes a terem conformidade com a vontade de Deus, no seu estado. Vêde, como precisais de confiança em Deus para fazer tudo isto! Pela misericórdia divina há muitas de vós que estão prontas a partir, logo que se lhes dê ordem para isso. Sim, eu sei que há algumas que perguntam: «Para aonde irei? Não sei, mas Deus é meu Pai! Que me mandem para a direita ou para a esquerda, o que significa a cruz, tanto se me dá, espero que Ele me fortificará». Isto diz uma Filha da Caridade que só quer fazer a vontade de Deus.

Que feliz cativoiro! Em que podeis, minhas Irmãs, empregar melhor a vossa liberdade do que submetendo-a a Deus, fazendo sempre a Sua santa vontade! Tendes, pois, absoluta necessidade de confiança em Deus para irdes para aonde a Providência vos enviar, como por exemplo, tantos sacerdotes da Missão que estão prontos a fazer umas trezentas léguas, outros mil, para assistirem a pobres miseráveis. Quem os conduz até lá? O amor de Deus, minhas Irmãs, e a confiança na Divina Providência, não é outra coisa.

Podereis dizer: «Eles são homens e nós somos meninas.» Sabei minhas Irmãs, que muitas pessoas do vosso sexo atravessam os mares para prestarem serviço a Deus, servindo o próximo. Há uns cinco anos que uma Senhora veio comunicar-me o desejo que tinha de ir para o Canadá. A princípio, pareceu-me muito difícil, tendo em conta a posição da dita senhora; mas conhecendo pela sua perseverança que aquela vocação vinha de Deus, aconselhei-a a seguir. Ela lá foi e ainda lá está a fazer muito bem. Não temos nós visto religiosas e outras pessoas atravessarem os mares com fins semelhantes? E são do vosso sexo, por isso, não tendes maiores razões do que elas para temer. Assim fazem para salvar as almas.

È se Deus vos fizer a graça de vos chamar para lugares tão afastados, deveis ir também. Tendes grande motivo para dar graças a Deus ao ver que vos desejam e chamam para tantos lugares e que não chegais para tantos pedidos. Temos muitos motivos para nos humilhar-nos ao ver que há Religiosas em Paris que puseram em jogo todas as suas amizades a fim de fundarem duas casas da sua ordem, e não o conseguiram.

Meu Salvador, quem somos, para que Vos digneis servir-Vos de nós, pobres meninas, e escória do mundo! É verdade, minhas Irmãs, há meninas de sociedade entre vós mas a maior parte são filhas de lavradores e de artífices, e se há alguma da nobreza, é coisa rara. Bendito seja Deus se nesta altura há alguma que seja da cidade! Mas a Companhia está formada de pobres meninas e é para admirar quando pensamos que, desde toda a eternidade, Deus pensou numa Companhia de pobres meninas, e, como que disse: «Quero formar uma Companhia de pobres meninas e de viúvas que serão pedidas para toda a parte.» Ó minhas Filhas! Se não puserdes a vossa confiança na Providência, que podereis fazer? Sendo as coisas como temos dito, bem vedes que por vós próprias não sois capazes de realizar obras tão importantes. Pobres Irmãs, que, na maioria, não sabem ler! Que hão-de fazer, senão pôr toda a confiança em Deus? Quantas graças tendes que dar a Deus por vos ter chamado a esta Companhia!

Certa ocasião, dizia-me um santo homem, falando da vossa casa: «Que felicidade se sente nela. Vive-se em paz.» Mas nada temos que estranhar, visto que a Companhia é formada com tais elementos, quer dizer, de gente humilde; assim foram os começos da Igreja. Os apóstolos eram de classe humilde, não sabiam nada; andavam descalços e não tinham roupas para vestir. E, no entanto, grandes coisas fizeram, com a graça de Deus! Converteram o mundo inteiro! Que graça tão grande, minhas Filhas, Deus vos concedeu servindo-se de iguais elementos para o estabelecimento da vossa Companhia! Portanto, permaneci na disposição de querer tudo o que Ele quizer. Não pretendais nada, nem estar nesta ou naquela casa, nesta ou naquela paróquia, nesta ou naquela aldeia. Estai certas que, em todo o lado, Deus tomará conta de vós. Conservai-vos firmes e nunca desanimeis na confiança que deveis ter na divina Providência, mesmo quando estiverdes no campo de batalha. Não temais, porque nada de mal vos há-de acontecer. Aconteceu mal algum às que lá estiveram? Morreu porventura alguma? Mesmo que alguma tivesse morrido, não era um mal, mas um bem para ela; teria morrido com as armas nas mãos e compareceria diante de Deus cheia de méritos.

Há tempos, falaram-me duma Irmã que estava quase mori-

bunda quando soube que um pobre necessitava duma sangria. Levantou-se, então, da cama, fez a sangria e depois faltando-lhe as forças, morreu. Não me recordo do seu nome.

Como as Irmãs dissessem em voz baixa o nome da dita Irmã, o nosso Venerando Pai quis saber quem era ela. Responderam-lhe que era a Irmã Maria José falecida em Etampes. Lembrando-se dela, acrescentou :

Esta boa Irmã pode-se chamar mártir da caridade. Julgais que são mártires só os que derramam o sangue pela fé? Por exemplo, aqueles que agora vão ter com a Rainha, são mártires, porque embora não morram, expõem-se ao perigo de morrer e fazem-no por amor de Deus. O mesmo acontecê com tantas outras que gastaram toda a sua vida no serviço dos pobres. Também estas são mártires, e penso que se tivessem vivido no tempo de S. Jerónimo, teriam sido canonizadas.

Deus seja bendito ! É de esperar que a Companhia fará muito bem, contanto que confie na Providência e se deixe governar por Ela. Tende a certeza, diz a vossa Regra, que se fordes fiéis à vossa vocação e observardes as Regras, Deus vos assistirá com tudo que fôr necessário, mesmo quando parecer que tudo está perdido. São, pois necessárias, duas coisas : Perseverança na vocação e observância das Santas Regras. Sendo assim, a Providência vos protegerá, se guardardes as vossas Regras e se servirdes bem os pobres. Deixai-vos conduzir pela Providência e quando vos parecer que tudo está perdido, tendes ainda maior motivo para esperar que Nosso Senhor está convosco e fará que tudo redunde para vosso bem.

Há quem pense que a felicidade consiste em estar com determinada Irmã, e não com outra de mau feitio ; em estar neste ou naquele lugar, e nisso põem toda a sua confiança. Uma pessoa que põe toda a sua confiança em Deus nem sequer repara com quem vive. Quando sentirdes menos facilidade em estar com esta ou aquela Irmã, tendes de afastar esse sentimento porque é uma tentação que introduzirá a discórdia entre vós se não lhe derdes pronto remédio. Uma Filha da Caridade que confia na Providência nunca pergunta : «Para onde me manda.» Basta-lhe saber que foi Deus que inspirou os Superiores para a enviarem para tal lugar. E vai, na esperança de que Deus não a abandonará.

O Filho de Deus que deve ser sempre o vosso modelo, teve tão grande confiança em Seu Pai Eterno que empreendeu a salvação dos homens apoiado neste fundamento ; porque, enquanto homem, considerava-se impotente para uma obra tão importante. Punhamo-nos, pois, nas mãos da divina Providência ; não procuremos a própria satisfação nos nossos officios, consideremo-nos

inúteis e assim teremos motivos para pôr em Deus toda a nossa confiança e dar-lhe graças pelos bons resultados das nossas obras, e por nos ter escolhido para servir o Seu amado Filho. Que faríeis agora se não estivésseis aqui? Cada qual teria ficado no seu pequeno meio, talvez vos tivésseis casado, mas são poucas as que fazem bons casamentos. Se a mulher cumpre bem as suas obrigações, o marido torna-se mal humorado e dissoluto; não se preocupa com coisa alguma. É o que acontece nas aldeias. Que pena, se vos visséis reduzidas a semelhante estado! Não vos parece que sois muito felizes, livres de tudo isto, sem ter que pensar noutra coisa senão na vossa salvação?

Abandonai-vos nas mãos de Deus e nunca digais: «Senhora Le Gras, mande-me para todo o lado, menos para o meio dos soldados.» Salvador meu, nunca digais semelhante coisa. Soube, minhas Irmãs, que estes pobres homens são tão agradecidos pelas graças que Deus lhes concede, que ao verem que os tratais sem outro interesse que não seja o amor de Deus, dizem: «Bem se vê que Deus é o protector dos pobres.» Vede como é bom ajudar os pobres a reconhecerem a bondade de Deus. Porque eles vêm que é por Deus que os servis, por isso animados com pensamentos de piedade, dizem: «Reconhecemos que é verdade o que outróra nos pregavam; não abandonais aqueles que têm necessidade de auxílio, que estão em perigo, visto que tendes cuidado de pobres miseráveis que tanto ofenderam a vossa bondade.» Isto foi-me repetido por pessoas tratadas pelas nossas Irmãs que se edificaram ao ver o cansaço que suportam para as ir visitar, e admiraram nisto a bondade de Deus, reconhecendo-se obrigadas a louvá-Lo e a agradecer-Lhe. Não há dúvida, minhas Irmãs, aqueles a quem tratais, louvam a Deus e, com razão.

Minhas Irmãs, prometei a Deus, agora mesmo, que ireis para toda a parte aonde vos enviarem. Uma Irmã dirá: «Senhor, serei eu mandada para Metz ou Cahors? Se fôr, estou disposta. Quem poderia pensar que Vos serviríeis de mesquinhas creaturas como nós? Como! Ser escolhida para cooperar na salvação desta pobre gente! Ai de mim! Quem sou eu para receber esta graça? A Vós me entrego, como uma criança se abandona nos braços do pai, para fazer a Vossa Santa Vontade. Estou em Metz ou na Grãce; se quiserdes, sou de Metz ou de Cahors, ou seja onde me quiserdes; mas sou indigna que lanceis sobre mim os Vossos olhares. Seja como for, Senhor, a vós me abandono para tudo o que quiserdes.»

Quando Judas determinou entregar o seu Mestre, bem sabia que era um miserável, mas os outros Apóstolos não o sabiam e, por isso, perguntaram: «Num quid ego sum Dómine?» Serei eu, Senhor?»

Também vós podeis perguntar: «Serei eu, Senhor?» Mas não receeis, pois não se trata agora da morte de Nosso Senhor, mas, pelo contrário, de O servir. Que a confiança afaste o receio e dizei: «Sou uma pobre miserável, incapaz, pela minha fraqueza, de fazer algum bem; mas Deus está sempre comigo; se permite que pensem em mim, espero que não me faltará com a sua graça.»

Outra coisa que se refere à confiança que devemos ter para com Deus, é obedecer aos confessores designados, e abandonar-nos à sua direcção, animadas com os mesmos sentimentos de confiança.

Ê faltar a isto, querer ter um confessor a seu gosto. Uma quer este, outra quer aquele. Meu Salvador! Permitti que isto nunca suceda, porque é sinal que há desunião entre as Irmãs, e é grande motivo de escândalo ver as Filhas da Caridade com a direcção de dois confessores. Se a que procede assim, tivesse confiança em Deus, nunca tinha mudado de confessor. Minhas Irmãs! Apoiar-se num confessor, pôr a confiança nos homens, é afastar-se da ordem da divina Providência e ter um Deus a seu gosto! Que coisa tão triste é, uma pobre criatura procurar para si uma direcção que não é a que Deus lhe tinha destinado, e, de tal maneira está presa ao confessor que, se lho tirarem, afflige-se, não tem descanso e parece-lhe que está tudo perdido! Quando quereis escolher confessores a vosso gosto, fazeis como aquele pobre homem que arranjou um ídolo e quando o perdeu, chorava e lamentava-se porque lhe tinham tirado o seu deus. Perguntaram-lhe porque chorava tanto, e ele respondeu: «Porque não hei-de chorar? Tiraram-me o deus que tinha fabricado a meu gosto.» Vede o que fazeis quando procurais confessores a vosso gosto. Não mudeis nunca de confessor, porque não há nenhum que não vos seja dado pelos Superiores. Quem terá jurisdição sobre vós se não lha derem? Deixais aqueles que vos deram para irdes a outro que não tem poder sobre vós? (1).

Mas, dirá alguma; ele não me agrada; a sua maneira de ser é esquisita. — Que mal vos pode isso causar? Acaso não tem poder para perdoar os pecados quando os confessais? Que mais quereis? Só necessitais dele para confessar os vossos pecados.

Quereis que alivie as vossas tribulações? Minhas Irmãs, não tendes nada a dizer-lhe das vossas penas, dizei-lhe só os vossos pecados. Por esta razão, quando vos sentirdes inclinadas ao que vos estou a dizer, afastai essa tentação, pois, seria um grande

(1) Temos aqui, segundo S. Vicente, uma opinião muito corrente no século XVII De facto as Filhas da Caridade podem confessar-se a qualquer sacerdote aprovado pelo Ordinário do lugar; se é conveniente aconselhá-las a dirigiem-se ao sacerdote especialmente indicado para esse fim, contudo não se lhes impõe como uma obrigação.

mal para a Companhia, se alguma Irmã se prendesse de tal maneira aos seus gostos e quisesse conduzir-se a si própria. Que desgraça e que desordem, se isto acontecesse.

É muito importante, minhas Irmãs, o que dissemos nesta Conferência, pois, sei que disto resultou muitas desordens numa das vossas casas com muito boa reputação entre todas e entre o povo. Ficaram todos admirados ao contemplar as Irmãs que vinham de Paris. O seu bom procedimento, dava-lhes a fama de santidade entre as pessoas piedosas. Mas o demónio invejoso pela glória que assim davam a Deus, pensou que, para impedir o bem que faziam, era preciso fazer-lhes perder a boa fama que tinham entre o povo. Para o conseguir inspirou a uma Irmã que procurasse um confessor diferente daquele que os Superiores lhe tinham designado. A outra Irmã continuou com o que estava nomeado, e fez bem, mas introduziu a desunião entre elas. Que disseram os outros? Como! Estas Irmãs de quem se dizia tanto bem, agora não se entendem? Certamente não são o que nós pensávamos! «Minhas Irmãs, aprendei, pois, a conformar-vos com a direcção que se vos dá. O próprio Jesus Cristo nunca procurou outra direcção senão a que seu Pai lhe deu. Não sejais como aquele pobre homem de quem falámos, que não tinha outro Deus senão o que ele próprio tinha fabricado para si. Entendei, pois, minhas Caríssimas Irmãs, que nunca deveis mudar de confessor, por gosto.

Segundo o que está dito, as Filhas da Caridade presentes e ausentes, ficam proibidas de deixar os confessores designados. Contentem-se com dizer-lhes os pecados; tudo o mais, é afeição desordenada. Torno a dizer: em nome de Deus probo às Filhas da Caridade, tanto às presentes como às ausentes, que escolham outros confessores além dos designados pelos superiores; e quero que se confessem sempre ao confessor designado aqui. Se houver alguma coisa que não esteja bem, escrevam-me. Mas nunca tereis motivo para o fazer, se observardes o que vos tenho ensinado.

Guardai bem as santas Regras; são os vossos directores. Aquellas que deram este escândalo, se as tivessem guardado e, sobretudo esta última, não seriam agora o juguete do país. Enquanto observardes fielmente as vossas regras, sereis boas Filhas da Caridade. Só tendes isto a fazer. Afinal, que contrariedade tão grande pode ter uma Irmã que a obrigue a mudar de confessor!

Senhor Padre Portail, peço-vos que sejais firme nisto. Senhora Le Gras, peço-vos também, que não tolereis as faltas contra esta Regra. Por este meio, estareis sempre na obediência e, enquanto obedecerdes, fareis a vontade de Deus.

Bem, Minhas Irmãs, eis o que vos tinha a dizer com respeito à confiança na divina Providência. Recebei esta regra como vinda

parte de Deus. Pedi a graça da confiança; pedi-lhe, também, a graça de nunca vos passar pela imaginação o desejo de vos libertardes da direcção que vos deu a Providência e tomai a resolução de não quererdes, vós próprias, constituir-vos directoras, mas abandonai-vos à Sua santa Bondade. Pedi esta graça durante a santa missa e fazei oração sobre este assunto. para melhor tomarde a resolução de vos abandonardes a Deus e àqueles que em Seu nome vos dirigem.

Digamos alguma coisa sobre a 42.^a regra, embora seja um pouco tarde. Regra quarenta e duas. «Ainda que a sua vocação exija que durante toda a sua vida, etc...»

Sabeis, minhas Irmãs, que os santos praticaram todas as virtudes, porque sabiam muito bem, que não podiam chegar à santidade sem a fé, a esperança, a caridade e as outras virtudes. Por isso, se exercitaram, também, na virtude da temperança, da humildade e outras. Minhas Irmãs, quem quiser chegar ao céu, deve praticar todas as virtudes. Porque não se é virtuoso se não se praticam todas as virtudes. Praticar um vício e praticar uma virtude não é ser como Deus manda. Diz o Espírito Santo que, quem peca numa coisa, peca contra todas. Portanto, tereis todas as virtudes, quando praticardes bem uma delas, porque as virtudes não são uma sem as outras. É preciso, no entanto, termos intenção de praticar todas.

Ora, entre todas as virtudes, há quatro que são apontadas nesta 42.^a Regra que compõem o vosso espírito, e que estão representadas pelas quatro extremidades da cruz de Nosso Senhor e às quais deveis dar particular atenção. Noutra ocasião, dar-vos-ei esta explicação, porque hoje não tenho tempo. Ficamos, portanto, na confiança em Deus. Para isso, é preciso ter um grande desejo de nos abandonarmos à Sua Providência, isto é, à preferência que a Divina Providência quis fazer de vós, sem querer outra coisa que não seja a vontade de Deus. Abandonai-vos à sua direcção. Mandem-vos para o campo ou para a cidade, ou vos assalte alguma tentação, submetei-vos à Providência. Podeis ter a certeza que Vos protegerá, mas abandonai-vos completamente a Deus e pedi-lhe que se sirva de vós como muito bem quiser. Contanto que vos salve, que importa o resto? Dizei-lhe, pois, que estais prontas a ir para aonde vos chamar a Providência e não receeis cometer faltas enquanto procurardes agradar só a Deus. Praticareis um acto de amor de Deus muito excelente, abandonando a vossa vida à Sua Providência. Mesmo se a morte vos surpreendesse, teríeis grande motivo de consolação, porque imitastes Nosso Senhor, obediente até à morte de cruz.

Meu Salvador! Será possível que uma Filha da Caridade, a

quem Deus chamou pela voz da obediência, depois de ter ouvido tudo o que aqui temos ensinado, diga, para se desculpar: «Senhor, (ou Senhora Le Gras) receio adoeço se me enviarem para tal sítio.» Pobre criatura, será preciso ter tanto cuidado para conservar uma carcassa que, mais cedo ou mais tarde, será pasto dos vermes e, por causa dela, fazer ouvidos surdos à voz de Deus! Ele chama-nos pela voz dos Superiores e fazemos ouvidos surdos! Mas que desculpa tereis diante de Deus? Em todo o lado encontraremos sempre Deus. Se O procurardes, O encontrareis! Senhor, se me chamardes e eu não responder ao Vosso chamamento, onde me esconderei? Farei como Jonas que, depois de ter recebido a ordem de Deus para prègar aos Ninivitas, não tendo bastante confiança, desculpou-se. E, estando num barco em perigo de se submergir, manifestou, com toda a simplicidade, que tinha faltado à ordem de Deus e pediu que o atirassem ao mar. Assim fizeram e Jonas foi engulido por uma baleia. «Ah! Senhor, onde me metestes! Queria esconder-me para não ir para Ninive aonde me enviáveis, e agora estou preso na barriga dum peixe. Desgraçado de mim!» Vede que grande mal é desconfiar da Providência! Minhas filhas, se acontecer a alguma que, por falta de confiança, se quisesse esconder quando a obediência a mandasse seguir para determinado lugar, seria outro Jonas. Que encontraria ela? Encontrar-se-ia a si mesma, não dentro duma baleia, mas em si mesma, numa carcassa, e talvez num lugar onde se perderia.

Além disso, a perfeição da Filha da Caridade consiste em só querer a Deus. As nossas Irmãs que estão no céu, deram-nos o exemplo desta confiança. Não vos lembrais que, quando falavam delas, diziam que estavam sempre dispostas a irem para qualquer parte? Lembrai-vos delas, minhas Irmãs. Tendes o caminho aberto. Não há dúvida que foi o seu bom exemplo e o mérito da sua confiança, a causa da boa fama de que goza a Companhia. Que miserável seremos se, depois disto, não confiarmos inteiramente na Providência! Tomai a resolução, desde este momento, de vos abandonardes inteiramente a Deus e dizei-Lhe: «Senhor, desejo com todo o coração, confiar na vossa bondade! Serei tão infeliz, que não aceite as Vossas disposições? Socorrei-me com a Vossa graça para que nunca diga que não quero ir para tal lugar. Antes morrer, Senhor, que deixar de obedecer. Onde poderei esconder-me se cair em semelhante fraqueza! Antes morrer, Senhor! Prefiro morrer do que cometer tão grande falta!

Esta é a disposição, minhas Filhas, que Deus exige de vós para levardes a bom termo as vossas obras. Considerai-vos muito felizes por Ele ter querido servir-Se de vós, e indignas de que vos tenha escolhido para formar esta Companhia, e pensai que

estas almas bemaventuradas que estão no céu, são as que alcançaram do Senhor tantas graças para a Companhia. Não fostes vós que as obtivestes, pois, não tivestes ainda tempo para lhe terdes grangeado tão boa fama. Sirva-vos de consolação, o pensar que fostes escolhidas por Deus para O Servir desta maneira, podendo, assim, considerar-vos Suas Esposas.

Salvador da minha alma, que escolheste estas pobres jovens...

Uma Irmã interrompeu sua Caridade, pedindo-lhe perdão.

Muito bem, minha Filha. Uno as minhas orações às vossas e peço a Nosso Senhor que dê a todas as Irmãs, a disposição de que tendes necessidade, para cumprir os officios que a Sua divina bondade vos confiar. De novo suplico que nenhuma saia daqui sem o firme propósito de se abandonar completamente à Divina Providência.

Salvador da minha alma! Concedei às nossas Irmãs esta graça, pela submissão que praticastes às ordens do Vosso Pai e pela submissão que concedestes às nossas Irmãs; concedei-lhes isto, pelo amor da submissão da Santíssima Virgem. Concedei-nos a graça de não termos apego a nada, pela conformidade que sempre manifestastes à vontade de Deus vosso Pai.

98 — CONFERÊNCIA DE 14 JULHO DE 1658

SOBRE A HUMILDADE, A CARIDADE, A OBEDIÊNCIA E A PACIÊNCIA

(*Regra Comuns, art. 42*)

Minhas Irmãs, eis que por fim chegámos à quadragésima segunda regra que diz o seguinte: «Embora a sua vocação exija que, durante toda a sua vida, pratiquem toda a espécie de virtudes para imitarem Jesus Cristo, no entanto, farão uma particular atenção em praticar as que estão representadas pelas quatro extremidades da cruz, que são a humildade, a caridade, a obediência, a paciência. Farão, pois, de maneira que todas as suas acções estejam animadas deste espírito, e pensarão que se assim não fosse, seria em vão que levariam consigo uma cruz material.»

Minhas Irmãs, este artigo diz que as Filhas da Caridade, estando obrigadas a exercitar-se em todas as virtudes, deverão praticar, muito particularmente, quatro, durante toda a sua vida, e portar-se de maneira que em cada obra que realizarem, e em cada palavra que pronunciarem, se notem estas quatro virtudes repre-

sentadas pelas extremidades da cruz, como diz a Regra. Escolhestes a Nosso Senhor por Esposo e n'Ele deveis fixar o olhar para a vossa formação, assim como todos os que deixarem o mundo, ou antes, que Ele afastou do mundo. Sois deste número, visto que escolhestes Jesus Cristo para Esposo e Ele vos considera como Esposas. Mas, não basta. Deveis revestir-vos com as suas librés, servir-Vos das armas de que Ele próprio se serviu, e imitá-lo em toda a sua maneira de operar e de sofrer na sua vida mortal. E, visto que Nosso Senhor praticou toda a espécie de virtudes, deveis vós, também, imitá-Lo em todas elas.

Deus exige-o de vós, minhas Filhas. Ele sempre seguiu a vontade de Seu Pai e quer que vos conformeis em tudo com a d'Ele. De si mesmo disse que, fazia a vontade do Pai, e devemos estar prontos a seguir a Sua, não somente nas coisas do céu mas também nas da terra. Exige que pratiqueis todas as virtudes que Ele praticou, que os vossos exercícios sejam conformes com os Seus, não só quanto ao espiritual, mas também ao material, segundo Ele praticou na terra, de tal maneira que, dizer Filha da Caridade, seja o mesmo que dizer uma pessoa cujas obras, palavras e pensamentos, são práticas de virtude. Ser Filha da Caridade, é praticar todas as virtudes e em todas as circunstâncias. Considerai, pois, minhas filhas, que estais obrigadas a praticar não só esta ou aquela virtude, mas todas. Deveis prometer a Deus que vos esforçareis na prática da virtude, que de vós exige, com as pessoas com as quais tendes relações, nos lugares para onde vos enviarem, nem que seja a cem ou mais léguas, e sempre por amor do vosso Esposo que deu exemplo de todas as virtudes e vos inspirou a deixardes, por seu amor, o mundo, a família, e tudo quanto poderíeis desejar.

Foi este o motivo que aqui vos trouxe, minhas Irmãs. Quem poderá imaginar uma jovem que, depois de ter renunciado a tudo o que lhe era querido, vai para cem léguas de distância impelida por outro motivo que não seja o amor de Deus e o desejo de O servir mais perfeitamente no mundo? Que razão terão para crer que alguma de vós tenha vindo por curiosidade? Não podemos pensar assim! Se, pois, deixastes o mundo, minhas filhas, para vos consagrardes a Deus, não volteis para trás. Deixaste-o de coração e dissestes: «Daqui em diante só quero viver para Deus». Era esta, minhas Caríssimas Irmãs, a disposição que tinheis quando entrastes na Companhia e espero que ainda a conserveis; sem ela, os santos não seriam santos; com efeito, não o seriam senão tivessem deixado todas as coisas, pelo menos de coração.

Consolai-vos, minhas Irmãs e dizei: «Oh! meu Salvador, porque deixei eu o mundo? Porque vim para Paris? Como é que

vim por vosso amor? É fácil compreender. Vim para uma casa com o propósito de só a Vós servir, sem encontrar nenhum gozo nem para o corpo nem para a alma, só para me consagrar toda ao serviço dos pobres». Se assim foi, minhas queridas Irmãs, como é de crer, devemos esperar que Deus vos concederá todas as graças para serdes verdadeiras esposas de Nosso Senhor, por meio do exercício de todas as virtudes. Tende coragem! Tende confiança em Deus, pois, Ele vos concederá a graça de chegardes à perfeição que de vós exige.

Minhas Irmãs, consolai-vos com este pensamento quando fordes visitar os doentes, e, que tudo o que disserdes, seja animado por esta consideração: «Visto que foi Deus que me chamou para o Seu serviço, devo esperar que me concederá a graça de o fazer com virtude». E porque não haveis de esperar assim? Oh! meu Salvador, percorri quarenta ou cinquenta léguas para encontrar os meios de Vos servir: deixei o meu pai e a minha mãe e todas as minhas amizadas por vós e recusar-me-eis o Vosso auxílio? Não! espero que me concedereis a graça de vos ser agradável em tudo o que fizer. Tende, minhas Irmãs, esta firme confiança, porque um dos principais meios de adquirir a virtude, é a confiança em Deus, como últimamente vos expliquei. Dizei, pois, interiormente: «Eis que me aconselham a deixar os hábitos do mundo e a seguir as máximas de Nosso Senhor. Não o poderei fazer por mim mesma, mas espero que Deus me concederá esta graça, de tal maneira que, não haja nas minhas obras nada que não seja do seu agrado, nem nos meus olhos, nem no meu rosto, nem no meu porte, não exista coisa alguma em mim que não seja espelho de modéstia, e da minha boca não saiam palavras que não sirvam senão para edificação do próximo. Espero, pois, que, com a graça de Deus, praticarei todas as virtudes no grau de perfeição que de mim exige.» Por isso, minhas Irmãs, ponde toda a vossa confiança em Deus.

— Mas Senhor, poderemos esperar que uma pobre camponesa chegue a tanta perfeição? Será isso possível?

— Sim, minhas Irmãs, podeis tanto como as outras religiosas.

— Como, poderá uma pobre Irmã aspirar à perfeição das donzelas nobres que vivem como religiosas, naturalmente propensas ao bem, à honestidade e delicadeza cristãs, as quais são escolhidas com tanto cuidado, para que tenham todos os dotes físicos e espirituais exigidos? Poderá ela igualar-se a jovens de condição tão elevada? Eu, que só entendo as coisas do campo, posso aspirar a esta perfeição? E dizeis, Senhor, que devo aspirar a tanto, e quereis que pratique todas as virtudes?

— Sim, minha filha, tende esperança de que chegareis a isso.

Oh! minhas Irmãs, se soubésseis o que é a confiança em Deus e o que pode uma alma que nela se estabeleceu. Vercis como não vos faltarão as tentações da carne e do demónio, para vos arrastar ao desânimo.

— Mas quê, Senhor, terei que me levantar todos os dias às quatro, ir fazer oração, estar sempre disposta a ir e vir a servir os pobres sem descanso, e toda a vida assim! Se ainda só fosse em Paris, mas ter de ir para o campo, e expor-me a todos os perigos dos caminhos, não é vida para uma jovem. Não terei forças para aguentar até ao fim.

— Ah! minhas queridas Irmãs! quando tiverdes estes pensamentos que são do demónio, dizei: «Tens razão, espírito mau, tens razão, carne corrompida, para me fazerdes duvidar das minhas forças; por mim mesma, nada poderei e, se apenas me considerasse a mim, nada faria de proveitoso. Mas espero que Deus me há-de ajudar como um pai a seu filho; sim, confio na Sua Bondade, espero que vele por mim e que será a minha fortaleza. O pai trabalha pelo filho ainda por queno porque este não pode trabalhar; e a criança não se preocupa, deixa ao pai o cuidado de tudo o que lhe diz respeito. Porque não hei-de eu fazer o mesmo, pois sei que Deus é um Pai tão bom? Espero que me concederá a graça de guardar as minhas Regras. E, se recear quando me disserem que tenho de praticar todas as virtudes, sabendo que nada poderei por mim mesma, direi com confiança: «Nada posso com as minhas fracas forças, mas confio em Deus que me concederá a graça de tudo fazer da maneira como de mim exigem, segundo diz a Sagrada Escritura:» Dizei ao justo que não basta praticar o bem, mas é necessário praticá-lo com perfeição».

Pois, minhas Caríssimas Irmãs, entre as virtudes que deveis praticar, existem quatro que deveis observar especialmente, e pelas quais se conhecerá que sois Filhas da Caridade.

Quando os Apóstolos começaram a pregar, ao ver que tinham de se separar, combinaram entre si como deviam instruir o povo, e compuseram o Símbolo que se chama dos Apóstolos. Começou S. Pedro e disse: «Creio em Deus Pai Todo poderoso, Criador do céu e da terra.» Os outros apóstolos continuaram até ao fim, e concordaram que este seria o sinal pelo qual conheceriam os que tinham recebido a doutrina. Desta sorte os Apóstolos, receando que alguns se fingissem cristãos e se misturassem com os fiéis com maus intentos, disseram: «Quando encontrarmos algum que se diga cristão, pedimos-lhe este sinal; se o conhecer, será admitido; se o ignorar, diremos: Se fosses cristão, saberias o Símbolo.»

Minhas Irmãs, se quereis distinguir as verdadeiras Filhas da Caridade entre todas que trazem o nome e o Hábito, procurai

conhecer as que praticam estas quatro virtudes: humildade, caridade, obediência e paciência. Dai-me uma Irmã que pratique a humildade, que não tenha amor próprio, que deseje ser desprezada pelos Superiores e pelas companheiras, que pense que nada faz bem, que tudo estraga, ou que tudo faz imperfeitamente, dai-me uma Irmã assim e eu direi que é uma verdadeira Filha da Caridade. Pelo contrário, apresentai-me uma que não pratique a humildade, que deseje ser estimada mais do que as outras, que pretende figurar como inteligente na Companhia, ter cargos elevados ou ser Irmã Servente, oh! meu Salvador! está enraizada no orgulho, num orgulho imbecil, semelhante ao do espírito maligno que quer estar sempre acima de todos. A Irmã que deseja ser estimada, que pensa só bem de si e que diz: «Temos tantos doentes e muito que fazer, mas com a graça de Deus tudo anda bem». Esta maneira de falar, não é para uma Filha da Caridade. A verdadeira Filha da Caridade, é a que trás o vestido da caridade e da humildade, a que se compraz na sua própria abjeção, a que julga que não faz bem o que lhe mandam e que estragá tudo na casa onde está. Se entre vós, minhas Irmãs, encontrardes uma Irmã assim,izei: Aqui está uma verdadeira Filha da Caridade; nunca faz nada que redunde em sua própria estima».

As outras que têm qualidades contrárias, mesmo que tragam o hábito, não são Irmãs. Têm o nome de Filha da Caridade mas não têm a caridade que a levaria a gozar de ser desprezada de todos. O sinal duma verdadeira Filha da Caridade, é o contrário. Uma Irmã que se considera muita coisa e que não suporta ser desprezada tanto em palavras como em silêncio, tem muito a temer.

A prova infalível para se conhecer uma verdadeira Filha da Caridade, é se é humilde e se trás este tão lindo vestido que agrada tanto a Deus e aos homens. Não vedes a estima de que goza uma Irmã da Casa que pratica esta virtude? Que boa Irmã, dizemos nós, quando falamos das nossas Irmãs falecidas. Lembrai-vos que uma das suas principais virtudes era a humildade. Nunca mais acabamos quando falamos desta virtude. Recordo-me de uma, entre outras, penetrada de tão baixos sentimentos de si mesma, que receava que tudo o que fizesse, não fosse bem feito, e afirmava como Job que dizia: «Verebar omnia opera mea.» Temia ofender a Deus em tudo o que fazia. Este grande santo temia por todas as suas obras. E porquê? Porque, por exemplo, se estivesse aqui, recearia não ter prestado bastante atenção à pregação, ter dado demasiada liberdade ao espírito para se ocupar doutras coisas; recearia não ter dirigido bastante o seu espírito para Deus para dizer quando ouvisse falar das virtudes que tratámos: «Oh! meu Deus, concedei-me esta virtude»: se desse

esmola aos pobres, recearia tê-lo feito por compaixão natural e não por motivo sobrenatural.

Assim acontece com as almas humildes; julgam que nunca fazem nada de bom. Temem por todas as suas obras; pelo contrário, a que imagina que é muito esperta e se compraz em ser muito estimada, não é verdadeira Filha da Caridade. Oh! meu Salvador, se alguma dentre vós reconhece em si esta inclinação, tem muita razão para se humilhar e temer. Vede, esta é a causa da perda da vocação; não se concebe que uma Irmã verdadeiramente humilde, saia da Comunidade, mas ao contrário, é impossível que persevere aquela que não tem humildade. O espírito de orgulho que a faz desejar ser estimada, surgeir-lhe-á que os Superiores não a consideram muito, que as Irmãs do Conselho não lhe mostram affecto e que as outras Irmãs a desprezam. Daqui nasce nela a tristeza, a melancolia, e perde o gosto da sua vocação. Cedo ou tarde sairá.

Tenhamos amor à humildade, minhas Irmãs, façamos todo o possível para observarmos esta virtude tão querida do Filho de Deus, que, para a praticar, morreu numa cruz à vista de todos; esforçemo-nos para fazer actos de humildade tanto interiores como exteriores e digamos a Nosso Senhor: «Concedei-me, meu Salvador, a graça de amar a minha abjecção e de nunca procurar ser estimada, mas amar os officios mais humildes e o último lugar. Será possível que, entre vós, haja alguma que queira ser estimada? Pobre Irmã, se assim é, que fará ela quando a tirarem do officio onde agora está. Ah! infeliz, em que estado lamentável a lançou o orgulho. Se não queremos cair em tão grande desgraça, tomemos a resolução de nos esforçarmos em adquirir a humildade e demo-nos a Deus para isto.

A segunda virtude recomendada às Filhas da Caridade, é a mesma Caridade. A Regra diz-nos, ao recomendar-nos o exercicio desta virtude, que devemos ser exactamente aquilo que o nosso nome indica. Se agora me perguntardes em que consiste esta caridade, digo-vos que é em amar Deus sobre todas as coisas e ao próximo por Seu amor.

O amor do próximo exige que vos ameis mutuamente, começando entre vós, suportando-vos nas vossas fraquezas. A caridade deve também ser praticada para com os pobres, servindo com amor, as crianças, os forçados, etc. O nome que tendes, obriga-vos a amar todos os officios. Quando neles estiverdes, considerai-os como obra de Deus, e tende-vos por muito felizes, porque fazeis o que os próprios santos desejariam fazer se estivessem na terra.

Aqui tendes duas provas para conhecer a verdadeira Filha da

Caridade: amar as suas Irmãs e ao próximo, cordialmente. Esta é a mesma prova que Nosso Senhor deu para conhecer os seus discípulos. «Por isto conhecerão que sois meus discípulos, se vos amais uns aos outros.» (S. João XII, 35). Mas aqueles que, como Judas, o miserável deicida, querem pertencer ao número dos discípulos e não praticam a caridade, não o serão na realidade. Minhas Irmãs, a Companhia edificará, enquanto houver caridade entre vós; mas se esta desaparecer, quando numa paróquia virem duas Irmãs que se não amam, tende a certeza que dirão; «Não são Filhas da Caridade; não têm humildade, nem caridade porque se as tivessem, teriam entre si e para com os outros, o que é próprio a estas duas virtudes, porque estão obrigadas, pela sua vocação, a amar a Deus e ao próximo.»

Donde provém tudo isto? Da falta de humildade; a humildade guarda a caridade. A que é humilde nunca discute; a humildade é a mãe da caridade. Qual é a causa das pequenas desordens que se dão entre vós? O orgulho, que faz com que cada qual queira ser considerada e satisfazer-se nas suas acções; quer que a conheçam e que saibam que cumpre bem o seu dever. Se assim não acontecer, o pobre coração não resiste. Minhas Irmãs, eu vos asseguro, que uma pessoa desta espécie, é causa de grandes desordens na Companhia. Digo-vos o que sinto no coração; seria muito melhor não ficar entre vós; ela é causa de que as outras murmurem do procedimento dos Superiores e façam pequenas intrigas. Seria muito melhor que não estivesse aqui a Irmã que contrariasse tudo o que vê e que é motivo de desunião. O quê? Ser causa de que as esposas de Nosso Senhor, que Lhe eram tão agradáveis enquanto conservaram a união entre si, se tornem repugnantes e odiosas aos olhos do Seu Esposo! Porque, minhas Irmãs, Deus não ama senão a caridade, e por isso, mais vale que uma Irmã que se encontre neste estado, se vá embora, do que ficar e ser causa de males tão grandes nas almas daquelas com quem vive.

O Filho de Deus dizia, ao referir-se a Judas. «Melhor lhe fora nunca ter nascido» (S. Mateus XXVI, 24). Assim também digo que, melhor fora para semelhante Irmã nunca ter nascido, nunca ter entrado na Companhia, do que proceder desta maneira. Se entre vós há alguma que se encontre neste estado, rezemos a Deus por ela, porque é muito digna de compaixão. Espero que, com a graça de Deus e a sua boa vontade, se corrija.

Aqui tendes os dois sinais pelos quais conhecereis as verdadeiras Filhas da Caridade, a saber: humildade e caridade; os dois vícios contrários a estas virtudes, são sinais de perdição.

Faltam as outras duas virtudes que, como as anteriores estão

representadas pelos braços da Cruz de Nosso Senhor. É inútil perguntar que lugar ocupa a caridade de que acabámos de falar ; sem dúvida, a parte mais elevada da cruz ; e a humildade a parte inferior, para mostrar que esta inspira o amor aos baixos empregos ; embora, na realidade, esta virtude não consinta que, os que a possuem, permaneçam em baixo, mas pelo contrário, os eleva a um alto grau de perfeição.

A obediência é representada pelo braço direito. Sabeis em que consiste, e, oxalá, a pratiqueis. Que quer dizer obediência ? Quer dizer que a alma obediente não quer senão a vontade de Deus em todas as coisas e se submete em tudo à vontade dos Superiores e das Irmãs Serventes. Oh ! que felicidade ! Por vezes ha pessoas que andam tristes porque não sabem o que devem fazer para cumprir a vontade de Deus ; mas vós, obedecendo às Regras, fazeis a vontade de Deus. Tende a certeza de que tudo o que uma Irmã fizer por obediência, cumpre a vontade de Deus. Pelo contrário, quando age segundo o seu capricho, não faz a vontade de Deus. Como é bela a virtude da obediência, visto que é tão agradável a Deus que se compraz em tudo o que por meio dela é realizado !

Por vezes procurei verificar pessoalmente o estado da Companhia da Caridade e vi, pela graça de Deus, que nela se praticava a obediência às Santas Regras, aos Superiores e Irmãos do Conselho e às Irmãs Serventes fora da casa ; alegrei-me de todo o coração. Mas há algum tempo para cá, fazendo a mesma pergunta, pois, tenho que pensar nas obrigações do meu cargo, notei que esta virtude continua em vigor, na maior parte, mas nalgumas diminuiu. Deixo à vossa consideração quanto isto me affligiu. São poucas, mas sempre há algumas que afrouxam na submissão a Deus nos acontecimentos, que são pouco obedientes às Regras e aos Superiores. Imaginai se não é para mim uma afflicção e ainda mais para a Senhora Le Gras, ver que a Companhia, até agora sempre submissa a Deus, está em vésperas de que o espirito maligno abra nela uma brecha

Que motivo de afflicção e de receio ! Tenho a certeza de que cada qual dirá a si mesma, o que o traidor Judas disse aos apóstolos na noite em que entregou o seu Mestre : « Numquid ego sum, Domine ? » É de mim que falam ? (S. Mateus, XXVI, 22). Há algumas, poucas, na realidade, que não procedem segundo o espirito das Regras, mas segundo o seu capricho. Meu Deus, serei eu ? Nunca pensastes nisto, minhas Irmãs ? Dizem que há na Companhia algumas que por vezes são desobedientes. Não serei eu esta desgraçada ? Vou-me examinar e farei oração amanhã sobre este ponto. Se vir que sou obediente às Regras, agradecerei a

Deus, mas se não cumprio a minha obrigação, quero corrigir-me.

Creio que não esperareis para amanhã, minhas Irmãs, pois a consciência vo-lo dirá. Porque, vede, o instinto moral é um bom conselheiro. Desde agora, cada qual pode examinar-se: «Como vou eu na obediência? Guardo eu as minhas Regras? Submeto-me às ordens da Senhora Le Gras? Se não, tomai a resolução de vos corrigirdes e castigai-vos, tomai a disciplina e implorai a misericórdia de Deus: «Pois quê! estou a viver sem obediência! Ah! meu Deus, antes quero morrer! Concedei-me a graça de fazer sempre a Vossa Vontade; a desobediência só me leva a fazer a minha própria vontade».

A quarta virtude que deveis praticar em especial, e que está representada pelo braço esquerdo, é a paciência. Não há um momento na vida de que não necessitemos dela. Um doente descontente, uma Irmã que vos ofende com uma palavra; logo sentis o coração ferido que remédio deveis, então, tomar? A paciência. Em que consiste, pois, esta virtude? Em sofrer pacientemente todas as contrariedades que se dão na vida, sem se irritar, e se cairmos na impaciência, dominarmo-nos e apaziguarmos a perturbação. Para isto, é preciso, minhas Caríssimas Irmãs, ter uma boa provisão de paciência, porque embora não tivéssemos de sofrer da parte dos outros, somos tão miseráveis e tão instáveis que teríamos de suportar-nos a nós mesmos, o que não poderemos fazer sem paciência.

— Mas, Senhor, a paciência consistirá em uma pessoa nunca se aborrecer com coisa alguma do que lhe acontece, nem mesmo quando é repreendida sem culpa?

— Sim, Minhas Irmãs, e deveis exercitar-vos nesta virtude quando tiverdes alguma contrariedade, seja da parte das senhoras, dos doentes ou das crianças, e de tal maneira, que não deis sinal algum de impaciência; contudo, quando os pobres se queixarem ou murmurarem de vós, podeis adverti-los para que se corrijam, mas sem vos zangardes, pois, só assim dareis, remédio às faltas que cometeriam se assim continuassem.

Eis, minhas Irmãs, as virtudes que deveis pedir e procurar adquirir. Aquelas que as não possuem, têm muito a recear! Porque se uma Filha da Caridade não tem humildade, em breve a vaidade se apoderará do seu espírito e não praticará a obediência, nem a paciência.

Pobre Irmã! Durante tantos anos praticou estas virtudes, era tão paciente que nada a podia fazer desanimar, era tão pontual na obediência! Para onde foi toda esta virtude? Ah! minhas Irmãs! Dela poderemos dizer o que disseram da grande cidade de Cartago quando foi invadida pelos romanos: Só tem ruínas! Os

transeuntes dizem que só lhe restam algumas pedras. Aquelas Irmãs que a princípio pareciam adornadas com as mais belas virtudes, eram agradáveis a Deus! Mas logo que afrouxaram, que ficou delas? Ruínas e nada mais! Não existem já os belos edifícios da caridade, da humildade, nem das outras virtudes doutros tempos; existiram, mas já não existem; o espírito mau não deixou ali senão ruínas! Não será para lamentar ver numa alma, caír em ruínas este belo edificio?! Oh! se compreendêssemos bem isto! Que belo edificio é uma alma que possui a humildade, a caridade, a obediência, a paciência. Ah! minhas Irmãs, nada há mais belo. No céu os anjos contemplam encantados a maravilhosa harmonia destas virtudes. Sem isto, a Filha da Caridade não é mais do que um tronco de soberba! Infeliz, durante tantos anos foi obediente e agora já não o é! Que pena ver em lugar da paciência a impaciência, onde havia tanto suporte mútuo, só dominar, agora, tão facilmente, o mau génio! Que podemos dizer em face disto, senão que é a bela cidade de Cartago arruinada. Apenas resta um hábito cinzento e o nome de Filha da Caridade. Que tristeza!

Não quero dizer que existam Irmãs que cheguem a este ponto; mas as que começam a descuidar-se, se não se emendam, depressa lá chegarão. Por esta razão, quando notarmos que alguma descuida a santa obediência, podemos temer que aconteça o mesmo que aconteceu à famosa cidade. Dirão: era tão caritativa e paciente! Agora já não é. Vede, minhas Irmãs, os vícios por vezes chegam a tal ponto que, depois de ter abandonado a virtude, é pior do que quando começou a praticá-la, de maneira que aquela que noutros tempos era humilde, tornou-se tão orgulhosa como nunca o fora e o mesmo acontece com os outros defeitos. Ofende-se com a mais pequena palavra. Oxalá fosse só há um mês que ela estivesse nesta disposição porque, então, o seu estado não era desesperado, mas receio que chegue a sê-lo. Sim, minhas filhas, se esta Irmã não se corrige, se não reconhece o seu deplorável estado, e se nele permanece muito tempo, é para reccar que nunca mais saia dele. Porque, quando alguém se deixa arrastar por um vício, chegando a um certo limite, já não pode retroceder, endurece de tal maneira, que não lhe importa coisa alguma; mesmo que a aviseis nada conseguireis. Não quero pensar, minhas Filhas, que, entre vós, exista alguém neste triste estado; mas, se até agora a natureza, por vezes, triunfou, e se por fraqueza ou por outro motivo, os vícios contrários desvaneceram o brilho da virtude na vossa alma, espero que, doravante, fareis guerra a estes vícios e creio que, se tomardes boas resoluções, Deus vos conce-

derá a graça de vos corrigirdes, se o pedirdes na oração. Mas é preciso remediar o mal a tempo.

Diz o Espírito Santo: «Hodie si vocem ejus audieritis, nolite obdurare corda vestra.» (Salmo XCIV, 8), etc. Se sentirdes que hoje Deus vos chama para vos fazer sair dum estado tão perigoso, ouvi-O. Se sentis que Vos faz desejar esta graça, não endureceis o vosso coração, recorrei à Santíssima Virgem, pedindo-lhe que vos obtenha do Seu divino Filho, a graça de participardes da sua humildade, que a impeliu a chamar-se escrava do Senhor no momento em que era escolhida para Mãe de Deus. O que foi que levou Deus a contemplar a Virgem? Ela própria o disse: «A minha humildade». Deixo isto à vossa consideração, tendo a Santíssima Virgem tanto amor à humildade, alcançará do Senhor esta graça, àquelas que lha pedirem!

Tiremos por conclusão de tudo isto, que esta Regra é muito excelente, que importa muito praticá-la, e que o espírito das Filhas da Caridade consiste nestas quatro virtudes, humildade, caridade, obediência e paciência.

É preciso que vejam brilhar estas virtudes em todas as vossas acções e palavras, de maneira que, falando ou pensando, seja sempre com humildade.

A caridade por sua parte, exige que ameis todas as vossas Irmãs, vendo Deus nelas assim como em todos os que vos rodeiam,

Estas são as vossas virtudes próprias; não são as das Filhas de Santa Maria. Elas podem-nas praticar, vós porém, deveis praticá-las mais do que quaisquer outras, pois, são o vosso distintivo. Por ele conhecerão se sois Filhas da Caridade; aquelas que praticarem estas quatro virtudes serão consideradas verdadeiras Filhas da Caridade, e as que as não possuem e não fazem todo o possível para as adquirir, correm grande perigo.

Oh! Meu Salvador! Quando nascestes segundo a carne, logo Vos constituistes nosso modelo; destes-nos o exemplo de humildade durante toda a Vossa vida e quizestes aparecer aos olhos do mundo com o aspecto mais humilhante, o de criminoso. Quizestes apresentar-Vos assim aos nossos olhos, e que dissessem: «Aqui está o nosso Deus.» A vossa humildade vai ao ponto de Vos esconderdes sob espécies tão pobres, como são as do pão e do vinho, e assim permanecéis durante tantos anos. Oh! Senhor! Em todas as Vossas obras pusestes o selo da humildade, da caridade, da obediência e da paciência e por isso quereis que Vos imitemos nessas mesmas virtudes. A quem havemos de recorrer? A quem iremos para alcançarmos estas virtudes senão a Vós, Senhor, que sois a fonte donde emana a humildade e todas as outras virtudes. Sois o Seu autor, concedei-no-las visto que possuis tão rico

tesouro de virtudes. Derramai as vossas graças sobre estas pobres Irmãs, para que possam imitar-Vos; e também, sobre mim, miserável, que delas preciso mais do que qualquer outra pessoa, para que todas as minhas obras sejam cheias de humildade, caridade, obediência e paciência. Concedei esta graça, oh! Meu Deus, a esta pequena Companhia.

Oh! Senhor, trouxestes de tão longe estas Irmãs para as fazeres vossas esposas; transformastes o lodo em pedras preciosas, como fizestes com as que já foram para o céu. Com todo o fervor vos pedimos a graça de que precisamos para dominarmos o orgulho, exercitarmos-nos na virtude contrária, e praticarmos sempre a humildade.

Virgem Santíssima, que dissestes no vosso cântico que a humildade foi a causa da vossa dita, alcançai a estas Irmãs a graça de serem o que o Senhor quer que sejam; adornai-as com as vossas virtudes. Sois ao mesmo tempo Virgem e Mãe. Elas são também virgens; Rogai, pois, ao vosso Filho, pelas vossas castas entranhas, onde permaneceu nove meses, que nos conceda esta graça. Suplico-Vos, Senhor que lhas concedeis por meio das palavras de bênção que vou pronunciar em vosso nome e fazei que, ao mesmo tempo, desça do céu o Vosso espírito sobre nós para que possamos praticar estas tão belas virtudes e para que estas Irmãs nunca deixem de se esforçar por as adquirir. É o que peço à Vossa divina Majestade.

Duas Irmãs, depois da bênção, pediram perdão, ao que o Senhor Vicente acrescentou:

Deus vos abençõe, minhas queridas Irmãs! Peço a Nosso Senhor que aceite o sacrifício que acabais de fazer e vos conceda a santa humildade, base e fundamento de todas as virtudes e que nunca possais cair no vício que prometestes evitar o mais possível, com a graça de Deus. Amen.

99. — CONFERÊNCIA DE 21 DE JULHO DE 1658

SOBRE A FIDELIDADE ÀS REGRAS

(Regras comuns, art. 43)

«Minhas queridas Irmãs, eis o conteúdo da última das vossas regras: «Darão grande importância a todas estas regras e louváveis costumes que até agora se têm observado, considerando-os como meios fáceis, dados por Deus, para melhor e mais facilmente

se aperfeiçoarem. Por esta razão, se afeiçoarão a umas e a outras e farão o possível por as pôr em prática.»

Este último artigo recomenda, minhas Irmãs, que apreciéis muito as vossas Regras e santos costumes da Casa, isto é, que tenhais em grande estima tudo o que aqui se tem observado até agora. A primeira razão porque deveis guardar estas Regras, é porque foram inspiradas por Deus, e deste modo as deveis considerar, não feitas pelos homens, mas dadas e inspiradas por Deus aos que escolheu para vos dirigir.

O primeiro motivo pelo qual deveis considerar como Regras dadas por Deus, é que o homem por si próprio não é capaz de ter sequer um bom pensamento se Deus não lho inspirar; por isso, consideram-se as Regras, não só as vossas, mas todas em geral, não como pensamentos ou disposições humanas, mas como vindas de Deus que as inspirou para o bom andamento das Comunidades. Sendo assim, minhas queridas Irmãs, as vossas Regras são-vos dadas por Deus, e por isso, as deveis considerar como vindas d'Ele e não dos homens. Quando vierdes ouvir a leitura das Regras, dizei: «Vou ouvir Deus que me fala», e recebei o que a Regra vos diz como se o próprio Deus vos falasse ao coração. Esta é a primeira razão porque deveis ter grande estima por elas.

A segunda razão, minhas queridas Irmãs é que todas têm por fim fazer-vos boas cristãs, boas servas de Deus e boas Filhas da Caridade. Além disto, tendem a fazer-vos santas porque tudo o que nelas se recomenda refere-se aos mandamentos da lei de Deus e têm por objecto a sua observância, assim como os conselhos evangélicos; em suma, o seu fim, é santificar-vos. Dai-me uma Irmã de entre vós que guarde bem as suas Regras e eu direi como o falecido Papa dizia: «Digam-me de um religioso ou religiosa ou de alguém que viveu em Comunidade, que observou bem as suas Regras e eu o canonizarei.» Que razão tão poderosa para observardes as vossas Regras! Sendo assim, se uma Filha da Caridade foi exacta na sua observância, podemos dizer que viveu e morreu como os santos que estão no céu. Que belas virtudes praticareis se observardes bem as vossas Regras! Lembrai-vos das que resplandeciam nas nossas Irmãs falecidas. Que felizes eram! Que ardente amor de Deus e desejo de servir os pobres, elas tinham! Não vos parece que as suas obras são as mesmas que se lêem na vida dos santos? Quanto a mim, parece-me que o que se lê na vida dos santos, e até mesmo a de Jesus Cristo, é o mesmo que elas fizeram; por isso devem agora participar da divindade. Porque, vêde, minhas Irmãs, as virtudes dos cristãos, daqueles que pisaram aos pés o mundo, por amor de Deus, são uma participação das de Nosso Senhor; por cujo meio, as pessoas humildes, deixando tudo para

servir ao Senhor, participam do seu espírito, participam da sua humildade e de todas as outras virtudes. De modo que, quando virdes uma Irmã praticar alguma virtude e que o faça por Nosso Senhor, pensai que ela vive do espírito de Jesus Cristo. Ora, minhas Filhas, as vossas Regras colocam-vos num estado de perfeição se as guardardes. Vede como as deveis apreciar e amar para não faltardes nem a uma só.

Bem sei que, por vezes, haverá Regras que se opõem entre si. A regra da ordem e do regulamento do dia, manda fazer oração de manhã e, a de assistir aos pobres, ordena que os vão visitar e levar os remédios. O que é preciso fazer neste caso? São duas regras dadas por Deus. Segundo o que acabo de dizer, se observo uma e deixo a outra, não faço a vontade de Deus. Neste caso, a santa obediência resolve tudo, e antes quer que deixeis a oração do que o serviço dos pobres, como tantas vezes já vos ensinei; é deixar Deus por Deus. Por isso, quando vos parecer que não podeis observar uma regra sem deixar outra, não tenhais escrúpulo, porque isto chama-se deixar Deus por Deus. Mas, fora do que até agora foi dito, quando não houver contradição entre duas regras, não deveis deixar nenhuma. Quando o sino toca e vos chama à oração, deveis deixar tudo, pois é Deus que vos diz: «Vinde minhas filhas». Deveis obedecer ao som do sino como à voz de Deus, e considerar que, quando chegardes à capela, Nosso Senhor olhará para vós com prazer. Sois suas esposas, e, nesta qualidade, gosta de vos ver, como um pai gosta de ver os seus filhos. Nunca vistes como um pai deixa tudo pelo prazer que sente em estar com os filhos? E porquê? Ficai sabendo que quanto mais uma Irmã for exacta na observância das Regras, mais se aproximará da santidade. Mas lembrai-vos que as vossas Regras devem ser tão bem compreendidas, que deveis considerar-vos obrigadas a cumpri-las e não pensar em só adquirir algumas virtudes, mas todas as que nelas estão contidas. Assim chegareis à santidade. Sim, minhas Irmãs, tende a certeza de que, se Deus vos conceder a graça de guardardes exactamente as vossas Regras, adquirireis um alto grau de perfeição. Tereis ardente amor por Deus, uma caridade verdadeira para com o próximo, e um grande desejo de serdes desprezadas. As vossas Regras tendem a estas virtudes.

Sendo assim, minhas queridas Irmãs, não quereis, neste momento, tomar uma boa resolução e dizer: «Sim, meu pai, com todo o meu coração prometo a Deus guardar as minhas Regras; com todo o meu coração prometo não descuidar nem uma só». E se for preciso omitir alguma, será pelo oposição que exista entre elas e por motivo de caridade. Creio que todas o desejais, e tendes esta intenção, sobretudo porque sabeis que não há coisa

melhor para alcançar a perfeição. Coragem, minhas Filhas, se fordes fiéis, Deus vos concederá a graça de realizardes grandes obras no seu serviço. Sim, Deus fará pela Companhia obras nunca até então realizadas, se fordes fiéis ao que Ele pede de vós.

Já o vemos agora. Quem jamais ouviu dizer que meninas serviram a pobres criminosos? Já se viu alguma vez, jovens tratarem das crianças abandonadas pelos pais? É o que agora está a acontecer, e Deus compraz-se nestas obras. Ora, se os pais gostam de ver os filhos que são talvez maus, e até seus inimigos, com mais razão Nosso Senhor amará uma alma que faz tudo o que pode para Lhe agradecer? Lembrai-vos sempre, minhas Filhas, que assim como os pais gozam com tudo o que fazem os filhos, também Deus se alegra com os actos de virtude que praticais, e porque sois suas esposas, tem gosto em ver-vos com frequência na oração. Vê como uma está ocupada em considerar a Sua sabedoria e as outras suas perfeições; como se eleva até Ele por actos de amor: «Senhor, eu Vos amo com todo o meu coração, mas porque não posso amar-Vos como mereceis, ofereço-Vos o amor que por Vós tem o Vosso Pai.» Ele vê como outra treme à vista das suas faltas, e procura os meios de se corrigir. Ah! como Ele a considera com gosto! Mas vêde que grande desgosto dá a Deus, aquela que faz a oração com indiferença, preguiça ou outra disposição. Não sendo assim, reina uma harmonia contínua. Tudo o que fazeis na oração, é tão grato a Deus, que Ele anseia por esse momento. Não só o que respeita a oração é agradável a Deus, mas tudo o que fazeis dá-Lhe prazer quando observais as vossas regras. E vendo com que espírito cumpris o vosso trabalho, a confiança que tendes n'Ele, considera tudo isso com tanto prazer que parece não haver outro maior. E porque se contempla a Si mesmo em vós; em vós contempla as suas virtudes, por isso, não pode deixar de vos amar, pois que amamos aquilo que se parece connosco. E quando uma pessoa chegou a este ponto, Deus sente tanto prazer nessa alma, porque vê nela as Suas divinas perfeições; nela depositou, pela Sua graça, a Sua bondade, o Seu amor e a Sua sabedoria. O Filho vê nesta alma a conformidade à vontade de Deus Seu Pai e nela se satisfaz.

Minhas Irmãs, dito isto, quereis dar-vos a Deus para bem observardes as vossas Regras? Creio que é esta a vossa resolução. Enquanto guardardes as vossas Regras sereis muito agradáveis a Deus que terá muito gosto em contemplar-vos. Porquê? Porque observando as vossas regras, cumpris a vontade de Deus. Tende a certeza que não há regra por muito pequena que seja, que não seja agradável a Deus. Que consolação para vós, saber que não só a oração é agradável a Deus, mas até a mais humilhante das

vossas acções, quando são segundo as vossas regras, como lavar os pés aos pobres, beijar o chão, visitar um doente, fazer os despejos! Tudo isto é tão agradável a Deus que Ele prefere, por vezes, estas coisas pequenas às de maior importância, principalmente se são feitas como devem ser; os santos são de opinião que as coisas pequenas são mais agradáveis a Deus do que as maiores.

Observai as vossas regras, pois, elas vos farão santas. Mas, nunca se ouviu dizer que, jovens se deram a Deus para servir os loucos expulsos da casa paterna e encerrados em calabouços! Continuai, minhas filhas, continuai. Não sabeis o que Deus quer fazer de vós; não vemos o que pretende da Companhia. Até agora, vemos bem o que tem feito; mas não sabemos o que quer de vós e daquelas que vierem, para realizar obras que vós e eu não vemos; o que é preciso, é observar as Regras que Ele vos deu.

Mas Senhor, que faremos para isso? Minhas Irmãs, é preciso que, com o tempo arranjem uma cópia impressa, ou doutra forma, e que todos os dias leiam um artigo das Regras. Além disso, é preciso trazê-las convosco; e quando tiverdes que esperar a vossa Irmã em qualquer sítio, puxai-as do bolso e lêde-as. As que não sabem ler «in nomine Domini» lembrar-se-ão que Nosso Senhor é a sua regra e que será o seu leitor, mas não deveis deixar passar um dia, sem ler algum artigo.

Ah! Se observasseis a prática dum mosteiro de Paris que às vezes visito! Não vejo nenhuma das religiosas sem um livro na mão; e creio que são as suas regras.

Senhor, mas porque lêem tantas vezes estas Regras que já sabem de cor? Pois é de crer que as sabem. — Minhas Irmãs, é porque nelas está oculto o espírito de Deus. Por isso, não se cansam de as ler e reler. Deus dá às almas que O temem, novo aumento de devoção para as praticarem a todos os instantes. Os Capuchinhos lêem-nas a miúdo. Será porque não as conhecem? Não são maiores do que as vossas, por isso as devem conhecer bem, e não parece necessário que as leiam tantas vezes, contudo lêem-nas todas as sextas feiras, porque esperam que ouvindo-as, Deus lhes dará maiores luzes para as observarem. Deveis vós, também, adquirir este costume, e no fim do ano quando fizerdes o Retiro anual, percorrei-as todas de novo, para veres se não falteis nalgum ponto. Tenho eu guardado esta Regra? Sim, pela graça de Deus. Se houver faltas, deveis humilhar-vos e fazer penitência pelas que cometestes contra a Regra. Há quem tenha a devoção de pedir penitência pelas faltas às Regras, cada tres meses, mais ou menos, quando fazem a comunicação ao Superior ou quando se confessam; Deus concede a esses a graça de cres-

cerem de virtude em virtude. Diz-se: «Como a Irmã fulana é observante das Regras.» Porque notamos bem isto na casa, assim como se não as observassem. Veremos as Irmãs que praticam as Regras sempre recolhidas, de olhos baixos; porém as que não as observam não procedem assim. Por isso, minhas Irmãs, vamos pedir a Deus a graça de observardes bem as vossas Regras.

— Mas, Senhor, custa muito chegar a isso. — Minhas Irmãs, sempre ouvi comparar a dificuldade de praticar as Regras com a de levar um anel no dedo, que não custa nada. Quem está habituada à observância das Regras, não encontra mais dificuldade do que em levar um anel no dedo. Quando vejo que em casa se levantam às quatro, vão para a oração e logo a seguir celebram a Missa (e nisto se passa quase toda a manhã) digo comigo mesmo: «Meu Deus! O bem não custa nada quando a ele nos acostumamos.» Da mesma maneira as que se habituarem a observar as Regras, não terão dificuldade em praticá-las; e se sentirem alguma dificuldade, é porque não sabem encontrar nelas o espírito de Deus. Perguntai a um mau sacerdote como eu: «Custa-lhe muito o officio?» — Ele vos responderá: «Sim porque é muito comprido.» Perguntai a uma boa Filha da Caridade como cumpre as suas Regras e ela vos dirá, que as observa sem dificuldade alguma. Se houver alguma que nelas encontre dificuldade, é porque ainda se não habituou a elas. Pedi a Deus, minhas Irmãs, especialmente amanhã, festa de Santa Maria Madalena, a graça de observardes bem as vossas santas Regras e dai-vos a Deus para as praticardes assim como também o regulamento do dia que vou ler; pois, com ele se terminam as vossas Regras.

Aqui tendes a ordem do dia...

(O que nesta Conferência se disse sobre o bom emprego do dia, acrescentou-se a outra Conferência feita a 6 de Outubro seguinte).

Oh! Senhor! Que fundastes esta humilde Companhia, composta de pobres jovens, vós que quizestes nascer duma pobre donzela, ainda que de família real, e a vossa vontade é que façam como fez vosso pai S. José, desejais que façam o que Vós e a Vossa Mãe fizeram sobre a terra; vos suplicamos, Senhor, concedais a graça a esta companhia de jovens que, no momento em que receberem a bênção, se sintam eficazmente inclinadas a praticar as suas Regras. Concedei-lhes a graça de as observarem como Vós próprio observastes as que vosso Pai vos deu. Oh! Senhor, não queremos fazer outra coisa. As nossas Irmãs não querem transgredi-las, mas guardá-las; não querem que sejam diminuídas mas aumentadas; o seu desejo é guardar os Vossos Mandamentos, os Vossos conselhos, e observar as suas Regras. Concedei-lhes, pois,

esta graça, nós Vo-lo pedimos por amor de Nosso Senhor e de sua Santíssima Mãe, e por Santa Maria Madalena que tanto vos amou, e assim como ela foi fiel às Regras que lhe inspirastes, assim elas sejam em guardar as que por vossa inspiração, lhes foram ordenadas. Oh! Meu Salvador! Concedei-nos esta graça por amor de Santa Marta e também de Santa Joana de Cuza, de maneira que não tenhamos outro gozo senão o de as praticar. Isto vos peço com todo o meu coração e em vosso nome darei a bênção.

100 — CONFERÊNCIA DE 4 DE AGOSTO DE 1658

ÀS QUATRO IRMÃS ENVIADAS PARA CALAIS

No domingo 4 de agosto de 1658, o nosso Honoratíssimo Pai teve a bondade de vir falar às quatro Irmãs que sua caridade escolheu para irem em auxílio das que estavam em Calais no serviço dos pobres doentes por ordem da Rainha.

Sua caridade, logo à entrada, manifestou espontaneamente a consolação que sentia nesta circunstância, dizendo:

Minhas Irmãs, venho participar da vossa alegria e da consolação da Senhora Legras, pela escolha que Deus fez da pequena Companhia, que Ele próprio formou. Que felicidade, minhas Irmãs, ter sido a Companhia preferida a tantas outras, que, sem dificuldade, teriam feito melhor do que vós! No entanto, esta escolha foi feita por sua própria vontade, visto que foi por intermédio da rainha que vos chamou.

Que é preciso fazer, minhas Irmãs? Ter muita humildade e muito reconhecimento. Quem diria, Irmã Henriqueta, que sois das primeiras na Companhia, que esta companhia seria consagrada a obras tão admiráveis? Não vos admireis, porque é evidente que Nosso Senhor formou-a segundo o modelo da sua própria vida. Que veio Ele fazer ao mundo senão salvar os povos? E a que estão consagradas as nossas Irmãs, senão em fazer todo o possível para salvar a vida a tanta pobre gente a quem a quiseram tirar?

E o bom coração do nosso Honoratíssimo Pai enterneceu-se e as lágrimas correram-lhe pelas faces, dizendo-nos:

Não é isto que as nossas Irmãs fizeram e fazem presentemente, e nisso algumas até já perderam a vida? Oh! Como são felizes por terem perdido a vida por um motivo tão digno! Minhas queridas Irmãs, as outras, também, estão muito doentes, e

não sabemos o que Deus lhes pedirá mais. Demo-nos a Deus para fazer sempre a Sua santa vontade.

Isto foi o que o Nosso Honoratíssimo Pai, mais ou menos disse, para dar a entender às Filhas da Caridade que é necessário irem para aonde Deus as quiser enviar para o serviço dos Pobres.

Vejam agora as razões especiais. Não posso apresentar outras, minhas Caríssimas Irmãs, senão as mesmas que Nosso Senhor teve ao incarnar-se, e que foi a de cumprir a vontade de Deus seu Pai, que desde toda a eternidade assim o tinha previsto para a salvação dos homens, e os desígnios que a divina Providência, desde toda a eternidade, teve sobre as vossas almas, porque, queridas Irmãs, a divina Providência teve desígnios sobre vós, não só em geral, mas em particular. Diante d'Ele sempre fostes o que sois agora. Não acontece com Deus o que acontece com os homens; n'Ele não há passado nem presente, de maneira que estáveis sempre diante de Deus; desde toda a eternidade, conhecia já o que deveríeis ser. Viu a Companhia e as funções que lhe daria. Que motivo de consolação, minhas Irmãs!

Esta manhã dizia na repetição de oração: «Já ouvistes alguma vez falar da existência, na Igreja, duma Companhia de virgens e viúvas que tenham como fim principal o serviço do próximo, como a Companhia da Caridade? Já ouvistes, alguma vez, falar de jovens que abandonam os seus pais, os seus bens e, o que é ainda mais, a própria pessoa, para irem — fazer o quê? — servir os pobres soldados doentes? Já ouvistes alguma vez falar de jovens que reparam os males da guerra. Muitas histórias se contam do passado; ouvistes alguma coisa de semelhante? Mas, ouvistes alguma vez dizer que há meninas que se consagram de tal maneira ao serviço do próximo, que tão depressa as vimos numa casa como noutra, para assistir a este ou àquele doente, e que estejam prontas para irem e virem para o lugar onde Deus as chamar? Já vistes isto? Não, minhas Irmãs, nunca se viu, o que, pela graça de Deus, fazeis agora; é uma coisa inaudita. Oh! Minhas Filhas, nunca se viu fazer o que agora fazeis!

Direi mais: «Ouvistes alguma vez dizer que a Rainha tenha pedido pessoas do seu sexo para fazerem o que vós fazeis? Nunca se viu! Embora haja Filhas da Caridade e Irmãos da Caridade, fixaram os olhares em vós, excluindo todas as outras. Já ouvistes dizer que haja pessoas tão desprendidas dos affectos naturais, que, sabendo que dentre quatro Irmãs que foram enviadas, uma morreu e as outras adoeceram, e apesar disso se oferecem para as substituir e digam: «Senhor, estou pronta» como vós mesmas o fizestes? Todas pensam assim no seu coração e estariam prontas a fazer, se fosse preciso, o mesmo que fizeram

aquelas que Deus escolheu para isto. Minhas Irmãs, isto é continuar a obra dos santos. Outrora, apenas era eleito um papa, cortavam-lhe a cabeça; mas imediatamente, aparecia outro para o substituir, sabendo, contudo, que lhe cortariam a cabeça. Contam-se trinta e cinco papas que sofreram assim o martírio.

Que ides fazer, minhas Irmãs? Ides ocupar o lugar daquela que morreu, ides para o martírio, se Deus quiser dispor de vós, para isso. Quanto à nossa querida Irmã que faleceu, creio que já deve ter recebido a recompensa dos mártires, tereis a mesma recompensa se tiverdes a felicidade de morrer com as armas nas mãos, Oh! Minhas Filhas, que felicidade!

Parece-me que ouço as nossas Irmãs, dizerem-me: «Mas, Senhor, para aonde vão as nossas Irmãs! Não há muito tempo que vimos partir quatro; uma morreu, as outras estão doentes e agora enviais outras quatro para as substituir. Quem sabe se as tornaremos a ver. Perderemos as nossas Irmãs. Que será então da Companhia?»

Minhas Caríssimas Irmãs, a objecção foi também feita aos santos mártires. Pensavam que, à força de mártires, a Igreja desaparecia por falta de membros para a continuar; mas respondovos o que foi respondido igualmente sobre este assunto: «Sanguis martyrurum est semen chistianorum.» Por um que sofrer o martírio, apresentar-se-ão uma quantidade de outros; o seu sangue será uma semente que produzirá fruto, mas em abundância. O sangue das nossas Irmãs, será semente de outras e merecerão que Deus conceda a graça da santificação àquelas que permanecerem.

A estas palavras o nosso honoratíssimo Pai foi obrigado a deter-se por causa da abundância de lágrimas, mas depois com a voz entrecortada pelos soluços, sua caridade acrescentou:

Minhas Filhas, ides fazer o acto mais elevado de amor de Deus que se pode fazer, pois não há maior acto de amor do que o martírio. Humilhai-vos, minhas Irmãs, ao considerardes que Deus preferiu a vossa Companhia a tantas outras que fazem o bem melhor do que vós! Mas Ele é o dono e é assim que lhe apraz fazer. Há na Companhia Irmãs que fariam muito bem se também fossem enviadas, mas Deus escolheu-vos a vós. Preferiu-vos entre todas as vossas Irmãs para esta santa obra. Que motivo de confusão! Humilhai-vos, minhas Irmãs, considerando-vos indignas deste favor. O quê, Senhor! Enviar uma pobre rapariga sem conhecimentos, a um país onde não tem nem parentes nem nada que lhe diga respeito, e preferi-la a outras tão estimadas!

Humilhai-vos, minhas Irmãs; e vós que acabais de tomar o

hábito, mais do que nenhuma. Não direis nas hospedarias onde vos detiverdes que foi a Rainha que vos mandou chamar, que vos preferiu a tantas outras; nada disso. Mas se vos perguntarem: «Onde ides?» Respondei: «Vamos para aonde Deus nos chama» Ou então: «Vamos para tal lugar.» — Fazer o quê? — «O que Deus quiser.» Não direis nada para vossa vantagem. Humilhai-vos todas e cada uma em particular, reconhecendo-vos as mais miseráveis e as mais imperfeitas da Companhia.

Estabelecei-vos bem na ideia de que sois as piores não só das Filhas da Caridade, mas de todo o mundo; podemos dizer isto não apenas por imaginação, mas com toda a verdade. Somos piores do que todos os grandes pecadores do mundo por causa do abuso que fizemos das graças que Deus nos concedeu e pelas nossas ingratidões. É o primeiro meio de conservar a graça que Deus vos concedeu, chamando-vos ao cumprimento dos seus desígnios.

Outro meio é termos grande fé e confiança porque sabemos que realizamos a vontade de Deus. Quando a autoridade da terra ordena alguma coisa, submeter-se a ela, é fazer a vontade de Deus. Sendo assim, esperamos que Deus vos concederá todas as graças necessárias para o cumprimento da sua obra.

Agora, é preciso terdes grande caridade e suporte entre vós. Porque, minhas Irmãs, tereis que suportar-vos uma à outra. A Irmã Henriqueta terá alguma coisa que talvez vos faça pena, e vos faça pensar: «O quê, esta Irmã faz isto! Proceder assim! É que aspecto!» E vós, minha Irmã, tereis alguma coisa que desagrade à vossa Irmã Henriqueta. Que deveis, então, fazer? Suportar-vos mutuamente. A caridade fará isto. Será preciso suportar a Irmã Henriqueta e peço-lhe que suporte a companheira como quere ser suportada, condescender com aquela que tem algum desgosto, algum aborrecimento, seja corporal ou espiritualmente. Minhas Filhas, o amor deve ser tão sólido entre vós que nada seja capaz de o alterar; da mesma maneira quando a vossa Irmã estiver triste, entristecei-vos com ela; se alguma estiver doente que todos sintam a sua doença com ela, como aquele que dizia: «Quis infirmatur, et ego nom infirmor?» Quem está doente que eu não o esteja com ele?

Depois, minhas Irmãs, deveis servir estes pobres doentes com grande caridade de maneira que sintam que os tratais com um coração cheio de compaixão por eles. É preciso suportar as Senhoras quando ali chegardes. Se virdes que os que servem os doentes não se portam bem, não direis nada, nem mesmo às vossas Irmãs, a não ser em particular.

Se tiverem algum aviso para dar, é à empregada que o devem

fazer, em particular. Nisto, minhas Irmãs, considerareis a Irmã Henriqueta não apenas como Irmã Servente da Companhia mas vereis Deus nela. Tende a certeza que enquanto fizerdes o que ela mandar, tudo irá bem. Tendes visto como se faz aqui e como as Regras são observadas; fazei como se aqui estivésseis. Guardai as vossas Regras tanto quando puderdes, e o serviço dos doentes vo-lo permitir. Se for preciso deixar a oração para tratar dum doente, deixai-a porque deixais Deus na oração para O encontrardes no doente. Guardai as vossas Regras e elas vos guardarão. Se encontrardes no caminho pessoas que não sejam capazes das vossas pequenas práticas, fazei as vossas orações no coche o melhor que puderdes. A Irmã Henriqueta dará o sinal para começar e para acabar.

Se os que vão no coche disserem palavras que não quereis ouvir, falando do próximo, não direis nada, pelo menos no primeiro dia, a não ser que vos interroguem; porque, então, é preciso defender os direitos de Deus e suportar o próximo; Deus espera isto de vós. Não receeis minhas Irmãs; se fizerdes desta maneira, ganhareis os corações, sobretudo se procurardes introduzir a prática da ladainha da Santíssima Virgem, à noite e a de Jesus de manhã e o terço todos os dias. Podeis, também, dizer: «Meus Senhores, muitas pessoas têm o costume de rezar isto ou aquilo quando viajam; não quereis fazer o mesmo?» Se vos parecer que não estão muito de acordo, rezai vós próprias, começando uma em voz alta e as outras respondendo.

Quando passardes por alguma povoação, saudareis o anjo da guarda daquele lugar e nas paragens do coche ireis à igreja, se não estiver muito longe. Ficará uma para ver se arranja hospedagem e as outras irão adorar o Santíssimo Sacramento.

Ora, pois, minhas Irmãs, sede firmes não vos assusteis com os pensamentos que o espírito maligno vos sugerir. Quanto às Irmãs completamente novas na companhia, considerar-se-ão as últimas, por isso, deverão ser muito submissas a tudo o que lhes ordenarem. Devem considerar-se como noviças.

Quando pediram a Santo Inácio, fundador duma Companhia dedicada completamente à salvação das almas, que enviasse os seus filhos a arunciar a palavra de Deus aos soldados, ele não fez dificuldade em enviar noviços. Uma vez que mandou um, este distinguiu-se tanto que chegou a ser notado na virtude e causou edificação; ao verem este homem de vida tão exemplar perguntaram a Santo Inácio onde tinha feito o noviciado: «Entre os soldados», respondeu este santo Padre. Por isto, julgaram que podiam escolher igualmente, noviços ou antigos, para os enviar, quando fosse preciso.